



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MARCELA DE OLIVEIRA MUCCILLO

ESTUDO DA CULTURA MATERIAL DAS
TRIBOS INDÍGENAS CARNAVALESCAS DE JOÃO PESSOA

João Pessoa
2019

MARCELA DE OLIVEIRA MUCCILLO

**ESTUDO DA CULTURA MATERIAL DAS
TRIBOS INDÍGENAS CARNAVALESCAS DE JOÃO PESSOA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação, Memória e Sociedade

Orientador: Carlos Xavier de Azevedo Netto

João Pessoa
2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M942e Muccillo, Marcela de Oliveira.
Estudo da Cultura Material das Tribos Indígenas
Carnavalescas de João Pessoa / Marcela de Oliveira
Muccillo. - João Pessoa, 2019.
258 f.

Orientação: Carlos Xavier de Azevedo Netto.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Cultura Material. 2. Inventário. 3. Tribo Indígena
Carnavalesca. 4. Patrimônio Cultural. 5. Memória. I.
Azevedo Netto, Carlos Xavier de. II. Título.

UFPB/BC

MARCELA DE OLIVEIRA MUCCILLO

**ESTUDO DA CULTURA MATERIAL DAS
TRIBOS INDÍGENAS CARNAVALESCAS DE JOÃO PESSOA**

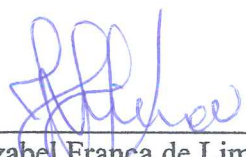
Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em 28/03/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
Presidente/ Orientador (PPGCI/UFPB)



Prof. Dr. Izabel França de Lima
Membro Examinado Interno (PPGCI/UFPB)



Prof. Dr. Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro
Membro Examinador Externo (Museu de Astronomia e Ciências Afins)

Aos brincantes e guerreiros dos índios do carnaval que morrem e renascem a cada ano.
Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

De maneira especial, agradeço à toda minha família. Em especial ao meu pai, que gostaria muito que pudesse presenciar o fechamento de mais este ciclo, à minha mãe, que, certamente, foi uma grande inspiração de coragem e força em toda minha vida, às minhas irmãs carinhosas e incentivadoras dos meus sonhos, Dani e Mari, meus sobrinhos queridos, João Vitor, Murilo, Juju e Gustavinho, pela doçura e generosidade de sempre, e à minha doce Vó Ção, mulher de fibra e amorosa que sempre me protegeu em suas orações;

Pelo carinho, amor, agradeço a Pablo, meu companheiro, parceiro de sonhos e inquietações que nos mantêm em movimento.

Por toda a atenção, dedicação e amizade, agradeço a Carlos Xavier que, além de concordar com a proposta deste trabalho, me orientou com respeito e estímulo. Pela disponibilidade, agradeço também a Izabel França de Lima e pelas contribuições bibliográficas, problematizações e participação nesta banca, agradeço a Maria Lúcia Niemeyer Matheus Loureiro.

À disponibilidade e generosidade dos mestres e mestras que contribuíram com suas vozes neste trabalho: Aimoré e Nina dos Tupinambás, seu Zé do Balaio dos Xavantes, dona Helena dos Índio dos Tabajara, Genildo da Papo Amarelo, Bideco e Neide da Tupy Guarani, Manuel Índio da Tupi Guanabara, Toin dos Guanabara e Sandra e seu Pindoba do Africanos, agradeço pelas contribuições dedicadas a este trabalho.

Agradeço aos meus amigos (todos!). Aos grupos, aos mestres e mestras da cultura popular que pude conviver com a participação no Fórum das Culturas Populares Tradicionais da Paraíba.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação à coordenação aos professor Henry Poncio, e os servidores Franklin Duarte Kobayashi e Alinny Costa Araújo dos Santos, aos docentes que contribuíram com esta etapa de formação, aos discentes do programa: grata pela convivência e troca de saberes.

A todas as pessoas que de alguma forma participaram dessa etapa formativa de minha vida e na elaboração deste trabalho e que não foram citados nominalmente nestes agradecimentos.

RESUMO

A partir da perspectiva dos estudos de cultura material, reconhecendo a tradição como um suporte de memória, este trabalho buscou identificar as referências culturais presentes na performance das Tribos Indígenas Carnavalescas. Reconhecendo esta brincadeira de carnaval como um marco informacional e memorialístico de segmentos sociais da cidade de João Pessoa/PB, a pesquisa em tela dedicou-se a este bem cultural de significativa expressão material. A não existência de quaisquer registros minimamente sistematizados dos objetos produzidos pelos grupos culturais demandou a necessidade de realização de um trabalho de documentação da cultura material dos oito grupos em atividade durante o evento Carnaval Tradição, de 2018. Com base nas experiências de inventários, como a metodologia do Inventário Nacional das Referências Culturais e bem como os modelos de estudo e catalogação de objetos e peças de museus, este trabalho desenvolveu um modelo próprio de inventariação. Desse modo, elaborou-se um inventário como instrumento de estudo e organização da informação acerca dos objetos produzidos pelos grupos estudados, contemplando as relações sociais, simbólicas, políticas e econômicas de um fazer cultural coletivo. Assim, este trabalho apresenta o registro da discussão conceitual e metodológica da elaboração do modelo utilizado, bem como apresenta o registro da aplicação da metodologia de inventário.

Palavras-chaves: Cultura Material; Inventário; Tribo Indígena Carnavalesca; Patrimônio Cultural; Memória.

ABSTRACT

From the perspective of material culture studies, acknowledging tradition as a support of memory, this work aims to identify the cultural references present in the material culture of the Indigenous Carnival Tribes. The present research devotes itself to studying the system of things of this cultural practice of significant material expression. The absence of any minimally systematized records of the objects produced by cultural groups required the production of documentation on the material culture of the eight active groups during Carnaval Tradição - the festivities of 2018. Based on the experiences of inventories, such as the methodology used in the National Inventory of Cultural References as well as the models of study and cataloging of objects and museum pieces, this work developed its own inventory model.

Key words: Material Culture; Popular Culture; Inventory; Indigenous Carnival Tribes..

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Tribo Indígena Tabajaras Carnaval 2017.....	18
Figura 02	Tribo Indígena Carnavalesca Africanos (estandarte) Carnaval 2017	19
Figura 03	Tribo Indígena Xavantes Carnaval 2017.....	20
Figura 04	Tribo Indígena Tupy Guanabara (momento da morte) Carnaval 2018	20
Figura 05	Tribo Indígena Carnavalesca Africanos (Comissão de Frente) Carnaval 2017	20
Figura 06	Tribo Indígena Pele Vermelha (Tocadores) Carnaval 2017	21
Figura 07	Tribo Indígena Pele Vermelha (Capacete) Carnaval 2017	22
Figura 08	Tribo Indígena Papo Amarelo (Capacete) Carnaval 2018	22
Figura 09	Tribo Indígena Tupinambás (Capacete) Carnaval 2018	22
Figura 10	Mapa das localizações das Tribos Indígenas Carnavalescas atuantes em 2018	35
Figura 11	Registro fotográfico dos objetos-Visita de campo à Tribo Indígena Tupy Guanabara	51
Figura 12	Sede Tupy Guarani: confecção de objetos.....	52
Figura 13	Sede Africanos: confecção de objetos.....	53
Figura 14	Casa de seu Antônio (presidente da Tribo Guanabara): confecção de objetos.....	54
Figura 15	Sede Tupi Guanabara: confecção de objetos.....	55
Figura 16	Material de devolução entregue para os grupos (fotos e DVD)	56
Figura 17	Ensaio da Tribo Indígena Carnavalesca Tupinambás (dezembro de 2018)	57
Figura 18	"Africanos" da Torrelândia [Iconográfico] : Carnaval da Parahyba	59
Figura 19	"Tupy-Guarany" do Roggers [Iconográfico] : Carnaval da Parahyba	59
Figura 20	"Tupy-Guarany" do Roggers [Iconográfico] : Carnaval da Parahyba	60
Figura 21	Formato cilíndrico dos cocares.....	60
Figura 22	Esquema 1- disposição dos objetos no espaço	62
Figura 23	Esquema 2 - disposição dos objetos no espaço	62
Figura 24	Esquema 3 - disposição dos objetos no espaço	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Estrutura do INRC.....	39
Quadro 02	Tópicos gerais das fichas das categorias do INRC	40
Quadro 03	Modelos de Estudo de artefato.....	43
Quadro 04	Modelo de catalogação de obras de arte	44
Quadro 05	Ficha de Catalogação de Grupo.....	46
Quadro 06	Ficha de Catalogação de Objeto.....	47
Quadro 07	Atividades de Campo	50
Quadro 08	Levantamento das Tribos Indígenas Carnavalescas.....	54

LISTA DE SIGLAS

PR	Paraná
SP	São Paulo
PE	Pernambuco
INRC	Inventário Nacional das Referências Culturais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
CI	Ciência da Informação
UFPB	Universidade Federal do Estado da Paraíba
ABEM	Associação Brasileira de Educação Musical
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
DIDI-IPHAN	Departamento de Identificação e Documentação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. PRIMEIRO OLHAR SOBRE OS OBJETOS DAS TRIBOS INDÍGENAS CARNAVALESCAS	19
2.1. Estandarte	19
2.2. Trajes.....	20
2.3. Acessórios de indumentária	21
2.4. Armas de Guerra.....	22
2.5. Objetos Ritualísticos	22
2.6. Instrumentos Musicais	22
2.7. Capacete	23
2.8. Objetos Cênicos	23
3. ASPECTOS CONCEITUAIS E CONTEXTUAIS DO ESTUDO DA CULTURA MATERIAL DAS TRIBOS INDÍGENAS CARNAVALESCAS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	24
3.1 Memória, Identidade e Patrimônio	25
3.2 Cultura Material e a Ciência da Informação: o caso das tribos indígenas carnavalescas.....	30
4. CONSTRUINDO UM INSTRUMENTO METODOLÓGICO DE ESTUDO DA CULTURA MATERIAL	37
4.1. O Inventário como Metodologia	38
4.2. O Inventário Nacional das Referências Culturais	39
4.3. Inventário da Cultura Material das Tribos Indígenas Carnavalesca	43
5. NOTAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO INVENTÁRIO	51
5.1. Sobre o contexto e métodos de campo	51
5.2. Sobre a circulação de brincantes entre Tribos	58
5.3. Sobre a elaboração e confecção dos objetos	59
5.4. Sobre as transformações dos objetos	60
5.5. Sobre os lugares dos objetos.....	54
5.6. Sobre Tradição e Inovação, Permanências e Transformações	66
5.7. Sobre Índios Originais e Índios de Carnaval	68
5.8. Sobre o Feiticeiro	68
5.9. Sobre Memória e Identidade	69
6. CONSIDERAÇÕES	72
REFERÊNCIAS	76

APÊNDICE A - INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL DAS TRIBOS INDÍGENAS CARNAVALESCAS	81
ANEXO	250

1. INTRODUÇÃO

As chamadas Tribos Indígenas Carnavalescas também são conhecidas como “Tribos de Índio”, Tribo ou apenas como Índios. São uma manifestação cultural, que se configuram como uma expressão singular de João Pessoa e de algumas cidades do interior da Paraíba. Na capital, têm como ponto culminante o desfile oficial do carnaval da cidade - o “Carnaval Tradição”, onde todas as tribos da região se apresentam e disputam em um concurso organizado pela prefeitura quem tem o “primeiro lugar” como o título da melhor Tribo Indígena do ano.

Com a regulamentação do processo de registro dos patrimônios culturais imateriais, nos últimos quinze anos, nota-se de forma acelerada o surgimento, no Brasil, de museus dedicados a se constituir como centro de referência para práticas culturais hoje denominadas de *bens imateriais*, a exemplo do Museu Vivo do Fandango (PR, SP) e o Museu do Frevo (PE). Neste contexto de práticas culturais sendo patrimonializadas, bem como musealizadas, tem surgido formas de trabalhos de catalogação e divulgação dessas práticas culturais. A proposta em tela propõe debruçar-se sobre um bem cultural de significativa expressão visual, as Tribos Indígenas Carnavalescas: uma ‘dança dramática’, em conformidade com a classificação de Mário de Andrade (1982), ao se referir a tal prática cultural a partir dos registros da viagem realizada na década de 1930.

A narrativa que perpassa esse grande espetáculo é a de uma tribo indígena, que é surpreendida por um grande conflito, possivelmente provocado pelo ataque de integrantes de outra tribo inimiga, envolvendo as passagens da ‘Morte’ (ou matança) e a ‘Ressurreição’. A musicalidade, a visualidade, bem como toda performance desenvolvida em cena é produzida pelos participantes desta brincadeira, moradores das periferias urbanas da capital e cidades vizinhas. Música instrumental, dança, encenação, performance corporal, fantasias e adereços são os elementos expressivos que compõem esta manifestação popular.

A linguagem visual é expressa não apenas pela materialidade e forma, mas também pela espacialidade. A expressividade visual das Tribos Indígenas é uma de suas características emblemáticas. Muitos são os materiais utilizados para produção dos adereços e fantasias: penas de pavão, peru, pato, tecidos diversos, bolinha de natal, lantejoulas, sementes e madeiras, ferro de construção, entre outros.

Uma das referências visuais/plásticas de grande relevância dessa manifestação popular é o grande cocar, chamado de “capacete”, que impressiona pela sua dimensão, podendo chegar a quatro metros de comprimento e pesar quarenta quilos ou mais. Eles são carregados pela

avenida na cabeça dos participantes, também chamados de “espiões”. Para além das produções materiais, plásticas, de grande importância nesta prática cultural, a visualidade expressa na performance do grupo é também um elemento característico desta brincadeira de carnaval, como por exemplo, coreografias, movimentos virtuosos e ocupação da rua como espaço cênico.

As Tribos Indígenas configuram-se como uma prática cultural (CANCLINI, 1983) de grande expressividade da diversidade da cultura paraibana. Há ocorrências, no Nordeste e em todo Brasil, de outras manifestações culturais que tenham por enredo narrativas idealizadas de um universo indígena. Em Pernambuco, por exemplo há a ocorrência dos Caboclinhos, uma manifestação popular tradicional do calendário do carnaval, que envolve música instrumental, dança, encenação e adereços. No entanto, para além do fato de os participantes as identificarem como brincadeiras distintas, os Caboclinhos, com ocorrência em Pernambuco, e as Tribos Indígenas, na Paraíba, a passagem da matança e ressurreição são presentes apenas nas Tribos Indígenas, tratando-se de um dos grandes elementos diferenciadores de tais práticas culturais.

Durante o carnaval de 2010, pude acompanhar de perto ensaios, confecção de fantasias, adereços, apresentações oficiais e apresentações fora da programação oficial da prefeitura de João Pessoa. Participei dos ensaios, momento de transmissão de conhecimentos, aprimoramento, experimentação e criação, bem como das apresentações e do desfile oficial. Foi a partir de tal experiência que comecei a me interessar por essa manifestação da cultura paraibana.

A proposta de pesquisa em tela, tem por meta documentar a cultura material da Tribo Indígena Carnavalesca. Esta pesquisa parte da ideia de que o sistema cultural (GEERTZ, 1997) que envolve a performance das Tribos Indígenas Carnavalescas tem por referência simbólica uma diversidade de narrativas e repertórios imagéticos. Desse modo, pode se compreender que cada espetáculo produzido desta manifestação cultural se configura como resultado de uma mistura que inclui sentimento de ancestralidade, narrativas da oralidade, vivências dos rituais de religiões afroindígenas, bem como o imaginário formado por referências da cultura de massa, como por exemplo o cinema, a literatura, entre outros gêneros.

Nesse sentido, este estudo compreende que as Tribos se configuram enquanto performances que expressam a interpretação coletiva de uma identidade indígena de um passado idealizado, que conjuga celebração, religiosidade, brincadeira, mito, prazer e tradição.

Buscando refletir acerca da diversidade de elementos e referências simbólicas presentes nas performances das tribos indígenas do carnaval de João Pessoa, a presente proposta de pesquisa tem como questão central o seguinte problema: quais as referências culturais presentes na cultura material das Tribos Indígenas do Carnaval de João Pessoa?

Compreendo que a importância desta proposta de pesquisa se justifica não só por se tratar do estudo de uma manifestação popular secular, à medida que existem registros fotográficos e relatos orais que atestam tal temporalidade, e de expressiva singularidade e representatividade da diversidade cultural paraibana, mas, também, em função da pouca produção acadêmica acerca das Tribos Indígenas. Ressalto, ainda, que não se tem conhecimento de publicação científica que tenha tido por objetivo estudar os aspectos da expressão da cultura material deste bem cultural.

De acordo com Gonçalves (2007, p.8) “os objetos materiais existem sempre, necessariamente, como partes integrantes de sistemas classificatórios”. Para o autor, o objeto teria o poder de “constituir sensivelmente formas específicas de subjetividade intelectual e coletiva”. Nesse sentido, compreende-se que produzir uma catalogação sistematizada, produzindo o inventário da cultura material da Tribo Indígena Carnavalesca, com atenção para a diversidade de percepções e interpretações que um objeto pode conter, é importante para registrar e compreender os usos e representações atuais.

Nesse contexto, propus realizar um estudo da cultura material, aplicando-se metodologia inspirada na etnografia, com o intuito de coletar discursos de indivíduos integrantes dos grupos pesquisados para que seja possível identificar suas referências culturais, bem como as narrativas e interpretações associadas aos objetos produzidos para a performance da Tribo Indígena Carnavalesca.

Apesar da grande representatividade que a brincadeira das Tribos Indígenas Carnavalescas tem para a diversidade cultural da Paraíba, é notório que ainda há muito pouco estudo acerca desta manifestação popular. Embora, desde a década de 1930, as tribos indígenas carnavalescas tenham sido registradas pelos viajantes das missões de pesquisas folclóricas coordenadas por Mário de Andrade quando à frente da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, as publicações e estudos dedicados a tal manifestação popular teve maior atenção pelos estudiosos dos últimos anos.

Para além da importância de se realizar uma investigação acerca das Tribos Carnavalescas, dando enfoque à sua expressão visual, ressalto as motivações que me mobilizam a propor a presente pesquisa.

Cheguei na cidade de João Pessoa em 2009, mobilizada pela oportunidade de participar de perto da pesquisa da brincadeira do Coco de Roda, através da aplicação da metodologia do Inventário Nacional das Referências Culturais - INRC¹, projeto executado pela

¹ O Inventário Nacional das Referências Culturais– INRC, foi uma metodologia de registro de bens culturais imateriais desenvolvida pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, para atender a

Ong. Meio do Mundo em Convênio com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Tal pesquisa me possibilitou conhecer mestres e participantes de diversos grupos de coco e ciranda, além de atores de outras práticas culturais.

O exercício que a pesquisa de campo que o projeto proporcionou colocou-me diante da prazerosa tarefa de escutar, fazer transcrições e análises das narrativas, histórias e explicações que permeiam o universo da brincadeira de cada realidade vivida pelos grupos e comunidades visitadas em campo. A pesquisa, realizada entre 2009 e 2010, que chegou a percorrer mais de 46 localidades no Estado da Paraíba, teve por objetivo aplicar a metodologia do INRC realizando entrevistas, bem como os registros fotográficos e audiovisuais. Essa experiência me proporcionou um aprendizado prático acerca do trabalho com o inventário de bens culturais imateriais.

Em paralelo ao trabalho como pesquisadora de campo do inventário da brincadeira do coco, participei ativamente do Fórum Estadual das Culturas Populares Tradicionais da Paraíba, espaço de diálogo e proposições políticas para a cultura popular, que me proporcionou conhecer e conviver com muitos mestres e participantes de diversos grupos de cultura popular, dentre eles, o finado mestre Carbureto da Tribo Tupinambás, a finada Mestra Dona Inácia da Tribo Pele vermelha, Mestre seu Luiz, da Tribo Flecha Negra e Mestre Genildo, da Tribo Papo Amarelo.

Durante os anos 2010 a 2013 acompanhei, realizando registro fotográfico e audiovisual, os desfiles das tribos indígenas, realizados no dia oficial das Tribos Indígenas, como também ensaios, apresentações nas prévias carnavalescas, além de montagens e confecções das fantasias e adereços. Desse modo, além de me encantar com essa manifestação popular, iniciei um contato mais próximo junto aos mestres das tribos e também acabei por produzir um acervo de imagens que me proporcionou essa vontade de conhecer e estudar a cultura material das Tribos Indígenas Carnavalescas.

Nessa direção, no que diz respeito à proposta de realizar um trabalho com olhar direcionado a perceber as referências culturais da cultura material das Tribos Indígenas Carnavalescas, isso também se deve à minha formação em Artes Visuais, pois compreendo que minha contribuição para o campo da Ciência da Informação vem sendo mais efetiva à medida que tenho realizado um trabalho de documentação que relaciona minhas experiências da

demanda, de identificação, registro e salvaguarda dos patrimônios imateriais nacionais, gerada a partir da regulamentação do artigo 215e 216 da Constituição Federal do Brasil com publicação do decreto 3551/2000.

graduação com o estudo da visualidade. Nesse aspecto, os estudos da cultura material,² que agregam conteúdos interdisciplinares, têm mostrado sua relevância para a compreensão cultural e identidade de grupos sociais estudados pelas ciências sociais.

A partir dos apontamentos previamente apresentados, delimitei como objetivo geral deste estudo: identificar referências culturais da cultura material presente na performance das Tribos Indígenas Carnavalescas. Para que seja possível alcançar esse objetivo geral, identifico como passos fundamentais deste trabalho os seguintes objetivos específicos: identificar transformações estéticas e socioculturais da manifestação, percebendo os vetores que propiciam tais modificações nos modos de fazer dos grupos, sejam influências do poder público, da mídia, participantes ou lideranças internas e externas do grupo; e, por fim, realizar um estudo dos aspectos gerais que constituem os elementos da cultura material das Tribos Indígenas Carnavalescas, identificando, por meio de inventário, os diferentes elementos plástico-visuais presentes na performance do grupo, abarcando suas dimensões estéticas, formais, de significados, valores políticos, econômicos, usos e funções.

O texto desta dissertação foi dividido em quatro capítulos que se comunicam e orientam para uma aproximação entre o objeto de estudo, as discussões teóricas e metodológicas, bem como as observações e interpretações da aplicação da metodologia de documentação proposta neste trabalho.

O capítulo *Primeiro olhar sobre os objetos das tribos indígenas carnavalescas*, que inicia este trabalho, busca apresentar a diversidade material presente nas apresentações dos grupos, este tópico inicial do trabalho tem a intenção de localizar o leitor acerca do contexto de peças e objetos que compõem a cultura material desta manifestação, à medida que toda discussão teórica e metodológica desta dissertação faz referência e problematizações acerca do contexto do objeto de estudo.

Em *Aspectos conceituais e contextuais do estudo da cultura material das tribos indígenas carnavalescas na ciência da informação*, apresenta-se uma construção teórica acerca dos conceitos de informação, memória, identidade e patrimônio, que contribuem para problematização e interpretação do contexto do sistema cultural que a Tribo Indígena se insere, contextualizando a reflexão a partir das possibilidades e contribuições possíveis a partir do enfoque da cultura material como uma prática de estudo concernente à Ciência da Informação.

² Os estudos de ‘cultura material’ são originalmente um campo da arqueologia, muito usada também na museologia, mas que atualmente compõem um campo bem mais amplo, trata-se de uma disciplina que pesquisa a produção material da humanidade, passada e contemporânea, voltada para o estudo de todos os aspectos das relações entre o material e o social (LIMA, 2011).

O capítulo, *Construindo um instrumento metodológico de estudo da cultura material*, buscou realizar uma discussão teórica acerca do inventário como metodologia de estudo proposta nesta dissertação, expondo os aspectos considerados para a construção do modelo de documentação aplicado neste trabalho.

Notas do desenvolvimento do inventário é um capítulo dedicado à experiência de campo para aplicação da metodologia proposta, apresentando relato de como se deu o processo de coleta de informação, seja por meio do registro das imagens dos objetos catalogados no inventário, seja por meio dos relatos colhidos durante as entrevistas, a partir da experiência destas ações, buscou registrar notas acerca dos discursos e observações realizadas no decurso desta pesquisa.

No tópico das *Considerações*, buscou apresentar resumidamente os principais aspectos observados ao longo desta pesquisa, bem como registrar aspectos relevantes que apontam para possibilidades de novos estudos e aprofundamento de pesquisas focadas no estudo da Cultura Material da Tribo Indígena Carnavalesca.

O *Inventário da Cultura Material das Tribos Indígenas Carnavalescas* que compõe este estudo como apêndice do trabalho é a aplicação da metodologia construída no processo desta pesquisa. A contribuição deste instrumento no âmbito da ciência da informação enquanto modelo de registro que prevê a oralidade bem como a contribuição do registro no que diz respeito ao conteúdo das interpretações dos atores sociais envolvidos.

2. PRIMEIRO OLHAR SOBRE OS OBJETOS DAS TRIBOS INDÍGENAS CARNAVALESCAS

Diante da diversidade de coisas produzidas para o espetáculo cênico, que compreende o desfile das tribos indígenas carnavalescas, para aproximar o leitor do objeto de estudo deste trabalho, faz-se oportuno separar tais produções por categorias. Desse modo, em um primeiro momento, expõem-se aqui os objetos, pautando-se pela função representativa desempenhada por eles no espetáculo. Assim, os objetos das Tribos foram aqui divididos em oito grupos: estandarte, trajes e acessórios, armas de guerra, capacetes, objetos ritualísticos, objetos cênicos e instrumentos musicais. Todos os objetos são produzidos ou reelaborados para cada desfile anual. Desse modo, vale ressaltar que o inventário proposto, presente no apêndice desta dissertação, é um registro dos objetos produzidos para o carnaval de 2018.

Partindo dos grupos de objetos, a seguir apresentamos alguns registros contidos em meu acervo pessoal de carnavais anteriores. A partir deles, podemos identificar exemplos que compõem o repertório de objetos desta prática cultural.

Figura 01: Tribo Indígena Tabajaras | Carnaval 2017



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017)

2.1.Estandarte

De acordo com o regulamento do evento do Carnaval Tradição, cada Tribo precisa apresentar em seu desfile um estandarte novo a cada ano, que deve trazer o nome da tribo

indígena e o ano do desfile. Tradicionalmente, no centro do estandarte, contém uma imagem que busca representar o tema, ou narrativa escolhida pelo grupo para elaboração do desfile.

Figura 02: Tribo Indígena Carnavalesca Africanos (estandarte) | Carnaval 2017



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

2.2.Trajes

Os trajes produzidos para apresentação de cada novo ano variam entre tangas, calças compridas, sutiã e blusas compridas. As tangas podem ser usadas por homens e mulheres. Calças compridas são trajes utilizados por homens que, na maioria das vezes, dançam com o peito nu, mas também pode ser usada uma blusa de manga comprida. As blusas, quando utilizadas, na maioria das vezes, são as vestimentas para funções específicas da apresentação, como porta estandarte, tocador ou espião, personagem que carrega o capacete. O sutiã é a parte de cima da vestimenta feminina.

Figura 03: Tribo Indígena Xavantes | Carnaval 2017



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

Figura 04: Tribo Indígena Tupy Guanabara (momento da morte)| Carnaval 2017



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

2.3. Acessórios de indumentária

Todos os participantes utilizam cocares e acessórios nas pernas e braços, como braceletes e tornozleiras. Os cocares de um mesmo grupo podem apresentar variados modelos, que são, muitas vezes, um elemento de diferenciação para designar funções específicas na apresentação da tribo.

Figura 05: Tribo Indígena Carnavalesca Africanos (Comissão de Frente) | Carnaval 2017



Fonte: Acervo pessoal do autor (2017)

2.4.Armas de guerra

Muitas Tribos têm organizado sua apresentação em alas, a comissão de frente costuma ser a ala ocupada pelos participantes que desenvolvem a dança e performance dos movimentos de luta, de forma mais precisa. São os participantes da comissão de frente que costumam carregar consigo armas de guerra que, dependendo da apresentação, podem variar entre lança, machado, facão, arco e flecha e escudo. Os materiais usais utilizados para confecção de tais objetos é madeira, bambu, latão e plástico.

2.5.Objetos Ritualísticos

No que diz respeito aos objetos ritualísticos, estes são fundamentalmente objetos da figura do feiticeiro. Os trajes deste personagem variam muito em cada grupo, mas normalmente é constituído de capa, cocar, acessórios como colar, tornozeleira e bracelete. O cachimbo é um objeto que está presente em todas as tribos, produzindo fumaça perfumada durante toda a apresentação. O cajado do feiticeiro é também um objeto ritualístico que tem sido utilizado por grande parte dos grupos.

2.6.Instrumentos Musicais

Além das vestimentas e armas de guerra, os instrumentos musicais desta brincadeira de carnaval também compõem o repertório de objetos produzidos pelo grupo para representar os índios, bem como a narrativa de guerra e resistência que o espetáculo se propõe.

Figura 06: Tribo Indígena Pele Vermelha (Tocadores) |Carnaval 2017



Fonte: acervo pessoal do autor (2017)

A orquestra pode ter entre dois ou três bumbos, um ganzá, um triângulo e uma gaita. Com exceção do triângulo, os demais instrumentos são confeccionados artesanalmente. A Gaita é um dos objetos emblemáticos desta prática cultural. Trata-se de uma flauta vertical rústica, que contém apenas três ou quatro furos em seu corpo. A afinação do instrumento se dá pela abertura na extremidade superior por meio da acomodação de cera de abelha que regula a abertura da embocadura.

2.7.Capacete

Outro objeto de grande expressividade das Tribos indígenas Carnavalescas são os capacetes, que se tratam de um cocar que pode chegar a mais de quatro metros de altura. Uma tribo pode ter entre três a cinco capacetes de variados tamanhos. Cada capacete é carregado na cabeça por uma pessoa, sendo equilibrado com a ajuda dos braços.

Figura07: Tribo Indígena Pele Vermelha (Capacete) |Carnaval 2017



Fonte: acervo pessoal do autor (2017)

Figura 08: Tribo Indígena Papo Amarelo (Capacete) |Carnaval 2018



Fonte: acervo pessoal do autor (2018)

Figura 09: Tribo Indígena Tupinanbás (Capacete) |Carnaval 2018



Fonte: acervo pessoal do autor (2018)

2.8.Objetos Cênicos

Além dos objetos que regularmente compõem as apresentações das tribos, podem ser produzidos diversos objetos cênicos como ocas, andor, entre outros. Tais objetos são alegorias que, na maioria das vezes, são posicionados em frente ao palanque dos jurados, local onde se conferem os momentos mais emblemáticos da encenação.

3. ASPECTOS CONCEITUAIS E CONTEXTUAIS DO ESTUDO DA CULTURA MATERIAL: TRIBOS INDÍGENAS CARNAVALESCAS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Este trabalho se insere no âmbito do campo científico da Ciência da Informação (CI). Nesse aspecto, vale situar, dentro deste campo amplo de teorias e fazeres técnico-científicos, quais fundamentos e discussões respaldam a contribuição deste trabalho para o campo.

Partindo da definição trazida por Borko (1968, p.1) acerca do que se constitui a Ciência da Informação, o autor defende que se trata da “disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional e os meios de processamento da informação para a otimização do acesso e uso”. Nesse sentido, o autor ainda aplica de forma prática quais fazeres seriam constitutivos dos métodos concernentes à disciplina em tela, de modo a listar as ações de “coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação” (BORKO, 1968, p.1). Com base nesta definição, que vem sendo debatida e complementada pela contribuição de outros autores como Gonzáles de Gómez (2000) e Silva (2006) que agregam à tal definição o caráter de ciência social que estuda e compreende a informação enquanto prática social, assim, é possível perceber claramente a aplicabilidade do fazer relativo aos museus como um campo de estudo da CI, à medida que consideramos a curadoria, ação constitutiva da museologia, compreendida como o conjunto de ações aplicadas ao bem musealizado, a saber: seleção, estudo, salvaguarda e comunicação (CURY, 2005; BRUNO, 2008; DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). Nesse aspecto, a proposta que esta pesquisa se insere, lida com fazeres e metodologias próprias do campo da Ciência da Informação e da museologia.

O estudo da cultura material das Tribos Indígenas propõe a identificação e estudo dos elementos materiais que compõem essa prática cultural no processo de estabelecimento de relações memorialísticas e identitárias dos grupos produtores e praticantes. Assim, compreender a informação inicialmente como artefato (PACHECO, 1995) é um ponto de partida imprescindível para os contextos em que este trabalho se insere. Isto, pois, de acordo com a reflexão de Pacheco, não só é fundamental para nossa compreensão acerca da informação, por reconhecê-la como produto humano que é parcial, contextualizado e não objetivo, mas, para além disso, a autora reconhece a tradição como suporte informacional:

A informação passada de boca em boca também não entraria em nossa classe porque ela não tem um suporte fixo, que é uma característica *sine qua non* na confecção de um artefato. No entanto, cabe aqui abrir um parêntese para a questão da narração (TEIXEIRA, 1993). Esta, apesar de parecer cair na mesma questão do exemplo acima, tem como suporte a tradição, mesmo que esta tradição seja exclusivamente oral. A narração monumentaliza a tradição, tornando-se, portanto, artefato, mesmo sendo o mais etéreo deles. Negar à narração sua materialidade histórica seria o mesmo que negar aos artefatos pré-históricos sua imaterialidade cognitiva (PACHECO, 1995, p. 23).

3.1. Memória, Identidade e Patrimônio

Este trabalho é respaldado em conceitos que, para melhor condução de nossa discussão, necessitam de uma atenção específica. Os conceitos de informação, memória, identidade e patrimônio vêm ganhando espaço em várias áreas do conhecimento. Tais conceitos apresentam variações em sua aplicação. Desse modo, a seguir, buscarei apresentar aspectos que entendemos como relevantes para a condução desse trabalho.

Le Goff (1990) discorre acerca da memória tal como ela surge nas ciências humanas, fundamentalmente na história e na antropologia, se atendo à memória coletiva em detrimento das memórias individuais. Abordando a compreensão da memória desde as sociedades sem escrita, a idade média, a modernidade e contemporânea, o autor considera que a memória é estudada por diversos outros campos científicos:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 423).

A memória, nesta proposição, seja ela individual ou coletiva, configura-se como uma representação do passado, capaz de conservar informações. Nora (1993), em consonância com os apontamentos de Le Goff, constrói uma reconhecida argumentação sobre o conceito de ‘lugares de memória’. O autor defende que ‘memória verdadeira’, é aquela que está viva nas sociedades ditas primitivas, ou arcaicas, de modo que, para o autor, a “memória verdadeira, hoje abrigada no gesto e no hábito, nos ofícios onde se transmitem os saberes do silêncio, os saberes do corpo” (NORA, 1993, p.14). Assim como argumenta Japiassu:

Diversos autores (LE GOFF, 1996; HALBWACHS, 2006; NORA, 1993) consideram que a transmissão dos saberes nas sociedades sem escrita se dava através da memória. Tal transmissão fundava-se basicamente no compartilhamento contínuo de experiências de caráter prático através das gerações em um espaço com ligação

afetiva entre seus membros, que se tornavam tradições com a continuidade destas transmissões no tempo (JAPIASSU, 2016, p.67).

Nora alega que tal memória tão sutil, espontânea, não premeditada, inserida no cotidiano dos grupos sociais é a verdadeira memória e que quando se estabelecem marcos que têm por função conectar os indivíduos de um grupo social à ideia de um passado comum, já estamos diante de uma memória artificial. O autor nomeia tais marcos como lugares de memória. Assim, de acordo com Nora (1993, p. 13), os lugares de memória “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas”.

Assim, é possível observar que o conceito de *lugar de memória* extrapola a sua dimensão topográfica, reconhecendo não apenas espaços físicos em si, como também objetos e práticas culturais comemorativas como um lugar de memória. Isto posto, importa ressaltar que a relação entre memória e informação compreende que todo lugar de memória (ASSMANN, 2011; NORA, 1993; LE GOFF, 1990) se comporta como um meio de memória (ASSMANN, 2011), sendo, por essência, suportes informacionais.

Pensar a identidade constitui um processo inerente aos indivíduos, pois caracterizar e organizar o mundo para sustentar a ideia que separa o ‘eu’ do ‘outro’, ou o ‘nós’ dos ‘outros’ se configura como um aspecto intrínseco da organização dos grupos sociais, nos seus mais variados tempos e contextos. Atualmente, até mesmo fora do universo das discussões acadêmicas, diante de um contexto acelerado de globalização, compreendemos que um indivíduo agrega uma multiplicidade de identidades possíveis, com as quais é possível se identificar, mesmo que temporariamente (HALL, 2005). Barth (2000) aborda os aspectos da identidade étnica, dando enfoque às fronteiras que separam os grupos sociais, expõe dinâmica da identidade étnica, alegando que ela não é fixa e que se transforma a partir das relações e com outras identidades, sejam elas coletivas ou individuais, a partir de interesses, ou contexto.

Diante de tais pontos de partida, para prosseguir este debate acerca do conceito de *identidade*, bem como o de *patrimônio*, nos faz imperativo incluir nesta discussão o contexto das sociedades modernas e a formação dos Estados Nacionais.

A identidade foi um aspecto fundamental na elaboração do modelo dos Estados Nacionais, processo que configurou a agregação artificial de grupos sociais diversos para formação de um grande grupo, unificado e subordinado a um poder político, formando assim, uma grande comunidade, uma *Nação*. Benedict Anderson define a Nação como:

(...) uma comunidade política imaginada [...] Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conheceram, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 2009, p. 32).

Anderson ao conceituar a Nação, deixa explícito o quanto artificial foi esse processo e, também, o quanto se fez fundamental um elo para que a ideia de nação alcançasse a adesão dos seus integrantes. Assim, a construção deste elo se deu exatamente com a constituição da *identidade nacional*, como aborda Stuart Hall:

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que em uma era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, ao estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. (HALL, 2005, p. 49)

Ainda na perspectiva de se consolidar esta grande comunidade imaginada, a construção desta identidade nacional precisou ser fundamentada em uma narrativa, ou discurso, como prefere Hall (2005), capaz de se firmar como memória do povo que compõe esta comunidade.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2005, p.51).

Até este ponto desta discussão, é possível perceber que a memória é fonte fundamental na construção da identidade cultural. E que, no processo de constituição dos Estados Nacionais, houve um empenho por parte das forças políticas e econômicas interessadas na consolidação da ideia de Nação, em construir uma memória capaz de produzir um sentimento de um passado comum para sustentação de uma identidade nacional. Conforme será possível observar, o patrimônio cultural foi também um aspecto fundamental na construção da identidade cultural e na consolidação do Estado Nacional.

O patrimônio, por sua vez, configura-se como marco e tem a função de manter o grupo social portador daquele patrimônio conectado. O patrimônio cultural se estabelece como um “indicador de memória” (BRUNO, 2015, p.13). Por natureza própria da ideia de patrimônio, trata-se daquilo que é valioso e que deve ser preservado - como não se pode preservar tudo, o patrimônio é sempre o fruto de uma seleção.

Assim como a identidade é inerente aos grupos sociais, o patrimônio cultural, enquanto categoria de pensamento (GONÇALVES, 2003), é também aspecto presente a todo grupo social, pois bens materiais - objetos, edificações, territórios - ou imateriais - saberes, modos de fazer e viver - de significado relevante estão e sempre estiveram presentes no sistema simbólico de todo e qualquer grupo social.

Muitos são os estudos que afirmam constituir-se essa categoria em fins do século XVIII, juntamente com os processos de formação dos Estados nacionais, o que é correto. Omite-se, no entanto, o seu caráter milenar. Ela não é simplesmente uma invenção moderna. Está presente no Mundo clássico e na Idade Média, sendo que a modernidade ocidental apenas impõe os contornos semânticos específicos que, assumidos por ela, podemos dizer que a categoria 'patrimônio' também se faz presentes em sociedades tribais (GONÇALVES, 2003, p. 26).

Márcia Sant'Anna, assim como Gonçalves, aponta o quanto selecionar coisas como marcos de memória é uma prática comum a todas as sociedades humanas e frisa o caráter agregador, afetivo e memorial:

Preservar a memória de fatos, pessoas ou ideias, por meio de construtos que as comemoram, narram, ou representam é uma prática que diz respeito a todas as sociedades humanas. É, pode-se dizer, um universal cultural e é essa função memorial que está por trás da noção de monumento em seu sentido original. Conceito, aliás, que se encontra vinculado ainda a uma produção simbólica, à instituição de um objeto como um monumento por um grupo e à capacidade deste de atuar sobre a memória coletiva. O monumento trabalha e mobiliza a memória coletiva por meio da emoção e da afetividade, fazendo vibrar um passado selecionado, com vistas a 'preservar a identidade de uma comunidade étnica, religiosa, nacional, tribal ou familiar' (SANT'ANNA, 2003, p. 49).

Choay afirma que o monumento³ “aparece presente em todos os continentes e praticamente em todas as sociedades, dotadas ou não de escrita [...], seus gêneros, formas: túmulo, templo, coluna, arco de triunfo, estela, obelisco, totem”. O patrimônio cultural, sob múltiplas formas, contém uma função alegórica comprometida em provocar um sentimento de coesão simbólica, afetiva, atestando uma memória coletiva, um passado comum (CHOAY, 2006, p. 18).

Apesar do patrimônio cultural se configurar como uma categoria comum a todas as sociedades humanas, como apresentado por Choay, Sant'Anna e Gonçalves, foi durante o

³ O Monumento Histórico, de acordo com Choay, são exemplares arquitetônicos tomados como testemunhos históricos. A atribuição do status de monumento é posterior à sua criação, pois o valor excepcional que um monumento histórico carrega é seu caráter de documento. A exemplo da edificação de uma fábrica que após sua construção, uso e desativação é selecionada como monumento histórico (CHOAY, 2006).

processo de conformação dos Estados Nacionais que o patrimônio institucionalmente passou a ter um papel bem definido na construção da narrativa da memória do povo. É em função deste contexto que muitos atribuem a essa categoria como sendo um conceito moderno e institucional comprometido com a narrativa de uma memória de um passado glorioso, por meio de marcos selecionados como testemunhos históricos e reconhecidos como exemplares dos padrões estéticos hegemônicos da sociedade.

Desse modo, assim como apresentado por Gonçalves, é a partir do século XVIII que se percebe o empreendimento institucional de se construir uma identidade comum. Assim, selecionar bens relevantes, “capazes de atuar sobre a memória coletiva” (SANT’ANNA, 2003, p. 49), passou a ser um ‘programa de Estado’ e não mais uma escolha coletiva de um clã que elege, seleciona, um determinado elemento como conector de uma memória. As nações modernas passam a ter a necessidade “de construções discursivas e de alegorias capazes de expressar certa ilusão de homogeneidade e de coesão para os Estados nação” (ABREU; LIMA FILHO, 2007, p. 23).

A partir da discussão apresentada acerca dos conceitos *informação*, *memória*, *identidade* e *patrimônio* é possível compreender a dinâmica que se estabelece entre eles. Assim, é possível dizer de forma bem sintética que a identidade cultural de um grupo ou indivíduo se constrói a partir das informações conservadas pela memória que, por sua vez, se materializa no presente. Tal fenômeno se sustenta através dos indicadores de memória, que são marcos selecionados como exemplares ou testemunho de um passado ou de uma tradição, o patrimônio.

Até aqui, foi possível estabelecer a dinâmica com que tais conceitos se relacionam, mas antes de encerrar esta discussão, é importante pontuar algumas observações. Tais conceitos foram abordados principalmente à luz da formação dos Estados Nacionais, no entanto, muito tem-se discutido acerca de tais conceitos nas últimas décadas, e não se pode deixar de registrar os avanços que dizem respeito aos aspectos basilares dos direitos sociais e humanos, bem como do Estado democrático de Direito que envolvem tais conceitos.

Um marco trágico, mas importante, neste processo, foi a Segunda Guerra Mundial, ápice de uma grande crise do pensamento humano acerca de sua própria existência, onde o discurso da identidade nacional se aproximou do discurso de uma supremacia racial, base para justificar uma verdadeira tragédia na história da humanidade. Tal episódio na história da humanidade, mobilizou mudanças, como aponta Márcia Sant’Anna:

[...] após a Segunda Guerra Mundial, é que processos e práticas culturais começaram, lentamente, a ser vistos como bens patrimoniais em si, sem necessidade da mediação de objetos [...]. Essa nova percepção não surgiu, contudo, de uma

reflexão europeia e ocidental, mas da prática de preservação oriunda de países asiáticos e do chamado Terceiro Mundo, cujo patrimônio é constituído de criações populares anônimas, não tão importantes em si por sua materialidade, mas pelo fato de serem expressões de conhecimentos, práticas e processos culturais, bem como de um modo específico de relacionamento com o meio ambiente (SANT'ANNA, 2003, p. 51).

O reconhecimento da diversidade cultural enquanto um patrimônio comum da humanidade (UNESCO, 2002) provocou avanços nas discussões e fazeres institucionais, internacional e local, no campo do Patrimônio. Nesse sentido, a representatividade passou a ser um aspecto muito relevante quando passou a constar nos processos de seleção dos bens culturais enquanto patrimônio cultural de uma nação. No Brasil, por exemplo, tal avanço se consagra quando o processo de seleção dos patrimônios culturais prevê a participação social e, fundamentalmente, quando a ideia por trás do patrimônio cultural brasileiro assume o compromisso de se configurar como conjunto de bens representativos da diversidade cultural brasileira.

3.2. Cultura Material e a Ciência da Informação: o caso das tribos indígenas carnavalescas

Os objetos do cotidiano contêm informações, enquanto fenômeno cultural, e assim como apontado por Azevedo Netto (2007), a Arqueologia e a Museologia são as disciplinas que se destacam por tratar a cultura material como objeto de estudo, pois “ambas se aproximam quando procuram, em documentos não textuais, a recuperação da informação que possa servir para o processo de construção da memória e consolidação de identidades culturais” (AZEVEDO NETTO, 2007, p. 15). Nesse aspecto,

Os artefatos que compõem essa cultura material são considerados como aqueles elementos que são produzidos pelo homem ou por ele significados. A partir do momento que esses artefatos assumem essa relação estreita com seus produtores, indicando a possibilidade de serem considerados como fonte de informação do comportamento de grupos que os utilizaram, já que cada atributo observado nos artefatos equivale a uma expressão fóssil de uma ação ou conjunto de ações, que acaba por expor determinada forma de comportamento, o que leva a considerar um sistema cultural em que há a transferência da informação de condutas, crenças, valores e modos de fazer. Assim, o conjunto de objetos recuperados pelo arqueólogo parte da cultura material, é um segmento significativo de um sistema cultural mais amplo (AZEVEDO NETTO, 2015, p. 153 - 154)

É importante evidenciar que o estudo da cultura material em tela aplica-se a um grupo social que se propõe a representar “o índio” idealizado em um tempo e espaço imaginado. Tal

observação se coloca necessária à medida que, diferentemente de um estudo da cultura material aplicado a um grupo específico dos povos indígenas brasileiros, por exemplo, que se debruça sobre os objetos produzidos e usados no cotidiano da comunidade, o estudo da cultura material das Tribos Indígenas Carnavalescas aborda os objetos produzidos e usados, em um pequeno momento de cada ano, para representar “o índio”.

Neste processo de representação do índio, as Tribos Indígenas Carnavalescas produzem os objetos a serem utilizados em suas performances, pautadas em seus processos memorialísticos e identitários. Em uma dinâmica cíclica anual, tais representações são selecionadas, mantidas, ressignificadas, transformadas, excluídas. Nota-se que, nesse processo de criação da representação do índio, existe, por parte daqueles responsáveis por produzir os objetos, uma dedicação em pensar sobre o universo de coisas que este índio idealizado se expressa.

Nesse contexto, é possível perceber que os objetos, as coisas, para as Tribos Indígenas Carnavalescas, têm um papel fundamental na construção da memória social deste grupo. As construções da memória social são transformadas em artefatos que integram os sujeitos no interior dos coletivos humanos por meio de sucessivas interpretações e reinterpretações dos aspectos concretos e simbólicos no tempo e no espaço (LOUREIRO, 2015, p.99). A reflexão, apontada por José Mauros Matheus Loureiro, ajuda-nos a perceber que os participantes da Tribo elaboram sobre uma identidade e um passado idealizado, operando no campo da representação, assim como muitas instituições de memória.

As Tribos Indígenas Carnavalescas, assim como as demais manifestações culturais tradicionais, compreendem linguagens específicas de um sistema cultural (GEERTZ, 1997), de modo que tal prática cultural tem por referência simbólica uma diversidade de narrativas e repertórios estéticos. O espetáculo produzido por essa prática cultural é o resultado de uma mistura que inclui sentimento de ancestralidade e narrativas da oralidade. Nesse sentido, as Tribos configuram-se enquanto performance ritual (TURNER, 2008; MAUSS, 2003) não religiosa, que expressa a interpretação coletiva de uma identidade de um povo indígena imaginado, idealizado, que conjuga celebração, religiosidade, brincadeira, mito, prazer e tradição.

O estudo das coisas é também um caminho para se aproximar do sistema cultural de um grupo estudado (GONÇALVES, 2007; MILLER, 2013). Pois, como disse Miller, “todo um sistema de coisas, com sua ordem interna, faz de nós as pessoas que somos” (2013, p.83). Nesse sentido, debruçar-se sobre os objetos produzidos para a performance de uma prática cultural é certamente um fazer rico, capaz de nos aproximar da manifestação cultural em tela, sendo uma

metodologia profícua para, a partir dela, compreender os diversos aspectos sociais, estéticos, econômicos, políticos dos grupos sociais envolvidos em seus processos de construção memorial e afirmação de identidades mediados pela informação.

Experiências decorrentes das teorias evolucionistas em antropologia que, em diálogo com os museus, “representavam o ‘outro’ através dos objetos supostamente capazes de sintetizar totalidades culturais” (CHAGAS, 2007, p. 176), provocaram certo desgaste entre a antropologia e o estudo das coisas. Miller registra que o estudo da cultura material passou por certa rejeição no âmbito da antropologia:

(...) os objetos obscurecem seu papel e parecem irrelevantes. Na época em que os estudos da cultura material tinham um status extremamente desprestigiado na disciplina, e que éramos considerados patéticos pela maioria dos antropólogos, parecia que os objetos haviam sido muito bem-sucedidos na tarefa de atingir aquela humildade, pelo menos no seio da antropologia. Há uma expressão admiravelmente feliz: ‘Tão óbvio que cega’. (MILLER, 2013, p. 79)

A expressão “tão óbvio que cega”, trazida por Miller nos revela que, para além do universo dos antropólogos, no qual os objetos já foram banalizados enquanto fonte de estudo, debruçar-se sobre o óbvio é sempre um difícil desafio. Afinal, como não parecer tolo quando se solicita aos participantes dos grupos envolvidos em uma determinada prática cultural para que expliquem sobre os usos e significados de um objeto cotidiano, corriqueiro? Tal solicitação é facilmente tomada como uma proposta banal.

Outro aspecto importante é ressaltar que os objetos estudados na presente pesquisa são produzidos para representar “os índios”. Explico as aspas. Nos discursos dos participantes, fica evidente estarem por representar um modo de vida do outro, quando, em suas falas, os participantes referem-se aos índios como “eles”, dando o sentido de que se trata de um outro grupo social. No entanto, é recorrente em outros momentos, a fala dos participantes remeter à ideia de “nós, os índios”. Como dito anteriormente, Fredrik Barth (2000), em “grupos étnicos e suas fronteiras”, reconhece que as fronteiras étnicas não são fixas. No trabalho em questão, o autor apresenta uma discussão acerca dos sistemas sociais poliétnicos, compreendendo que um mesmo indivíduo pode transpor as fronteiras étnicas e acumular mais de uma identidade. No contexto das Tribos Indígenas, tal transitoriedade identitária se estabelece entre um mundo ‘real’ e um mundo ‘representado’.

Retomando a questão anterior, acerca de não se tratar de objetos de usos cotidianos dos participantes das Tribos, o trabalho produzido por Neil Jarman (2001), que dedicou estudo sobre as bandeiras e demais objetos produzidos para cerimônia da Ordem Laranja na Irlanda,

se apresenta como uma importante contribuição para o presente estudo. Assim como a presente proposta de estudo, Jarman realizou um estudo da cultura material de um grupo social que anualmente produz objetos para um evento comemorativo. No contexto estudado, foi possível identificar a permanência e mudança de padrões materiais com o passar do tempo, os discursos que relacionam a identidade do grupo e os objetos produzidos por eles, objetos cuja expectativa é de que conjugue tradição e inovação.

A discussão apresentada por Gonçalves, na compilação de artigos do autor intitulada “Antropologia dos Objetos”, converge com os argumentos de Miller (2013). O segundo defende que o estudo da cultura material não se trata de buscar a funcionalidade dos objetos, pois um olhar comprometido com a função utilitária dos objetos estaria pautado nos pressupostos superados de uma ciência evolucionista, e não seria capaz de produzir contribuições relevantes para a antropologia social. De acordo com Gonçalves (2007, p.08), “os objetos materiais existem sempre, necessariamente, como partes integrantes de sistemas classificatórios”. Para o autor, o objeto teria o poder de “constituir sensivelmente formas específicas de subjetividade intelectual e coletiva”. Nesse sentido, compreendo que desenvolver uma catalogação sistematizada, produzindo o inventário da cultura material da Tribo Indígena Carnavalesca, com atenção para a diversidade de percepções e interpretações que um objeto pode conter, privilegiando a fala dos sujeitos envolvidos nos fazeres, apresenta-se como um meio rico para identificar e analisar as referências culturais dessa prática.

A importância do trabalho de inventariação da cultura material da Tribo Indígena se dá, não só por se tratar de uma brincadeira de carnaval de, ao menos, um século de existência, mas, também, em função da pouca produção acadêmica acerca das Tribos Indígenas e da sua situação marginalizada frente a outras manifestações do Carnaval paraibano. Apesar disso, é unanimidade entre aqueles que atuam junto ao segmento da cultura da Paraíba e de João Pessoa que tal prática cultural se constitui como uma forma de expressão representativa da diversidade cultural da Paraíba, podendo vir a ser percebida como patrimônio cultural do Estado.

De maneira geral, a literatura relacionada ao estudo de manifestações da cultura popular⁴, aborda questões históricas, religiosas, musicais e sociais, de maneira que a visualidade e materialidade dessas manifestações é tratada de forma complementar, muitas vezes como

⁴ O termo “cultura popular” é aplicado no presente texto em consonância com o uso dos sujeitos que, no contexto do estado da Paraíba, se autodeterminam envolvidos nos grupos sociais classificados por esta categoria. A categoria “cultura popular”, que perpassa um debate fundamental sobre classe, que autores como Canclini (1983), Laraia (1997), Da Mata (1986) se debruçaram, na Paraíba é apropriada pelos grupos sociais. Inegavelmente as políticas culturais de inclusão para tal segmento da cultura foram fundamentais para atualmente os indivíduos se autodeclararem, com conotação de valorização, como integrantes de tal categoria.

ilustração para o entendimento de outros aspectos que constituem as suas dimensões expressivas. Neste trabalho, pretende-se, em consonância com o que apontou Neil Jarman (2001), uma abordagem em que se compreende que os elementos constitutivos da cultura material da Tribo Indígena Carnavalesca também possuem sua retórica (LOUREIRO; AZEVEDO NETTO; CASCARDO, 2014, p.4798).

Para a realização deste trabalho, optei por contribuir para o debate com experiências de inventariação de práticas culturais imateriais. Para tanto, propôs-se a realização de um inventário das referências culturais da cultura material presentes nas performances das Tribos Indígenas, reconhecendo a centralidade das relações sociais e coletivas na produção da cultura (CANCLINI, 1983), bem como compreendo a cultura como produto da interação das relações sociais.

O termo *referência cultural* é um dos conceitos centrais das políticas e fazeres para o trato com práticas culturais patrimonializadas ou em processo de patrimonialização. Levando em consideração a ideia de referências culturais como o conjunto de elementos que compõe um sistema cultural, Cecília Londres Fonseca (2000, p.p. 13-14) aborda tal conceito:

A expressão “referência cultural” tem sido utilizada sobretudo em textos que têm como base uma concepção antropológica de cultura, e que enfatizam a diversidade não só da produção material, como também dos sentidos e valores atribuídos pelos diferentes sujeitos a bens e práticas sociais. Essa perspectiva plural de algum modo veio “descentrar” os critérios, considerados objetivos, porque fundados em saberes considerados legítimos, que costumavam nortear as interpretações e as atuações no campo da preservação de bens culturais (FONSECA, 2000, p.p. 13-14).

Nessa esteira, Loureiro, Azevedo Netto e Cascardo, acerca de produções recentes sobre a cultura material, afirmam que “tais estudos ressaltam a forma como um mundo de coisas herdadas e transmitidas a gerações futuras contribui para materializar identidades e ancorar memórias” (2014, p. 4795). Nesse sentido, a partir de um olhar sobre a cultura material das Tribos Indígenas, pretendeu-se identificar os sentidos e usos simbólicos, estéticos, morais, econômicos, atribuídos por diferentes sujeitos participantes desta prática. Assim, a documentação a ser produzida propôs-se a contemplar os aspectos semânticos dos objetos estudados, mas também pretendeu contemplar a interpretação e representações atribuídas por integrantes do grupo acessando aspectos estéticos de tais objetos (LOUREIRO; AZEVEDO NETTO; CASCARDO, 2014, p.4798).

Vale ressaltar que a pesquisa buscou abordar não apenas as relações sociais internas do grupo, mas também atentar para as suas relações com os poderes públicos e instituições

como ONGs e empresas. Nesta perspectiva, podemos dizer que as Tribos Indígenas carnavalescas configuram aquilo que Marcel Mauss (2003) denominou de "fatos sociais totais", na medida em que tal manifestação cultural conjuga simultaneamente dimensões sociais de natureza estética, comunicativa, moral, econômica, política, religiosa, de parentesco etc. E, nesse sentido, José Reginaldo Gonçalves (2003), que fundamenta sua análise e pesquisa acerca da Festa do Divino em conceitos construídos por Marcel Mauss, reitera a importância de se identificar as categorias de pensamento, bem como as diferentes concepções que um fato ou objeto pode conter para diferentes grupos.

Do ponto de vista dos devotos, a coroa, a bandeira, as comidas, os objetos (todo este conjunto de bens materiais que integram a festa são propriedade da irmandade) são, de certo modo, manifestação do próprio Espírito Santo. Do ponto de vista dos padres, são apenas 'símbolos' (no sentido de que são matéria e não se confundem com espírito). Na visão dos intelectuais, são apenas representações materiais de uma 'identidade' e de uma 'memória' étnicas" (GONÇALVES, 2003, p. 29).

É certo que o objeto de pesquisa de Gonçalves está inserido no campo de um fazer religioso; já no que diz respeito às Tribos Carnavalescas, não se trata de uma manifestação cultural religiosa como a Festa do Divino, mas não se pode negar que a religiosidade também se faz presente, principalmente por meio de elementos das religiões afro-indígenas, como a Jurema Sagrada. E, assim como na Festa do Divino, apresentada por Gonçalves, nas tribos, temos muitos sujeitos, com papéis específicos, que contribuem para as interpretações, permanências e transformações de tal fazer cultural.

O conceito de ritual é também um aspecto importante para esta fundamentação teórica. Nesse aspecto, este trabalho está em concordância com a defesa que Victor Turner apresenta acerca dos grupos sociais estudados pela antropologia. O autor, partindo da sua experiência de pesquisa com o povo Ndembo, diz que: "a vida 'imaginativa' e 'emocional' do homem é sempre, e em qualquer parte do mundo, rica e complexa. Faz parte de minha incumbência exatamente mostrar quanto pode ser rico e complexo o simbolismo dos ritos" (TURNER, 1974, p.15). O autor, que deu contribuição significativa à compreensão das práticas rituais, concorda com Monica Wilson acerca da importância do estudo dos rituais dos grupos sociais estudados para que se possa deixar de estar "do lado de fora olhando para dentro". Para a autora, que compreende o estudo dos ritos como um meio rico para compreender os grupos sociais, a autora afirma que "os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo", e, assim, "os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de

expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados (WILSON apud TURNER, 1974, p.19).

A tese intitulada “As imagens na performance dos Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros”, apresenta o resultado de uma pesquisa que “considerou o universo imagético dos grupos estudados como relevante elemento estético e simbólico, que representa e configura práticas, valores e significados que dão e ganham sentido na performance cultural da manifestação” (FREITAS, 2013, p.16). Tal experiência é considerada como uma importante base para a metodologia a ser adotada pela proposta de pesquisa de campo que compõe este trabalho.

É pequeno o número de estudos acadêmicos e não-acadêmicos sobre as Tribos Indígenas Carnavalescas, o que demonstra a pouca valorização desta prática cultural. A seguir, apresentamos os trabalhos acadêmicos produzidos até o presente momento acerca das Tribos, tais produções são importantes registros deste fazer cultural, assim, listamos: Cristiane Pereira de Sousa (2006), com a monografia de Graduação intitulada “Meu mestre bem que me disse: memória e representação cultural nas Tribos de índios de carnaval em João Pessoa” pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Foi o primeiro trabalho acadêmico monográfico acerca deste bem cultural. Há, também, o artigo de José Reinaldo Tavares de Souza (2008) intitulado “A transmissão musical na Agremiação Carnavalesca Tribo Indígena Tupynambás”, publicado nos anais da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM, bem como a dissertação de mestrado em etnomusicologia de Marta Sanchís Clemente (2013) intitulada “Aprendendo música com os Tupynambás: transmissão musical em uma Tribo Indígena Carnavalesca de Mandacaru”, também publicada pela UFPB. Esse último trabalho teve seu enfoque “tanto nos elementos que constituem a manifestação artística musical quanto no contexto social, econômico e político em que está inserida, os modos de transmissão da musicalidade das Tribos Indígenas”. A pesquisa de campo deste trabalho foi realizada, preponderantemente, no bairro Mandacaru, onde está localizada a Tribo Indígena Carnavalesca Tupynambás. Há, também, atualmente, uma pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB sendo realizada pela mestrandia Jessyca Barbosa Marins.

4. CONSTRUINDO UM INSTRUMENTO METODOLÓGICO DE ESTUDO DA CULTURA MATERIAL

By the study of material culture, I mean simply the study of human social and environmental relationships through the evidence of people's construction of their material world. (MILLER, 2003, p.13)

À medida que este trabalho propõe a elaboração de um instrumento dedicado à documentação dos objetos das Tribos Indígenas Carnavalescas, fez-se necessário dedicar um capítulo para não apenas relatar as escolhas metodológicas como também registrar as problematizações que conduziram os passos deste trabalho.

Vários caminhos metodológicos podem ser tomados, para realização de um estudo em cultura material. Miller (2013), por exemplo, no livro *Trecos, Troços e Coisas* apresenta aspectos de suas pesquisas, evidenciando, nesta publicação, que, pautado pelo compromisso com a antropologia social, utilizou de métodos da etnografia na realização seus estudos em campo. No contexto da arqueologia, o estudo em cultura material se aplica às ocasiões de lidar com objetos, principalmente fragmentos de objetos, de grupos sociais extintos. Na maioria dos casos, assim:

Para se chegar a interpretar qualquer tipo de fenômeno na Arqueologia, deve-se ter em mente que os objetos encontrados no solo, formadores do contexto arqueológico, representam fragmentos dos comportamentos dos seus produtores, como também ocorre com a Arte Rupestre, enquanto um dos vestígios integrantes do contexto arqueológico. (AZEVEDO NETTO, 2003)

Além da antropologia e arqueologia, o estudo da cultura material é, também, um fazer constitutivo da museologia - disciplinas que, ao longo de muito tempo, se consagraram em suas metodologias. A publicação *Interpreting Objects and Collections* organizada por Susan Pearce (2003), que reúne artigos de estudiosos da cultura material, é um excelente registro das discussões e aplicações metodológicas deste estudo, focando, principalmente, para o âmbito dos trabalhos em museus.

São muitos os caminhos possíveis, e escolher o caminho é algo que deve ser pautado em critérios. Nesse sentido, vale considerar dois aspectos iniciais importantes: onde se pretende

chegar e quais as condições de realização. Para responder ao primeiro quesito, considero a ausência de estudo sobre a cultura material das Tribos Indígenas, bem como a escassez de documentação dessa prática cultural, um fator de grande relevância. No que tange ao segundo (condições de realização), entendo que duas questões são importantes a serem explicitadas: a primeira, referente ao objeto de estudo, e a segunda, referente ao pessoal, nesse caso o pesquisador, disposto ao trabalho.

O objeto de estudo em questão consiste na diversidade de objetos produzidos para representar o índio na performance dos grupos das Tribos Indígenas Carnavalescas. Vale contextualizar que não se trata de estudar um acervo de objetos musealizados ou coletados, deslocados de seus contextos de alguma forma, são objetos em pleno uso, por parte de seus atores sociais e de difícil acesso, à medida que muitos dos objetos são produzidos até os últimos dias antes da apresentação e, muito rapidamente são guardados, sendo, em alguns casos, descartados. No correspondente à segunda questão, sobre o pesquisador disponível para o trabalho, ressalto que minha trajetória, já relatada na introdução desta dissertação, é um aspecto relevante que compõe as condições de realização. O envolvimento prévio com políticas públicas para o patrimônio cultural e metodologias de Inventários Culturais, bem como envolvimento com o Fórum de Cultura Popular, a disposição, e porque não dizer entusiasmo pelo trabalho de campo, somado à formação em Artes Visuais, configuram o contexto que contribuiu para a construção da experiência de documentação proposta neste trabalho.

Assim, considerando os aspectos e questões que configuram o contexto e, obviamente, consideradas as limitações de tempo, esta pesquisa buscou realizar uma aproximação com o universo material que constitui o sistema simbólico desta prática cultural. Desse modo, propôs a aplicação de um instrumento, que contemplou metodologias inspiradas na etnografia, com o intuito de coletar discursos de indivíduos integrantes do grupo pesquisado para possibilitar o registro de aspectos de suas referências culturais, bem como as narrativas associadas aos objetos produzidos para tal prática cultural. Reconheço que este trabalho se configura como um primeiro passo daquilo que pode ser compreendido como estudo da cultura material. A contribuição que este trabalho apresenta é a perspectiva de registro de um panorama, um sobrevoo, do atual sistema de coisas que constitui a cultura material das Tribos Indígenas Carnavalescas.

4.1. O Inventário como Metodologia

Tecnicamente, o termo inventário designa a tarefa de realização de levantamento de bens, seja no direito civil, seja nas repartições públicas e privadas, seja no âmbito das

instituições que lidam com patrimônio cultural. Durante muito tempo, o inventário aplicado ao trato com patrimônio cultural se dava no âmbito das dimensões materiais dos bens tombados, bens móveis e imóveis. O inventário, nesses termos, atendia a registrar questões técnicas, acerca de uma edificação, por exemplo: dimensões (medidas), constituição física (material utilizado), nome do método de produção, concepções estéticas presentes na obra, situação de conservação, entre outros aspectos relativos à obra, especificamente. Por consequência da abordagem acerca desse tipo de bem cultural, a conservação centra-se no acautelamento da deterioração da obra.

A política para o patrimônio cultural, no Brasil, durante sessenta e três anos, desde a criação do SPHAN, em 1937, atual IPHAN, contou apenas com instrumentos de proteção para bens materiais, seguindo, como frisa Márcia Sant’Ana (2003), um padrão legislativo francês da década de 1910. Após a incorporação da categoria patrimônio imaterial no texto constitucional, em 1988, e, finalmente, após a regulamentação da política cultural para o patrimônio cultural imaterial com a criação do Programa Nacional para o Patrimônio Imaterial, em 2000, no Brasil, passou-se a realizar a patrimonialização de bens intangíveis. A incorporação desta nova categoria demandou a elaboração de uma metodologia de registro a ser aplicada a práticas culturais dinâmicas (ABREU; CHAGAS, 2009). Assim como ressalta Maria Lúcia Niemeyer e Matheus Loureiro, o trabalho de registro de tais bens conta significativamente com princípios e métodos da antropologia:

O fato é que, pela própria natureza do trabalho de registro desses bens, a Antropologia acaba por adquirir um papel fundamental. Essa metodologia, é interessante frisar, se afastava daquela adotada nos processos de tombamento, dominados primordialmente por arquitetos – aqui eu gostaria de anotar a conhecida expressão “patrimônio de pedra e cal” –, historiadores e, em menor escala, museólogos (LOUREIRO, 2015, p. 31).

A proposta metodológica para a realização da documentação da cultura material das Tribos Indígenas Carnavalescas propõe incorporar elementos presentes na metodologia do Inventário Nacional das Referências Culturais. Nesse sentido, a seguir, apresentamos de forma sintética tal metodologia.

4.2. O Inventário Nacional das Referências Culturais

No Brasil, a partir da demanda gerada pela necessidade de se definir um instrumento para o registro de bens culturais imateriais, com o Decreto Lei nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que regulamenta o registro de bens culturais imateriais, uma equipe de trabalho multidisciplinar, formada por antropólogos, profissionais da informática e documentação, dentro do Departamento de Identificação e Documentação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional (DID-IPHAN), junto à equipe da empresa Andrade e Arantes – Consultoria e Projetos Culturais dedicaram-se a elaborar uma metodologia de inventário que permitisse abranger questões relativas aos usos, significados, procedimentos, valores simbólicos, econômicos, políticos, estabelecidos em um fazer cultural candidato ao reconhecimento como patrimônio cultural nacional (CORSINO, 2000).

Nesse contexto, em 2000, o Iphan publica o Manual de Aplicação do Inventário de Referências Culturais, o INRC. Este manual, além de discussões acerca das orientações e premissas no processo de identificação de bens culturais, contém questionários e fichas a serem aplicadas no processo de produção de conhecimento acerca do bem pesquisado. O preenchimento de tais fichas corresponde ao produto final desta etapa, que, de acordo com o manual, deve ser organizado pautando-se pela seguinte Estrutura:

Quadro 01 - Estrutura do INRC

Inventário Nacional de Referências Culturais

1. Ficha de identificação do sítio
 - 1.1. Ficha de identificação de localidade 1
 - a. Anexo 1: bibliografia
 - b. Anexo 2: registros audiovisuais
 - c. Anexo 3: bens culturais inventariados
 - d. Anexo 4: contatos
 - 1.1.1. Ficha de Identificação: Celebrações e/ou Edificações e/ou Formas de Expressão e/ou Lugares e/ou Ofícios e Modos de Fazer
 - 1.1.2. Ficha de Identificação: Celebrações e/ou Edificações e/ou Formas de Expressão e/ou Lugares e/ou Ofícios e Modos de Fazer
 - (...)
 - 1.1.N. Ficha de Identificação: Celebrações e/ou Edificações e/ou Formas de Expressão e/ou Lugares e/ou Ofícios e Modos de Fazer
 - 1.2. Ficha de identificação de localidade 2
 - a. Anexo 1: bibliografia
 - b. Anexo 2: registros audiovisuais
 - c. Anexo 3: bens culturais inventariados
 - d. Anexo 4: contatos
 - 1.2.1. Ficha de Identificação: Celebrações e/ou Edificações e/ou Formas de Expressão e/ou Lugares e/ou Ofícios e Modos de Fazer
 - 1.2.2. Ficha de Identificação: Celebrações e/ou Edificações e/ou Formas de Expressão e/ou Lugares e/ou Ofícios e Modos de Fazer
 - (...)
 - 1.2.N. Ficha de Identificação: Celebrações e/ou Edificações e/ou Formas de Expressão e/ou Lugares e/ou Ofícios e Modos de Fazer
 - (...)

Fonte: Elaborado pelo Autor (2019)

A partir de tal estrutura, percebemos que o inventário parte de um território que prevê uma subdivisão em localidades, essa delimitação espacial que corresponde ao Sítio pode ser aplicada a um município específico, um bairro, um Estado ou uma região geopolítica brasileira, por exemplo. A localidade é uma subdivisão do sítio, que também pode variar sua abrangência. Ressalta-se que os critérios de delimitação do sítio e localidades atenderão às especificidades da realidade do bem a ser inventariado⁵. Observa-se que a ficha de localidade contém anexos referentes à bibliografia a ser levantada, bem como fichas para conter registros como fotos, áudios, vídeos e outros documentos físicos. Tais registros compreendem tanto aqueles coletados em arquivos públicos e pessoais, como também aqueles que serão produzidos durante a pesquisa de campo. Ainda fazem parte dos anexos da ficha de localidade uma listagem de todos os bens identificados e a ficha de contatos das pessoas e instituições que forneceram as informações do inventário.

Quadro 02: Tópicos gerais das fichas das categorias do INRC

1. Localização 2. Bem cultural. Denominação; outras denominações; condição atual 3. Executante Nome; Data de nascimento; Relação com o bem. 4. Fotos 5. Descrição do bem identificado 6. Descrição do lugar da atividade Marcos naturais e/ou edificados; Agenciamento do espaço para a atividade. 7. Tempo Periodicidade; Ocorrência efetiva 8. Biografia 9. Atividade Origens, motivos, sentidos e transformações; Narrativas e representações; Cronologia. 10. Produtos patrimoniais Repertório ou principais produtos; Processo de trabalho e comercialização; Principais participantes; Capital e instalações;	Matérias primas e ferramentas de trabalho; Comidas e bebidas; Objetos e instrumentos rituais ou cênicos; Figurinos e adereços; Danças; Músicas e orações ; Instrumentos musicais; Atividades após a execução. 11. Destinação dos produtos 12. Participação em cooperativas ou associações 13. Bens culturais associados 14. Plantas, mapas e croquis 15. Documentos inventariados Documentos escritos, desenhos e impressos em geral; Registros sonoros e audiovisuais; Registros fotográficos. 16. Observações Aprofundamento de estudos para complementação da identificação ou para fins de registro ou tombamento; Identificação de outros bens mencionados nesta ficha; Outras observações. 17. Identificação da Ficha Pesquisador(es); Responsável pelo inventário e data.
---	---

Fonte: Elaborado pelo Autor (2019)

⁵ Em entrevista publicada na revista CPC, da Universidade de São Paulo, Antônio Arantes, responsável por coordenar o processo de elaboração do INRC, comenta que a metodologia foi pensada inicialmente para ser aplicada no sentido de realizar uma varredura em um território delimitado pelo sítio, de modo que a partir da delimitação do sítio seria feito um levantamento buscando identificar todos os bens culturais identificados naquele sítio, assim seriam aplicadas as fichas de identificação quantas fossem necessárias, no entanto, a medida que esta metodologia passou a integrar o processo de registro de bens como patrimônio cultural, a metodologia permite a possibilidade de ser aplicada por tema, “inventários temáticos” (2015, p. 248-249), que é a forma de uso predominante do INRC.

As Fichas de Identificação são aplicadas para um ou mais bens selecionados. Desse modo, as fichas das categorias ‘Celebrações’, ‘Edificações’, ‘Formas de Expressão’, ‘Lugares’ e ‘Ofícios e Modos de Fazer’ são aplicadas a depender do bem a ser inventariado. De modo geral, tais fichas de identificação organizam as seguintes informações:

Importa ressaltar que os atores sociais envolvidos no fazer cultural têm espaço reservado, à medida que tal metodologia foi elaborada considerando a dinâmica, fluidez e descontinuidades de um fazer cultural que se mantém vivo por meio da dedicação de pessoas. As fichas do INRC foram construídas para serem preenchidas com base nas entrevistas de campo, este é um dos principais aspectos que torna essa metodologia de inventário diferenciada.

Cecília Londres Fonseca, em seu ensaio republicado no referido manual, discutiu o conceito de referência cultural e apresenta as consequências no desenvolvimento de um modelo cuja intenção é a de contemplar as dimensões sociais e simbólicas de um bem cultural. “Nessa perspectiva, os sujeitos dos diferentes contextos culturais têm um papel não apenas de informantes como também de intérpretes de seu patrimônio cultural” (FONSECA, 2000, p.14).

Atualmente, muitas experiências de aplicação do INRC já foram realizadas, e tal metodologia tem, muitas vezes, sido alvo de críticas. Podemos dizer que, mesmo havendo um esforço em adaptar o instrumento do inventário para que se torne uma ferramenta capaz de representar a diversidade complexa de um bem cultural, é certo que as Fichas por vezes se constituem como um instrumento ‘duro’, ‘frio’, assim como apresenta Benedito Souza Filho e Maristela de Paula Andrade, acerca da experiência na aplicação do INRC na cidade de Alcântara, Maranhão:

De fato, muitos elementos dessas manifestações ou lugares podem ser descritos em sua materialidade, mas não se separam das dimensões imateriais a eles associadas. O limite do inventário reside justamente aí porque crenças, tabus, saberes ou outras variáveis intangíveis não podem ser apreendidas objetivamente pelos instrumentos disponíveis (fichas e questionários), sob o risco de simplificação (ANDRADE; SOUZA FILHO, 2012).

É certo que a aplicação de qualquer modelo apresentará questões problemáticas, como as argumentadas por Andrade e Souza Filho, principalmente quando o objeto a ser representado no modelo em questão trata-se de uma prática cultural dinâmica e que, em muitos aspectos, apresentam diversidades e variações em seu fazer, como é o caso de saberes que permaneceram vivos no cotidiano por meio da oralidade. Entendo que a aplicação do INRC deve ser percebida também como uma ferramenta que pode conter problematizações e expressar as contradições contidas na realidade de um fazer cultural e que, em muitas situações, será através do trabalho

textual, fazendo uso de transcrições dos atores sociais envolvidos, que ficarão expressas tais incongruências, que também são elementos importantes a serem registrados pelo inventário.

Arantes argumenta que o INRC não produz, nem tem a pretensão de produzir, um trabalho etnográfico, mas sim de produzir um inventário inspirado em métodos da etnografia. Foi elaborado para atender a demanda constitucional, prevista no artigo 216 da Constituição Federal de 1988 e do Decreto Federal nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, e assim visou, além de registrar os aspectos do fazer cultural em estudo, a produção de dados comparáveis para serem usados como base para criação e avaliação de políticas públicas culturais⁶. Mas, o autor reitera que, embora trate de um formulário, o INRC permite registrar as complexidades que envolvem uma prática cultural:

No caso do INRC, há trabalho de autor, também. Cada campo das fichas é um espaço a ser preenchido criativamente pelos pesquisadores a partir de fontes secundárias e de sua experiência em campo. Alguns itens – como, por exemplo, quando se demanda a descrição do bem identificado ou se indaga sobre a função dos componentes de uma celebração e seu significado para os participantes (tais como alimentos e bebidas, objetos e instrumentos, trajes e adereços, danças, músicas e orações, e assim por diante) – abrem espaço para que se produzam reflexões de cunho interpretativo. A produção desses pequenos textos é tarefa complexa, que requer familiaridade com escritos etnográficos e experiência no assunto (ARANTES, 2015, p. 245).

No mais, é fundamental o entendimento de que o dossiê, que a aplicação desta metodologia produz, é um registro datado, acerca de uma prática cultural dinâmica e que mesmo que se busque a realização de um trabalho minucioso e exaustivo, o produto será sempre parcial e limitado.

4.3. Inventário da Cultura Material das Tribos Indígenas Carnavalescas

Na realização do trabalho “Curadoria de Patrimônio Imaterial em Instituições Museais”, compreendendo por curadoria as ações de seleção, estudo, salvaguarda e comunicação das coleções e acervos, propus identificar as diferentes concepções de curadoria

⁶ A metodologia aqui apresentada ambiciona contribuir para que se alcancem os seguintes objetivos específicos: 1. Propiciar a sistematização das fontes e documentos disponíveis sobre a formação cultural de localidades e grupos humanos bem delimitados. 2. Aprofundar os resultados dessa varredura preliminar por meio do contato direto com as populações envolvidas. 3. Subsidiar tecnicamente a identificação dos sentidos de identidade associados a edificações, lugares, celebrações, formas de expressão e ofícios, visando à produção de registros textuais e audiovisuais que sejam sensíveis aos aspectos dinâmicos e contextuais das realidades consideradas. 4. Facilitar a comparação entre diferentes regiões e oferecer subsídios para o estabelecimento de políticas sociais na área do patrimônio. 5. Incentivar a interlocução entre os profissionais (técnicos e acadêmicos, de várias especialidades) que trabalham na área do patrimônio, fortalecendo um padrão de conduta intelectual que diferencia o IPHAN desde as suas origens. 6. Sugerir uma agenda de questões teóricas e práticas que sirva como ponto de partida a um aprofundamento de métodos e conceitos que aproxime, nos trabalhos de campo, as disciplinas que se dedicam à temática do patrimônio, especialmente a arquitetura e a antropologia. (ARANTES NETO - INRC. 2000, p.p. 24-25)

e suas peculiaridades, a partir de experiências brasileiras, a saber: o Museu do Índio, o Museu do Folclore e o Museu da Maré (MUCCILLO, 2015). Nas duas primeiras instituições mencionadas, cuja data de fundação ocorreu entre a década de cinquenta e sessenta, as museólogas entrevistadas de tais instituições relatam dificuldade para lidar com objetos, que foram integrados ao acervo há bastante tempo. Em um momento que não havia grande preocupação com a identificação das peças, no que diz respeito às informações acerca das pessoas que as produziram, seus usos e significados para o grupo social, muitos objetos da reserva técnica dessas instituições, oriundas de doação, foram coletados deslocados de seus contextos sociais e simbólicos. Atualmente, ações paliativas, como visitas de pessoas das gerações atuais dos grupos sociais que produziram determinadas peças, tem sido uma forma encontrada para qualificar melhor a identificação, incluindo recentemente informações que não foram registradas no momento da musealização do objeto (MUCCILLO, 2015).

Foi a partir da questão levantada pelas museólogas entrevistadas no trabalho supracitado, que ao pensar em uma metodologia para realização de um inventário da cultura material para ser aplicado às Tribos Indígenas Carnavalescas que identifiquei a possibilidade de incorporar elementos próprios do processo do INRC no instrumento de documentação aqui construído e apresentado. Assim, buscou-se produzir um instrumento de registro, que contemplasse também o registro de aspectos referentes aos usos e significados, criando espaços dedicados aos registros das vozes dos atores sociais envolvidos na prática cultural.

Entendeu-se necessário tomar conhecimento das metodologias de catalogação de objetos, para que com base nas premissas pertinentes aos trabalhos dos museus em diálogo com as premissas dos trabalhos para o patrimônio imaterial fosse construído um instrumento próprio. A publicação já citada anteriormente “*Interpreting Objects and Collections*” apresenta um tópico específico para o estudo de artefato, os artigos de Pearce, Elliot e Prown (2003) são de grande contribuição, à medida que compartilham modelos de interpretação de objetos. Em tais modelos são apresentados os estágios do processo de leitura desses artefatos e cada um dos autores propõe em seus modelos as seguintes etapas:

Quadro 03: Modelos de Estudo de artefato

ELLIOT	PEARCE	PROWN
1. Dados observáveis	1. Identificação (Descrição factual)	1. Descrição
2. Dados comparativos	2. Avaliação (Julgamentos)	2. Dedução
3. Dados suplementares	3. Análise cultural (Relação do artefato para sua cultura)	3. Especulação
	4. Interpretação (Significado)	

Fonte: Sistematização Elaborado pelo Autor (2019)

A leitura de tais artigos permite identificar alguns apontamentos. Nos modelos apresentados, para os três autores, a descrição dos aspectos objetivos do artefato é apontada como a primeira etapa do processo de interpretação. Apenas após a descrição, respeitadas as variações propostas por cada autor, deverão ser realizadas as demais etapas, momentos em que são previstos auxílios como comparação com artefatos similares, pesquisa acerca da origem e confecção do objeto, além das consultas bibliográficas. Aproveito para ressaltar que no modelo de Elliot, em sua terceira etapa, “Dados Suplementares”, a história oral foi contemplada como fonte, juntamente com bibliografia e outros documentos.

Importa ressaltar que tais modelos, a princípio, foram elaborados para serem aplicados a objetos musealizados ou, minimamente, afastados de seu contexto de produção e uso. À medida que entendemos que o objeto de inventariação proposto por nós é o sistema de coisas que compreende a cultura material da Tribo Indígena, considerando que o resultado a ser alcançado por um inventário é um trabalho muito mais descritivo que interpretativo, desse modo, por analogia às etapas dos modelos de estudo de artefato, podemos entender que a aplicação do inventário compreende a etapa de descrição contemplada nos modelos de Elliot, Pearce e Prown. Assim, compreender a aplicação do inventário como a etapa descritiva do estudo de artefato é também reconhecer a limitação desta metodologia, não desmerecendo o valor deste fazer, mas é fundamental considerar que o resultado da aplicação desta metodologia proporcionará uma visão panorâmica do sistema de coisas que envolve a Tribo Indígena Carnavalesca. Assim, ficam os estudos de aprofundamento de artefatos específicos como etapas a se suceder após este primeiro olhar.

Ainda buscando conhecer aspectos do processo de catalogação de objetos, Maimone e Tálamo (2009), no artigo “Metodologias de representação da informação imagética”, discutem acerca de metodologias de catalogação de obras aplicadas no âmbito de museus de arte, fazendo um contraponto com modelos internacionais a exemplo da metodologia desenvolvida por María del Carmen Agustín Lacruz, em seus estudos acerca das obras do pintor espanhol Goya, como

também realiza uma pesquisa em museus de arte de São Paulo, para identificar os modelos utilizados pelos museus paulistas. Para as autoras, “a representação da informação imagética, em relação à representação de outros tipos de materiais, como livros, artigos de revistas, jornais, etc. mostra-se atrasada devido às restritas e incipientes pesquisas nesta área de conhecimento”.

Assim, no referido trabalho, são apresentadas propostas de planilhas como modelos para catalogação de obras de arte a serem aplicadas aos museus de artes visuais. A “planilha 1”, destinada às “funções internas da instituição”, apresentam descritores subdivididos em cinco tópicos gerais:

Quadro 04: Modelo de catalogação de obras de arte

1. Imagem (imagem da obra) 2. Dados Catalográficos Autoria; Autor; Local e datas (nascimento e morte); Obra; Título; Ano de execução; Dgm; Dimensões; Localização sede; Inscrições; Procedência.	3. Análise do conteúdo Descrição; Identificação; Interpretação. 4. Bibliografia 5. Dados Catalográficos
--	---

Fonte: (MAIMONE; TÁLAMO, 2009)

O modelo de catalogação proposto pelas autoras, exposto por mim acima, de forma sintética, condiz satisfatoriamente com a realidade do universo dos museus de arte. No entanto, para uma metodologia que leve em conta as questões discutidas nos tópicos anteriores, acerca da dimensão social e simbólica de um fazer coletivo, proponho aqui um modelo que para além dos aspectos técnicos, físicos e interpretações de terceiros de um objeto ou performance catalogada no inventário, para que seja possível contemplar a oralidade de atores sociais envolvidos na prática cultural inventariada.

A partir das problematizações e dos contextos da pesquisa, as fichas produzidas para aplicação do inventário visaram contribuir para sistematização da pesquisa de campo, que teve por intuito observar, registrar (fotos, vídeos e gravações sonoras) e realizar entrevistas. Para além de documentar os objetos das tribos indígenas carnavalescas, contemplando seus aspectos materiais e funcionais no contexto da prática cultural estudada, o inventário buscou ainda estabelecer uma relação com as narrativas, representações e interpretações dos participantes do grupo pesquisado.

Para tanto, as fichas foram elaboradas de modo que para cada grupo de uma determinada prática cultural - em nosso caso, cada Tribo Indígena – foi preenchida uma Ficha de Catalogação de Grupo, que pretendia organizar informações gerais acerca do grupo inventariado. No que diz respeito às Fichas de Catalogação de Objetos, estas foram preenchidas

para cada categoria de objeto. Denominei por categoria de objeto o conjunto de peças (MILLER, 2003) que podem conter uma alegoria específica, ou seja, se estamos diante da categoria ‘Estandarte’ a ficha contemplará não só a bandeira, mas sim, todas as peças atreladas a ela, nesse caso entra a indumentária da pessoa que carrega o estandarte. Desse modo, acessórios como um colar, ou bracelete, não terão uma ficha exclusiva para eles, pois quando presentes, são compreendidos como peças que compõem um objeto.

A Tribo Indígena Carnavalesca, assim como alegado no capítulo anterior configura-se como um fato social total (MAUS, 2003), desse modo, reconhecemos que se trata de uma manifestação cultural onde, para além da sua dimensão expressiva que se manifesta por múltiplas linguagens, esta manifestação cultural se estrutura conjugando dimensões, sociais, econômicas e políticas. Sendo assim, cabe a nós entender que a produção de objetos é um dos aspectos que compõe esta expressão e que os diversos contextos que esta prática se insere são indissociáveis e que escolha por observar esta prática cultural através da documentação da cultura material é uma decisão metodológica que se faz necessária para buscar alcançar um melhor entendimento dos aspectos que envolvem esta prática cultural. Foi levando em consideração tais contextos apresentados que foram elaboradas as fichas aplicadas como instrumento de documentação. A ‘Ficha de Catalogação de Grupo’ apresenta os seguintes campos:

Quadro 05: Ficha de Catalogação de Grupo

1. Identificação Nome: Cores oficiais: Outras denominações: Catalogação: 2. Pessoas (Pessoa de referência que colaborou com o inventário): Nome: Como é conhecido (apelido): Função no grupo: 2.1. Biografia	3. Descrição da prática Cultural: 4. Localização: Sede: Outros locais importantes: 5. Histórico (Origens e transformações do grupo ao longo do tempo) 6. Objetos (categorias) 7. Confecção 8. Observações Fontes: Data preenchimento: Responsável pela pesquisa:
--	--

Fonte: Sistematização Elaborada pela Autora (2019)

Nesta ficha, são previstas informações acerca do grupo, que serão preenchidas com base fundamentalmente nos relatos colhidos em campo. Chamo atenção para o tópico dois da ficha, ‘pessoas’, que reúne os campos ‘nome’, ‘como é conhecido’, ‘função no grupo’ e

‘bibliografia’, pois, mais que personificar o colaborador, possibilita registrar atores sociais envolvidos nesta prática. Tal medida, de identificação dos informantes, pode ser notada desde as pesquisas realizadas pela missão folclórica na década de 1930. No catálogo “Acervo de pesquisas folclóricas de Mário de Andrade: 1935-1938”, nota-se a prática de identificação dos informantes. Exatamente por reconhecer que tal medida tomada pelos pesquisadores há quase sete décadas, muitas vezes contribui para o processo de pesquisas na atualidade acerca das práticas culturais registradas pela missão.

A inclusão do campo ‘biografia’ foi realizada no processo de preenchimento da ficha. A experiência com a pesquisa de campo quando da aplicação do INRC, possibilitou reconhecer que, ao pedir para o colaborador entrevistado começar contando sobre sua história de vida, contribuía para um processo de fala mais descontraída. O exercício de falar sobre si, bem como sobre como se deu sua relação com a prática cultural, contribuía significativamente para que o entrevistado ficasse à vontade e acessasse elementos da memória com maior riqueza de detalhes. Foi pensando em proporcionar este estado de relaxamento, para quebrar a formalidade que uma entrevista proporciona, que o pedido “conte um pouco sobre sua história” foi incluído no roteiro de campo do presente trabalho, embora não estivesse previsto um campo na ficha para contemplar tal aspecto. No entanto, durante o processo de transcrição das entrevistas percebeu-se que muitas informações relevantes estavam contidas nestas narrativas iniciais, pois a partir de tais falas são possíveis identificar aspectos sociais, de modo que tais depoimentos acabam por contribuir para registrar o perfil desses atores sociais.

Trazer a história de vida para o registro, não significa ignorar a parcialidade que tal tipo de narrativa apresenta, como problematizado por Bourdieu (2006) em “A ilusão bibliográfica”, nem mesmo considerar a vida como uma totalidade coerente, lógica e razoável, como os relatos se apresentam nestes contextos de entrevistas. A escolha por incluir tal campo, bem como trabalhar predominantemente com as transcrições se pauta em função do reconhecimento de se apresentar como um aspecto relevante para o registro (classe social, rede de pessoas de diversos bairros de periferia, os vínculos com a brincadeira desde a infância, nomes de mestres já falecidos que recorrentemente são tomados como referência).

No que se refere à ficha de catalogação de objetos, apresenta os seguintes campos:

Quadro 6: Ficha de Catalogação de Objeto

Frente da ficha Tribo Indígena Carnavalesca (nome): Categoria (de objeto): Catalogação (código): [campo de imagem] Fotógrafo: Data: Objeto em uso	Verso da Ficha [campo de imagem] Fotógrafo: Data: Outras denominações: Uso/ Função: Peças do objeto: Material: Cores: Regulamentação (se houver): Quantidade média de reproduções do objeto: Registro Oral Nome: Função no grupo: Fonte: Data: Responsável pela pesquisa:
--	---

Fonte: Sistematização Elaborado pela Autora (2019)

Foi aplicada para cada categoria de objeto uma *Ficha de Catalogação de Objeto*. O campo destinado à imagem, na parte frontal da ficha, visa apresentar o objetos catalogado, preferencialmente em seu uso, durante a apresentação. No verso, o espaço destinado às imagens, visa contribuir com maiores detalhes, privilegiando outros ângulos, podendo conter registros do objeto ‘em uso’, ou ‘em preparação’. Os campos “outras denominações”, “uso/função”, “peças do objeto”, “material”, “cores”, “regulamentação”, “quantidade média de reproduções do objeto” são preenchidos com base na observação e na explicação de cada entrevistado. O tópico registro oral com a intenção de preservar a explicação acerca do objeto pela fala dos agentes envolvidos em sua produção é dedicado para transcrição do colaborador, neste campo são agrupadas as falas nas quais o colaborador menciona, contextualiza ou explica aspectos do objeto em questão.

Nos limites que o presente trabalho se coloca, no que diz respeito aos contextos espaciais e temporais, com o intuito de realizar um estudo que permitisse perceber indicações de transformações e continuidades da cultura material das Tribos Indígenas Carnavalescas foram realizadas saídas a campo, com o intuito de observar, registrar (fotos e gravações sonoras). Para além de documentar os objetos que compõem a visualidade das tribos indígenas carnavalescas, contemplando seus aspectos materiais, funcionais e simbólicos no contexto da prática cultural estudada, o inventário produzido buscou registrar as narrativas, representações

e interpretações de participantes dos grupos pesquisados. O resultado da documentação da Cultura Material das Tribos Indígenas Carnavalescas pode ser verificado no apêndice desta dissertação.

Reitero que a diretriz que pautou este processo de documentação foi primordialmente a de registro, evitando a realização de interpretações definitivas por reconhecer limitação de tempo e aprofundamento necessário para um estudo mais denso. Nesse sentido, o trecho abaixo selecionado do texto de orientação para o preenchimento do INRC, onde apresenta a categoria “formas de expressão” expressa bem a diretriz que orientou o processo de elaboração, pesquisa de campo e preenchimento das fichas do inventário construído para a Cultura Material das Tribos Indígenas Carnavalescas: “Neste caso, serão inventariadas não as linguagens em abstrato, mas o modo como elas são postas em prática por determinados executantes. (IPHAN. 2000, p. 24-25)

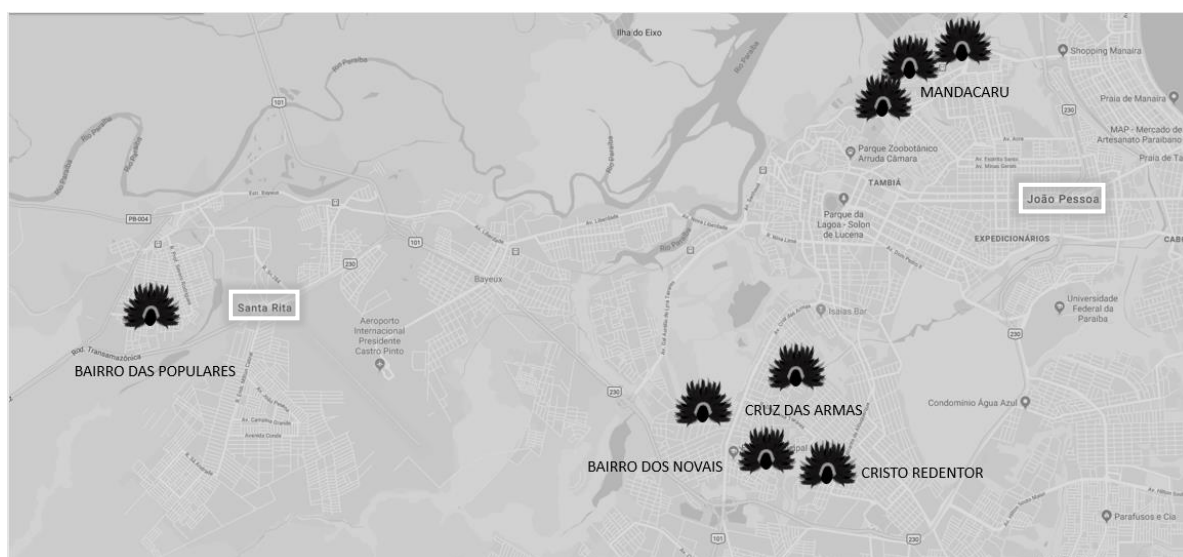
5. NOTAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO INVENTÁRIO

Neste tópico do trabalho, pretendo apresentar a experiência de aplicação da metodologia do inventário proposto como instrumento de documentação da cultura material das Tribos Indígenas Carnavalescas, no que diz respeito aos contextos de cada etapa que envolveu o campo deste trabalho, abrangendo a descrição das ações realizadas, bem como as impressões e considerações acerca deste processo.

5.1. Sobre o contexto e métodos de campo

Em virtude do fato de a proposta de documentação da cultura material das tribos indígenas estar vinculada ao curso de mestrado, cuja data de finalização dos vinte e quatro meses se encerra em abril de 2019, o momento oportuno para realização das fotos dos objetos a serem documentados se deu nos meses de janeiro e fevereiro de 2018. Reitero, nesse sentido, que os objetos produzidos para o desfile apresentam uma acessibilidade muito limitada, pois até os últimos dias que antecedem o desfile, esses objetos estão sendo produzidos ou reelaborados e assim que o desfile é realizado, tais objetos são guardados ou descartados, tornando praticamente inviável acessá-los em momentos diversos daquele que compreende o carnaval. Tal efemeridade, da circulação destes objetos, impôs ao trabalho um cronograma rígido, de modo que o não cumprimento da primeira etapa de campo durante o carnaval de 2018 acabaria por tornar inviável a realização do trabalho.

Figura 10 – Mapa das localizações das Tribos Indígenas Carnavalescas atuantes em 2018



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Dos onze grupos atuantes durante a última década, oito participaram do desfile oficial da cidade de João Pessoa, em 2018. A pesquisa se propôs a registrar os objetos destas oito agremiações produzidos para o desfile. São elas: Tribo indígena Tupy Guanabara, Tribo Indígena Xavantes, Tribo Indígena Papo Amarelo, Tribo Indígena Tupinambás, Tribo Indígena Guanabara, Tribo Indígena Tupy Guarani, Tribo Indígena Tabajaras e Tribo Indígena Africanos. Para a primeira etapa do campo desta pesquisa, foram realizadas as seguintes atividades:

Quadro 07 - Atividades de Campo

Data	Contexto	Atividade
09/01/2018	Reunião da Liga carnavalesca de João Pessoa	Observação e primeiros contatos com os mestres
20/01/2018	Evento - Prévia Carnavalesca: Apresentação das Tribos Tupinambás e Africanos	Observação e primeiros contatos com os mestres
23/01/2018	Ensaio da Tribo Tupy Guanabara	Observação e primeiros contatos com os mestres
25/01/2018	Visita de campo às Tribos Tupinambás e Tupy Guarani	Observação e primeiros contatos com os mestres
26/01/2018	Visita de campo à Tribo Guanabara	Observação e primeiros contatos com os mestres
30/01/2018	Visita de campo à Tribo Tupy Guanabara	Realização das fotos dos objetos
31/01/2018	Visita de campo às Tribos Africanos, Papo Amarelo, Tabajaras e Xavantes	Observação e primeiros contatos com os mestres
02/02/2018	Visita de campo às Tribos Tupinambás e Tupy Guarani	Realização das fotos dos objetos
04/02/2018	Visita de campo às Tribos Tabajaras e Xavantes	Realização das fotos dos objetos
07/02/2018	Visita de campo à Tribo Guanabara	Realização das fotos dos objetos
08/02/2018	Visita de campo às Tribos Papo Amarelo e Africanos	Realização das fotos dos objetos
11/02/2018	Fundação Cultural de João Pessoa - Funjope	Coleta de documento
10/02/2018	Desfile do Carnaval Tradição das Tribos Tupy Guanabara, Xavantes, Amarelo, Tupinambás e Guanabara	Registro fotográfico e audiovisual das apresentações
11/02/2018	Desfile do Carnaval Tradição das Tribos Tupy Guarani, Tribo Indígena Tabajaras e Tribo Indígena Africanos.	Registro fotográfico e audiovisual das apresentações

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Para a realização do registro das peças dos objetos isoladamente, durante o período de preparação, nas sedes de cada grupo, bem como durante o desfile oficial do carnaval, foi contratado um fotógrafo. Durante as apresentações, também foram realizados pequenos vídeos para registro da performance, para auxiliar o entendimento dos usos dos objetos durante a apresentação.

Figura 11 - Registro fotográfico dos objetos/Visita de campo à Tribo Indígena Tupi Guanabara



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019)

Importa ressaltar que, ao mesmo tempo que foi imperativa a realização do registro dos objetos durante o período de preparativos e do carnaval, o momento para a realização das entrevistas também apresentou um contexto específico, pois era impossível de ser conciliada junto ao processo de registro fotográfico. Solicitar aos mestres e/ou ao presidente das agremiações um momento para entrevista durante o preparativo ou o desfile constituiria um pedido bastante inoportuno, em função do acúmulo de trabalho que envolve a preparação do grupo para o desfile, e reconhecidamente a prioridade dos participantes é preparar a tribo para a apresentação na avenida.

Para a realização das visitas às sedes dos grupos, durante a primeira fase do campo, foi importante construir uma relação de confiança, entre pesquisadora e as lideranças dos grupos. Uma das medidas foi entregar durante a ação uma declaração se comprometendo que, por hipótese alguma, seria divulgada ou disponibilizado o acesso às imagens produzidas a outrem, garantindo o sigilo das imagens até o dia do desfile. Em muitas das visitas realizadas, foi possível observar e registrar momentos da confecção dos objetos (figuras. 12, 13, 14 e 15). Com a realização da primeira etapa do campo, foi possível observar o ritmo de trabalho intenso que envolve o processo de confecção. À medida que, notadamente, considerando o curto espaço de tempo que separou os dias das visitas entre os dias de apresentação, observou-se um crescimento significativo da produção dos objetos.

Figura 12: Sede Tupy Guarani:
confecção de objetos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018)

Figura 13: Sede Africanos:
confecção de objetos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018)

Figura 14: Casa de seu Antônio (presidente da
Tribo Guanabara): confecção de objetos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018)

Figura 15: Sede Tupi Guanabara:
confecção de objetos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018)

Após a entrega, por parte do fotógrafo contratado, dos registros realizados nas sedes dos grupos e nas apresentações do carnaval, foi possível dar início à segunda etapa do campo. Assim, o retorno às sedes para realização das entrevistas, ocorreu durante o mês de dezembro de 2018. Para a realização da segunda etapa, produziu-se para cada grupo participante um material (Figura 16), contendo as fotos reveladas produzidas durante os dias de desfile, bem como um DVD, contendo os arquivos digitais das fotos e vídeos produzidos durante o campo, correspondente a cada grupo.

Figura 16: Material de devolução entregue para os grupos (fotos e DVD)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018)

Tal ação devolutiva foi reconhecida como importante perante os participantes, pois são poucos os registros produzidos durante o carnaval, e é uma grande satisfação para os envolvidos poderem ver o trabalho registrado em formato mais duradouro, como fotos reveladas. Além disso, foram significativos os comentários dos entrevistados de que o material entregue a eles também iria contribuir para comprovar sua participação no carnaval perante a prestação de contas na prefeitura. Ressalto, ainda, que estar com as fotos em mãos e com os arquivos dos vídeos produzidos durante o desfile, disponíveis para consultá-los no momento do campo foi parte da estratégia elaborada e contribuiu significativamente para que cada entrevista alcançasse seu objetivo, pois, em virtude do longo tempo que distanciou a primeira fase do campo da segunda, foi importante usar do recurso de reproduzir os vídeos e mostrar as fotos das apresentações, na medida em que rever o trabalho do carnaval de 2018 reavivou a experiência dos participantes, produzindo falas com maior riqueza de detalhes.

Toda entrevista seguiu basicamente um mesmo procedimento. O Primeiro momento abrangeu uma conversa sobre a história de vida do entrevistado, o envolvimento do entrevistado com a brincadeira, a história da agremiação e a explicação do que é a Tribo indígena. Após este momento inicial da entrevista, com auxílio de um notebook, os vídeos foram reproduzidos perante os entrevistados e os demais presentes no local. Este momento foi muito oportuno para reiterar o quanto os participantes valorizam a oportunidade de poderem ver seu trabalho e sua atuação documentada, durante a exibição dos vídeos, de modo que, por vezes, os presentes fizeram comentários e explicações que complementaram as informações necessárias para o preenchimento das fichas do inventário. Em seguida, a terceira etapa da entrevista focou nas categorias de objetos. Assim, para que a entrevista alcançasse seu objetivo, com o auxílio das fotos reveladas, o entrevistado explicou acerca das funções, usos e significados, além dos materiais utilizados de cada categoria identificada.

Realizar as entrevistas foi uma experiência que acredito ter sido significativa não apenas para o processo de pesquisa, mas também para os colaboradores. Importa registrar que o processo de transpor para palavras um fazer cotidiano, que é transmitido de geração em geração, com a observação e com a prática, é de certo modo algo atípico no cotidiano dos envolvidos. Alguns dos entrevistados estavam pela primeira vez explicando detalhes de seus fazeres em uma situação como esta da entrevista.

Assim como relatado no capítulo anterior, este inventário da cultura material das Tribos Indígenas Carnavalescas organizou-se de modo a considerar cada tipo de alegoria como um objeto inventariado. Assim, podemos nomear, de modo geral, as seguintes categorias identificadas: ‘Estandarte’, ‘Espião’, ‘Mestre e Contramestre’, ‘Feiticeiro’, ‘Matadores’ e ‘Cordão, Componentes ou Dançantes’ e, em alguns casos, ‘Comissão de Frente ou Coreografia’, ‘Destaques’, ‘Oca’ e outros objetos cênicos diversos.

Os arquivos digitais de áudio produzidos durante as entrevistas totalizaram mais de dez horas de gravações, de modo que foi possível registrar a diversidade de práticas e interpretações dos atores sociais envolvidos na tradição das Tribos Indígenas Carnavalescas. A partir das entrevistas, foi realizado o levantamento⁷ da ocorrência de mais de vinte agremiações, dentre aquelas em atividade e inativas:

Quadro 08: Levantamento das Tribos Indígenas Carnavalescas

	Tribo Indígena Carnavalesca	Localidade	Ano de Fundação	Pessoa de Referência	Ativo / Inativo
1.	Africanos	Cristo Redentor João Pessoa	1918	Pindoba, Sandra	Ativo
2.	Tupy Guarani	Mandacaru João Pessoa	1910	Moura, Neide, Bideco	Ativo
3.	Tabajara	Cruz das Armas João Pessoa	1936	Basto, Helena	Ativo
4.	Tupinambás	Mandacaru João Pessoa	1936	Carboreto, Aimoré, Nina	Ativo
5.	Papo Amarelo	Cruz das Armas João Pessoa	1936	Genildo	Ativo
6.	Guanabara	Mandacaru João Pessoa	1946	Pelé, Toin	Ativo
7.	Xavantes	Bairro dos Novais João Pessoa	1935	Pindoba, Zé do Balaio	Ativo
8.	Pele Vermelha	Cristo João Pessoa	1971	Pachola, Dona Inácia	Inativo
9.	Ubirajara	Cristo João Pessoa	1952	Zé Teixeira	Inativo
10.	Flecha Negra	Cruz das Armas Cristo João Pessoa	-	Seu Luiz	Inativo
11.	Tupi Peixe Preto	Bairro dos Novais João Pessoa	-	-	Inativo
12.	Asa Branca	Bairro dos Novais João Pessoa	-	-	Inativo
13.	Cupixaba *	Cristo João Pessoa	-	-	Inativo
14.	Biragiba *	Bispo João Pessoa	-	-	Inativo
15.	Tupi Guanabara	Santa Rita/João Pessoa	1974	Manuel Índio	Ativo
16.	Tupy Guarani	Santa Rita	-	-	-
17.	Papo Amarelo	Santa Rita	-	-	-
18.	Tamoio	Cabedelo	-	-	-
19.	Guarani	Itabaiana	-	-	-
20.	Índios Filhos dos Tupinambá	Cochila Itabaiana	-	Dona Mô (do Carmo)	-
21.	Assombrado	Itabaiana	-	-	-

Fonte: planilha elaborada pela autora (2019)

⁷ A grafia das Tribos Cupixaba e Biragiba estão sujeitas a correção, pois tais nomes foram extraídos dos áudios das entrevistas.

A seguir, apresento considerações acerca das observações e percepções ocasionadas durante o processo de realização do inventário. Nesse sentido, foram usados, por vezes, trechos das entrevistas para sustentar as discussões propostas.

Assim, no dia seis de dezembro de 2018, foi entrevistado Gilson Pereira da Silva, conhecido por Aimoré (35 anos), como responsável pela Tribo Indígena Tupinambás do Bairro de Mandacaru, Alto do Céu. Em oito de dezembro, foi entrevistado seu José da Penha, conhecido por seu Zé do Balaio (67 anos), com responsável pela Tribo Indígena Xavantes, do Bairro dos Novais. No dia nove de dezembro, foi entrevistada Maria Helena Lopes da Silva, conhecida por Helena dos Índio (56 anos), como responsável pela Tribo Indígena Tabajara. No dia dez de dezembro, foi entrevistado seu Genildo do Anjos (72 anos), como responsável pela Tribo Indígena Papo Amarelo de Cruz das Armas, bem como foram entrevistados posteriormente André Rodrigues Borba, conhecido por Bideco (35 anos), e Rosineide Mecena de Moura conhecida por Neide (42 anos), como responsáveis pela Tribo Tupy Guarani. Em treze de dezembro, foi entrevistado seu Manuel Adelino da Silva, conhecido por Manuel Índio (70), como representante da Tribo Indígena Tupi Guanabara em Santa Rita. E, finalmente, no dia quinze de dezembro, foi entrevistado seu Antônio Marcos de Souza, conhecido por Toin (57 anos), como representante da Tribo Indígena Guanabara de Mandacaru e, posteriormente, Sandra Pinto Santiago dos Santos e Geraldo Alves Santiago (42 anos), conhecido por Pindoba (81 anos), como responsáveis pela Tribo Indígena Africanos.

O contexto socioeconômico em que se inserem os atores sociais das Tribos Indígenas, como já mencionado anteriormente, trata de trabalhadores que sustentam suas famílias com trabalho informal ou de baixa valorização e remuneração, moradores de bairros de periferia. À tais localidades, nas últimas décadas, vêm se consolidando o estigma de áreas muito perigosas, de alto índice de violência. Considerando que desde 2009, quando da minha chegada à cidade, circulo por tais localidades, em função do interesse por estes e outros grupos e suas práticas culturais, notadamente, foi possível identificar que houve uma crescente de violência que afetou o cotidiano das pessoas participantes dos grupos, pois os bairros onde estão localizadas as sedes das tribos lidam com a convivência com as facções “Okaida” e “Estados Unidos” (SANTOS, 2015), organizações criminosas que disputam território na cidade de João Pessoa. A realidade em que se insere tais localidades, no que diz respeito à violência, não deve ser minimizada, mas é fato que os programas de televisão que pautam predominantemente as ocorrências policiais de João Pessoa e região atribuem a tais locais uma imagem desproporcional à realidade.

Importa ressaltar que a Tribo Indígena Carnavalesca é uma manifestação cultural de rua, conforme pode ser confirmado nas fichas do inventário, os ensaios das tribos, são

realizados na rua em frente à casa do presidente da agremiação, quando não, nas proximidades. Nesse aspecto, é importante registrar que durante a realização dos ensaios ocorre uma significativa modificação no espaço da comunidade onde se insere a agremiação. Além dos participantes - crianças, jovens e adultos dançando no meio da rua -, muitos moradores saem de suas casas para assistir o ensaio, de maneira que as calçadas também ficam cheias, configurando um ambiente de convivência e lazer.

Figura 17: Ensaio da Tribo Indígena Carnavalesca Tupinambás (dezembro de 2018)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018)

5.2. Sobre a circulação de brincantes entre Tribos

No que diz respeito ao contexto social que envolve as relações pessoais entre os mestres, donos e/ou presidentes das Tribos Indígenas é notório em seus depoimentos a relação de amizade e respeito entre as lideranças das Tribos adversárias. Por vezes, relatos daqueles que já atuam na brincadeira há mais de quatro décadas atestam tal relação de amizade, bem como o fato de que muitas das atuais lideranças já brincaram em outras agremiações, como podemos observar o relato de seu Zé do Balaio:

Nasci aqui mesmo. Sou paraibano. Nascido e criado na José Bonifácio.
A tribo de índio começou entrar na minha vida, eu tinha na base de 12 anos. Eu brincava com a Papo Amarelo aqui na marta Pacheco.
Brinquei uns dez anos. Aí saí do Papo Amarelo... o presidente do papo amarelo foi pra o Alto do Mateus. Aí eu tomei conta que... o rapaz tava doente, Genildo... Tomei conta parece que um ano ou foi dois. Aí depois, naquele meio da gente... que é o mesmo de ser dois irmãos, disse, vamos botar o asa branca?
(...) Aí, inventamo a asa branca, falei com seu cosmo. Seu cosmo já é um homem falecido. Falei com a esposa dele, ela me deu o estatuto.. aí montamo o Asa Branca.

Do Asa Branca, a gente ganhemo no primeiro ano, segundo ano. Aí, Pindoba veio com a tribo dele pra me vender Comprei a Tribo Xavantes de Pindoba. Acabei com a Asa Branca e ficamos com a Xavantes, até agora.

Já no sentido de pegar o Africanos ele pegou e me vendeu. Ivanildo que fazia os capacetes do Asa Branca, incentivou, né? ‘Zé, você não sabe tocar zabumba?’ ‘mas eu não sei tocar na gaita’. ‘mas daí você aprende.’ Aí incentivando.. aí.. Lá vai.. aí a gente comecemo a brincar até agora tô com Xavantes.

Já dancei, toquei zabumba, agora tô na gaita. O presidente é meu filho, agora.. que eu já tô ficando véi. Ele ainda tá novo, dá pra aguentar o supapo. Por aqui ainda tô na gaita. (Zé do Balaio, 08 dez. 2018)

A realização desta pesquisa que, envolveu agremiações espalhadas pela grande João Pessoa, proporcionou identificar uma rede de atores sociais que conectam bairros distantes por meio de seus fazeres culturais. Seu Pindoba, um dos colaboradores representante da Tribo Indígena Africanos, relata que, em seu tempo de juventude, se deslocava de sua residência, localizada no bairro Cristo Redentor, para participar do ensaio que ocorria em Mandacaru, conforme pode ser observado na “Ficha de Catalogação de Grupo: Tribo Indígena Africanos”, ficha de código: TI.08. Este mesmo trânsito de brincantes ainda pode ser identificado atualmente. Seu Zé do Balaio reside no bairro de Mandacaru, sendo a sede de sua agremiação, a Tribo Indígena Xavantes, localizada no Bairro dos Novais, em função da amizade e proximidade com os participantes da Tribo Indígena Tupy Guarani, algumas parcerias têm sido realizadas, e é possível observar a existência de trânsito entre brincantes destas agremiações. Dona Helena, colaboradora representante da Tribo Indígena Tabajara, no relato de sua história de vida, também narra sua participação em algumas agremiações até assumir a atual tribo que organiza. Em sua narrativa, é possível identificar que o pai de Dona Helena também transitou por algumas agremiações.

5.3. Sobre a elaboração e confecção dos objetos

No que diz respeito à confecção dos objetos, através da observação realizada durante a primeira etapa da pesquisa de campo, bem como, de acordo com os relatos colhidos nas entrevistas, observou-se que a elaboração e confecção dos objetos são atividades coletivas. O processo de elaboração é pensado e discutido entre pessoas da agremiação que assumem essa responsabilidade. O número de pessoas envolvidas na criação dos objetos é reduzido, são pessoas de confiança, variando de duas a quatro pessoas, pois há sempre objetos que são trabalhados com maior cuidado, no que se refere ao sigilo. A confecção já envolve mais pessoas. Foi comum, durante os dias que antecedem o carnaval, encontrar a sede das agremiações com bastantes pessoas da comunidade trabalhando na confecção das peças. Ainda assim, vale salientar que o ambiente de confecção das peças é sempre um lugar que se deve chegar com

muito cuidado, pois houve muitos comentários nas diversas agremiações visitadas que havia ‘pessoas que queriam entrar só para espionar e levar as informações para a outra tribo’.

O período de confecção dos objetos se concentra nas semanas que antecedem o carnaval, de acordo com os relatos, em função do calendário de repasse dos recursos financeiros. Muitas são as dificuldades relatadas para se produzir a Tribo Indígena para o desfile, pois, além do fato de o recurso ser insuficiente, à medida que muitos gastos são necessários com a compra de materiais, transporte dos objetos e dos participantes para avenida, além da remuneração dos serviços, os colaboradores desta pesquisa reiteradamente alegam que o comércio local não apresenta a variedade de produtos necessários para a confecção dos materiais. Desse modo, é sempre necessário viajar para Recife/PE para comprar os materiais necessários.

Porque, sempre eles davam assim, muito em cima, faltando oito dia pra o carnaval. Às vezes, teve ano que pagou faltando 5 dia, olha... imagina só botar o povo na rua não tem condições. E a gente tem que trabalhar. De dia a noite.

(...)

Vai sair assim, vai sair desse jeito... a fantasia vai ser assim, entende? Mas tudo isso tá tudo alí no papel, não saiu do papel ainda tá tudo no papel escrito... mandei tirar xerox pra ficar no papel pra ficar melhor pra trabalhar, mas não saiu do papel ainda. Espero que esse dinheiro saia pros índio trabalhar, porque não é brincadeira... esses índio sofre muito... Esse carnaval de João Pessoa é o carnaval mais complicado do mundo.

Aqui esse povo pensa que a gente bota carnaval na rua com mixaria, com 10 mil, 12 mil... isso não é dinheiro não... uma pena de pavão é 3,00 vai se embora o dinheiro todinho... vai se embora em pena de pavão e carro. (Helena dos Índio, 09 dez. 2018)

5.4. Sobre as transformações dos objetos

Durante o processo de escrita desta dissertação, tomei conhecimento de que no site da Biblioteca Nacional, consta digitalizado um álbum de fotografias de nome “O negro brasileiro nas primeiras décadas do século XX” com autor identificado como “Filgueiras, A.”. As figuras 18 e 19 retratam duas Tribos Indígenas na década de 1930, que ainda se encontram em atividade. Reconhecendo a importância de registrar neste trabalho aspectos que atestam mudanças no que se refere à cultura material das Tribos, é possível fazer algumas considerações. Ao observar tais imagens, é possível perceber que os participantes usam tangas predominantemente feitas de penas e, em sua grande maioria, as fantasias são compostas por blusas de manga curta. Em ambas as imagens, é possível identificar o estandarte presente. No entanto, a figura do espião não é possível ser identificada, com base nos aspectos atual de tal alegoria, que se destaca pela dimensão do capacete, que atualmente pode chegar a ultrapassar

os 4 metros de altura. É observável que há cocares diferentes, no entanto, com base apenas na observação das imagens, não é possível dizer se nesta época a figura o Espião já configurava parte da tradição. Vale ressaltar que é possível identificar a utilização de manto, escudos, lança e machado. A figura ilustrada na bandeira carrega os mesmos objetos que o rapaz que está à frente, provavelmente o mestre.

Figura 18: "Africanos" da Torrelandia [Iconográfico] : Carnaval da Parahyba



Fonte: Biblioteca Nacional (193-)

Figura 19: "Tupy-Guarany" do Rogers [Iconográfico] : Carnaval da Parahyba



Fonte: Biblioteca Nacional (193-)

Durante a entrevista realizada com Dona Neide e Mestre Bideco, na sede da Tribo Tupy Guarani, Neide Trouxe algumas fotos para mostrar a diferença dos objetos em décadas passadas. Nestas imagens, referentes às décadas de 1980 ou 1990, já é possível perceber mudanças na indumentária. As tangas desta imagem são todas feitas de tecido em formato de semicírculo, também é possível observar o uso de mantos em bastante quantidade.

Figura 20: "Tupy-Guarany" do Roggers [Iconográfico] : Carnaval da Parahyba

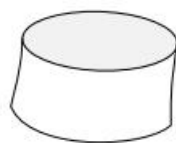


Fonte: Acervo pessoal de Neide, Presidente Tribo Indígena Carnavalesca Tupy Guarani

Os cocares da figura (década de 1980), também em comparação com os cocares dos registros da década de 1930, seguem um padrão de forma estrutural muito semelhante, conforme ilustração a seguir na figura 22. Ainda é possível identificar cocares com base cilíndrica em peças da indumentária da Tribo Indígena Carnavalesca Tupi Guanabara:

Figura 21: Formato cilíndrico dos cocares

Formato cilíndrico da base do cocar.



Cocar de base cilíndrica – modelo identificado em registros da década de 1930.



Cocar de base cilíndrica – modelo identificado em registros da década de 1980 ou 1990.



Fonte: Ilustração produzida pela autora (2019)

Ainda no que se refere ao cocar, observa-se na figura 20 (1980) que há a presença de cocares maiores em destaque, o que já confirma a presença da figura do Espião. Não se pode asseverar que tais cocares (capacetes) seriam, na época, os cocares de maior dimensão. Ainda assim, é possível identificar que houve modificações na estrutura da peça Capacete, à medida que atualmente não se encontra mais espião nas Tribos em atividade, utilizando peças com tal estrutura. O diálogo abaixo fala um pouco desta mudança no formato dos cocares e capacete:

[Marcela] Agora, o capacete, ele sempre foi desse tamanho ou ele foi crescendo com o passar do tempo?
 [Sandra] Sempre foi grande. Né, pai? O espião?
 [Pindoba] Sempre foi grande.
 [Marcela] Mas ele sempre foi dessa altura assim, quatro metros, ou era menorzinho?
 [Pindoba] Não toda vida. A obrigação é botar grande.
 [Sandra] Mas antigamente não era menor não?
 [Pindoba] Antigamente?
 [Marcela] Quando o senhor era criança assim...
 [Pindoba] Antigamente, não era cocar, era... era coroa, antigamente era coroa.
 [Sandra] No caso era menor. (Sandra; Pindoba, 15 dez. 2018).

O colaborador Seu Genildo, representante da Tribo Indígena Papo Amarelo, que começou a brincar no início da década de 1980, fala um pouco da mudança que presenciou acerca do formato do capacete:

Quer dizer, desde que eu comecei, o trabalho meu era diferente do de agora... antigamente meu trabalho era muito diferente com pena de galinha, pena de pavão sempre, que é a tradição e sempre pelúcia e as decoração.
 (...) os capacetinho era tudo pena de peru... antigamente. Antigamente era difícil pena de pavão. Aí quem faz é a gente. Antigamente não tinha isso daqui não, antigamente tinha uns capacete menor um cocar pequenininho... o espião era pequenininho, oxe, era menor que isso daqui (Genildo, 10 dez. 2018).

Assim como relatado por Seu Genildo, outros colaboradores explicaram que anteriormente não existia oferta de penas com a variedade que existe hoje, desse modo, eram muito utilizadas penas de galinha, pois era possível obter junto a pessoas que criavam e vendiam galinha abatida. Como pode ser conferido na Ficha de Catalogação de Grupo da Tribo Indígena Papo Amarelo, Seu Genildo relata detalhadamente que o trabalho de tratar, limpar e tingir as penas de galinha fazia parte do processo de confecção dos objetos. Aimoré também relata um pouco acerca das modificações do capacete que acompanhou desde o tempo que começou a participar da brincadeira:

Os capacetes são cocares grande, diferente de... se chama capacete! O pessoal chama de cocares. Mas chama capacete. (...) Foram criados nos primeiros carnavais antigo..

do pessoal antigo, no tempo de seu Pelé.. Palá.. Seu Inácio, que era o dono dessa tribo, entendeu? então, Palá foi quem botou. Aí, esse capacete era feito só com bola. Talisca de tábuas, e cartolina. Hoje tá mais melhorado, a gente faz a armação de ferro, por causa até do balanço e o peso. Ele chega a pesar até cinquenta quilos, sessenta. Pronto, o meu mesmo... fica uns sessenta e cinco a setenta quilos. Quando o vento bate. Por causa que ele é alto e largo, o vento bate, aí vai pra isso aí. Aí se chama, as pessoas que dança com ele, se chama espião. A onde fica, na frente da tribo, olhando os inimigos. Que nem fosse um rabo de um pavão, um leque do pavão. O Pessoal antigo chamava “vamo armar os leque”, o leque, coisa que a gente chama de capacete. (Aimoré, 06 dez. 2018)

5.5. Sobre os lugares dos objetos

Durante as apresentações das Tribos, é perceptível que as categorias de objetos ocupam o espaço de apresentação de forma ordenada. No entanto, por meio dos relatos, bem como da observação das diversas apresentações durante o período que decorreu esta pesquisa, foi possível observar algumas variações da ocupação do espaço de apresentação da tribo, as ilustrações das figuras 22, 23 e 24 nos ajudam a entender como se dão algumas variações de tal organização. Obviamente que os esquemas abaixo são simplificações

Figura 22: Esquema 1 disposição dos objetos no espaço

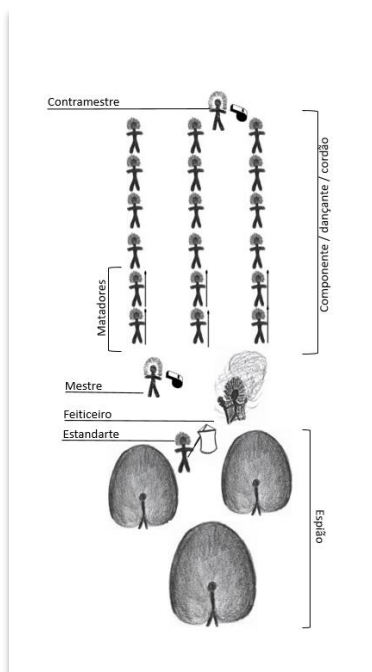


Figura 23: Esquema 2 disposição dos objetos no espaço

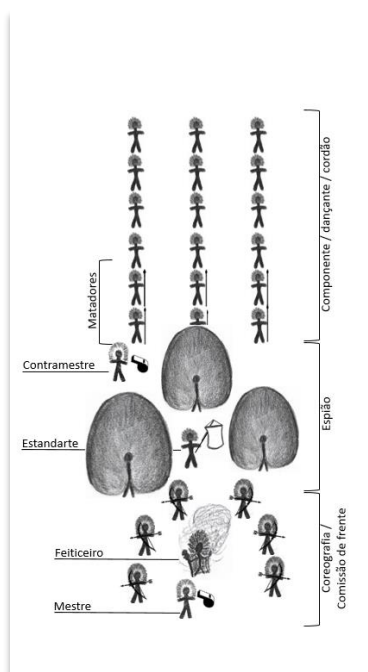
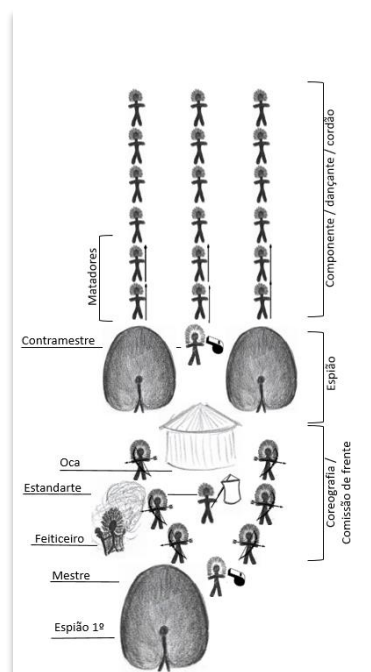


Figura 24: Esquema 3 disposição dos objetos no espaço



Fonte: Ilustração produzida pela autora (2019)

Alguns colaboradores, em seus relatos, abordam aspectos da modificação recente, que, nos últimos anos, tem sido incorporada por algumas agremiações. Seu Toin explica que antigamente existia apenas o cordão, de modo que toda a tribo configura o que se chama “conjunto”. Tal explicação se assemelha à ilustração da figura 22. Ele explica, ainda que era comum a tribo ter os balizas:

Esse daqui que ele sai, e sai com a flecha aqui, aí sai batendo para o povo sair do meio. É o escudo do baliza. Os balizas é os policiais da tribo. Qualquer guerra ali, a responsabilidade é deles. Quer afastar todo mundo. (...)
 É, olha, tem gente que bota quatro, tem gente que bota seis, eu mesmo já botei, já. Até hoje estão fazendo ala, mas a origem mesmo é do cordão, que é a fila de dançantes, participantes, que, no fim, se você olhar, não tem esse negócio de ala, não. É um atrás do outro. (...)
 É tudo. Até a frente. Aí inventaram de estar botando ala. Aí coloca uma parte homem, uma parte mulher...
 É tudo naquele conjunto. Conjunto já é livre, já é antigo. Mas ala estão inventando agora. Que é ala de dança. Que ala de dança tem teatro. Se chama ala de dança (Toin, 15 dez. 2018).

O trecho a seguir da fala de Dona Helena, presidente da Tribo Indígena Tabajara, refere-se à explicação sobre os matadores. Vale observar que diferente do que está demonstrado na ilustração acima, os matadores podem ser os mesmos que participam da coreografia:

Mas desses anos mais pra cá quase não tem mais, tem mais coreografia. Aí o coreógrafo faz a coreografia e bota os mais... os meninos da coreografia pra fazer a matança. Eu já vi muito, né? O ano passado teve. Então o matador tá meio diferente, né? O ano passado eu botei matador, eu botei ainda... mas esse ano, eu não sei como é que vai ser. (Helena dos Índio, 09 dez. 2018)

A presidente da Tribo Indígena Tupy Guarani, Neide, reconhece que nos últimos anos tem ocorrido mudanças, ao avaliar a transição da diretoria da agremiação, após a morte do antigo presidente, mestre Moura, seu pai:

Essas tribos pequenas, Marcela, elas começaram a evoluir agora através da tribo da gente. Porque, assim, na época do meu pai, aquele pessoal antigo, você sabe. Onde bater o martelo é ali, né? Então, a gente não podia sair do ritmo do meu pai. A vontade da gente era que a tribo crescesse, mas se ele dissesse ‘uma bola preta é aqui’, é aqui, morreu o boi e ninguém podia dizer mais nada. Então, quando Deus levou ele, que ele faleceu, foi quando eu e ele [Bideco] se juntou e botamos a tribo na avenida. Nosso primeiro ano, nós trouxe o primeiro título que foi em 2011. E quando a gente veio com o tigre todinho em conjunto completo de tudo... Aí foi daí que as tribos começaram ver a Tupy Guarani subir... foram se evoluindo em cima da gente. E se todas as Tribos fizesse isso, eu garanto que o melhor carnaval que tinha era o de João Pessoa. O prefeito ia ver que tava todo mundo investindo. Agora tenho a maior vontade de inscrever a minha tribo lá em Recife... (Neide, 10 dez. 2018)

5.6. Sobre Tradição e Inovação, Permanências e Transformações

A cada espetáculo apresentado de uma Tribo, configura a resultante de um fenômeno que conjuga forças que contribuem para inovação ou tradição. A partir da observação, conversas informais com os atores sociais envolvidos, bem como das entrevistas realizadas, foi possível identificar algumas forças que contribuem para mudanças e renovações dos fazeres da Tribo Indígena, como aquelas que contribuem para a permanência de aspectos considerados como tradição. Todos os colaboradores ao relatarem sobre sua trajetória até assumirem o posto de mestre ou presidente da agremiação relatam que conviveram anos na brincadeira circulando por diferentes funções para que conhecessem detalhes de todos os fazeres que envolvem a tradição desta brincadeira, este aspecto pode ser percebido se retornarmos ao trecho da fala de seu Zé do Balaio, anteriormente destacado, bem como na seguinte fala de Aimoré.

Aí, passamos esse tempo todinho com a Tribo, infelizmente, a gente perdeu o mestre Carboreto, né? Mas eu sempre do lado dele, prendendo as coisas fazendo os capacetes os cocau, as tanguas.. tudo os adereço da Tribo. Foi passando, passando, tal, aprendi a fazer, né?.. ele era um ótimo professor pra ensinar. Aprendi a fazer as fantasias no completo e sempre dançando, como matador, tal... Teve um período que ele me botou como feiticeiro. Aí comecei a ser o feiticeiro da Tribo. Aí, chegou o tempo dele passar para outro plano... (Aimoré, 06 dez. 2018).

Percebe-se que a experiência vivida na juventude enquanto brincante, hoje serve como referência de tradição, observação que se torna evidente no discurso dos colaboradores quando em suas falas mencionam as expressões, “no meu tempo...”, “a tradição...”, “isso daí não é tribo”, “isso é novidade...”. Observa-se que há um compromisso em apresentar a Tribo a cada ano com as referências que são reconhecidas como tradicionais desta prática, por parte dos atores sociais envolvidos. Tais aspectos podem ser observados diluídos nos discursos transcritos nas fichas do inventário. Trazemos aqui, brevemente, a fala de Aimoré sobre sua preocupação em inovar sem chegar ao ponto de modificar a prática, de modo que a apresentação não seja reconhecida como de uma Tribo carnavalesca. O contexto da fala se refere à indumentária de um grupo de dançantes que apresentaram uma coreografia, representando “os quatro elementos” (Aimoré, 2018), que foi o tema escolhido pela tribo Tupinambás para apresentação daquele ano.

Isso aí foi o que acabou com a minha tribo. A gente botou os quatro elementos da terra. Eu pensei que iam fazer com pena, veio fazer com isso aí, acabou com a minha tribo. Todo mundo dizendo que era escola de samba (Aimoré, 06 dez. 2018).

É pertinente contextualizar que atualmente duas instituições são responsáveis por organizar e definir as regras do concurso o qual às tribos são submetidas, que são a Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), fundação pública da administração indireta da prefeitura municipal, e a Liga Carnavalesca de João Pessoa (Licarjope), instituição sem fins lucrativos. Conforme pode ser observado no documento anexo a este trabalho “Carnaval Tradição 2018: Regulamento Oficial – Tribos Indígenas”, no que diz respeito aos “quesitos em julgamentos”, não são especificados os critérios que os jurados devem pautar sua avaliação.

CAPITULO X

DO JULGAMENTO DOS DESFILES

Art. 24 - À Comissão Julgadora será composta por 05 (cinco) membros, sendo um para cada quesito e um deles julgará 02 (dois) quesitos;

Art. 25 - A indicação dos membros da Comissão Julgadora é atribuição exclusiva da FUNJOPE.

CAPITULO XI

DOS QUESITOS EM JULGAMENTOS

Art. 26- Os quesitos em julgamento são os seguintes:

- I. Fantasia;
- II. Batuque;
- III. Koká;
- IV. Estandarte;
- V. V. Conjunto;
- VI. VI. Coreografia;

Parágrafo Único - A FUNJOPE estabelecerá, junto com a Comissão Julgadora, os critérios de julgamento relativos a cada quesito. (FUNJOPE, 2018)

De acordo com o esclarecimento prestados por Martinho Patrício Leite, artista visual paraibano, que foi um dos jurados que atuaram na comissão de 2018, a convocação para a participação costuma não conferir orientações detalhadas acerca dos critérios de julgamento, de modo que ele alega que julgou os quesitos, os quais ficou responsável, com base na sua percepção pessoal, à medida que antes do desfile de 2018, Martinho, já havia participado da comissão julgadora em outros anos. Assim, para contribuir com seus critérios, levou em consideração a experiência acumulada. Reconhecendo o quão delicado é a responsabilidade de atribuir nota aos quesitos julgados na apresentação, comentou que sugeriu à organização que cada quesito deveria receber notas de mais de um jurado, a fim de se alcançar mais imparcialidade. Assim como Martinho alega que os critérios de julgamento são significativamente abertos à subjetividade do jurado, os colaboradores entrevistados desta pesquisa também alegam que os critérios não são claros para eles e ponderam ainda que a comissão muda de um ano para outro, de modo que aquilo que agradaria um jurado em um ano, poderia não agradar outro, em um ano diferente.

O resultado do concurso de cada ano se apresenta como parâmetro para as agremiações elaborarem o carnaval do ano seguinte. Alguns colaboradores, como Dona Helena e Bideco, explicam que o parecer que o jurado emite para cada nota atribuída é estudado pelas pessoas responsáveis pela elaboração do desfile do ano seguinte, assim como relata Bideco “o jurado explica a perda de ponto e tudo, vem atrás escrevendo e tudo, quando recebe as notas. ‘Aqui deu como um cocar muito bem trabalhado e bem-acabado’, tá entendendo” (Bideco, 10 dez. 2018)?

5.7. Sobre Índios Originais e Índios de Carnaval

Um aspecto que merece atenção acerca do discurso dos colaboradores desta pesquisa, se refere ao fato da comparação entre os ‘índios originais’ e a Tribo Indígena Carnavalesca. Nos últimos dez anos, é perceptível que cada vez mais, para confecção de seus objetos, as Tribos têm feito uso de materiais naturais, como palha, bambu, sisal, sementes, cabaças reduzindo significativamente o uso de lantejoulas e bolas de natal. Seu Genildo, presidente da Tribo Indígena Papo Amarelo e seu Antônio, presidente da Tribo Indígena Guanabara relatam que têm realizado viagens para territórios indígenas da Paraíba, como as aldeias da Baía da Traição do povo potiguara e de Gurugi, do povo Tabajara. Em seus relatos, é possível observar o interesse por conhecer os objetos produzidos e aspectos relativos ao ritual do toré. Nesse sentido Neide, a presidente da Tribo Tupy Guarani, relata seus planos de conhecer as aldeias de índios da Amazônia:

(...) em 2020... Se eu estiver viva daqui pra lá, que só quem sabe é Deus, eu vou tá indo pra Amazonas ... Pra aldeia dos índio lá, que tem um pessoal aqui que me conheceram e eles acharam muito interessante nosso trabalho aqui. Eles tão querendo me levar lá, né? Pra eu levar os materiais meus que a gente já confecciona e como vou trazer deles também. Eu já conhecia aqui os índios da Baía da Traição é muito interessante, eles fazem uns cocar com as pena de arara e de papagaio ... que elas são alinhavadas na linha. É muito complicado, como eles fazem mas é muito bonito. Em 2020, se eu estiver viva, estarei lá na Amazônia (Neide, 10 dez. 2018).

5.8. Sobre o Feiticeiro

Outro aspecto observado a partir dos discursos obtidos nas entrevistas realizadas diz respeito ao personagem do feiticeiro. De acordo com os entrevistados, os feiticeiros, em sua grande maioria, são pessoas praticantes da religião da Jurema Sagrada, conforme relata Dona Helena (2018): “Tem que ter muito coração pra poder fazer, né? É, todo feiticeiro, ele é macumbeiro. Ele tem que fazer parte do candomblé. Tem uns que não são, mas a maioria são,

né? Quase todos que eu conheço são. E, raramente, aqui na tribo, não é...” (Helena dos Índio, 09 dez. 2018).

Assim como Dona Helena, outros colaboradores alegam que é muito difícil para quem não faz parte da religião realizar uso do ‘cachimbo de sete bocas’, peça tradicional deste personagem. Outro aspecto observado durante a pesquisa é o fato de que, na maioria dos casos, é a própria pessoa responsável pelo feiticeiro que produz a sua indumentária. Desse modo, em muitos casos, as peças que compõem o feiticeiro são confeccionadas separadamente das demais.

Porque ele é tipo o pajé da tribo. Ele tá ali, tanto é que ele não morre, ele é tipo o pajé velho da tribo. É no caso o curandeiro da tribo. Ele fica lá pra soltar no caso o cachimbo dele, pra fazer a cura, ele tipo na magia, a feitiçaria é com ele. Na tribo tem que ter o pajé original, o feiticeiro, toda tribo, índio é o tema original. Não é obrigatório, porque ele não tem julgamento pra feiticeiro, mas todas têm. Só não é obrigado.

(...) Ele que faz, mas a gente dá o material. Ele pesquisa o modelo que ele quer, no caso no tema, né? O tema é tal... aí ele pesquisa, traz pra gente elaborar pra ver se a gente aceita ou não. Aí todos nos vamos dizer, acrescenta isso, arruma aquilo. Aí a gente dá o material e ele já vem pronto.

(...)

[Resposta para a pergunta: o feiticeiro tem alguma relação com a Jurema?] É... com a Jurema. Isso aí tem a ver, é tanto que ele é... geralmente os feiticeiros que a gente conhece (Sandra, 15 dez. 2018).

5.9. Sobre Memória e Identidade

Os discursos relacionados à identidade de cada agremiação enquanto comunidade, está diluído nos relatos da história de vida dos entrevistados, no relato sobre a união dos participantes para produção do espetáculo, na riqueza de detalhes que são narradas as lembranças vividas por tantos carnavais passados, na descrição da emoção que é ver sua agremiação desfilar na avenida, assim como pode ser observado na fala de Seu Genildo, presidente da Tribo Papo Amarelo:

O que eu acho bonito na minha Tribo, pronto... tamo conversando aqui... a minha alegria a minha alegria mesmo, é quando entra na avenida, eu vejo os meus meninos dançando... olha eu fico... se eu pudesse pular, soltar minhas muleta pra mim pular dentro, eu tava... era!

(...) Agora quer ver eu aperreado mesmo? Com dor de barriga, aperreado... Eu tô aqui, e os meninos vai se embora e o Papo Amarelo tá desfilando que eu não tô vendo, eu fico doido.. fico! Ave Maria!.. baixa a preção na hora, homi! Tá doido, eu fico muito aperreado! Mas graças a Deus é difícil acontecer um negócio desses.

(Genildo, 10 dez. 2018)

Muitos são os relatos que poderiam ser trazidos para dar conta da dimensão identitária, a qual pode ser percebida nos discursos dos entrevistados. Dona Helena fala da sua emoção

quando do momento da loa de sua Tribo. Ao terminar de explicar como se dá a narrativa contada durante a apresentação da Tribo, ela comenta:

A história dos índio é essa! É muito bonita a história, pra quem entende, pra quem sabe... ali aquela briga, aquela desavença naquele momento ali.. né? que é como se eles estivessem brigando mesmo. Que revive... que é o feiticeiro. Então, aí o feiticeiro vem, né? Aí faz a macumbagem dele lá. E a Tribo vai embora e fica tudo certo.

(...) [sobre a loa da Tribo Tabajara] É.. a identidade da Tribo! É que eu nem tenho a minha decorada assim, eu tenho a minha no papel... que eu fico tão emocionada que eu nem presto atenção.

(...) Mas... tem que ser uma coisa já relacionada com a tribo, né? Aí que ele grita... aí pergunta que tribo eles são, né? Aí eles dizem, respondem, né? no caso ali é pra responder todo mundo igual, né? Aí quando eles perguntam, “que Tribo vocês são?”, aí eles diz, “Tabajara!”. Né (Helena dos Índio, 09 dez. 2018)?

Durante a realização das atividades de campo desta pesquisa, foi possível identificar a preocupação das lideranças das agremiações em contribuir na construção da memória de seu grupo. Nesse sentido Nina, Presidente da Tribo Indígena Tupinambás e filha do falecido mestre Carboreto, comentou que pretendia imprimir fotos do grupo em um grande banner para deixar exposto na sede. Neide, a presidente da Tribo Tupy Guarani também comentou sobre vontade de reproduzir as fotos antigas para deixar expostas no pavilhão do grupo. Quando do momento da entrevista, buscou suas fotos antigas guardadas com muito cuidado, apresentando uma a uma, repetindo algumas vezes a frase “isso aqui, pra mim, é uma relíquia”:

Eu vou fazer um banner, sabe, Marcela... eu vou fazer um banner com essas fotos antigas e vou pendurar aqui no pavilhão. Quando começar nosso trabalhos, os componentes gostam muito de vir aqui. Então isso aqui é muito importante pra eles. Eles dizem “Olha, fulano!” a gente tinha muita foto, mas como a casa da gente era de barro, aí a casa dele caiu, a gente perdeu muita foto... mas a gente perdeu tudinho quando a casa do meu pai caiu, a gente perdeu na chuva. Mas a gente tem muita coisa guarda (Neide, 10 dez. 2018).

Também foi possível observar, durante o campo da pesquisa, os troféus expostos nas sedes dos grupos, como é o caso de Seu Manuel Índio, que reservou um grande cômodo de sua casa para guardar e confeccionar os objetos de sua tribo. Assim, seu Manuel mantém expostas nas paredes fotos antigas e nas prateleiras os troféus da Tupi Guanabara. As casas dos mestres, bem como os locais de confecção dos objetos, costumam apresentar um cuidado memorialístico.

Este capítulo do trabalho reuniu algumas das observações possíveis de serem registradas no processo de inventariação da cultura material da Tribo Indígena Carnavalesca. O

processo de entrevista acerca dos objetos com auxílio das fotos e pequenos registros audiovisuais proporcionaram relatos muito ricos e por vezes comoventes. Assim, não poderia terminar este capítulo sem registrar o relato emocionante de seu Genildo. O presidente da Tribo Papo Amarelo começou a brincar aos treze anos, aos quarenta e um anos de idade sofreu um grave acidente de trabalho, de modo que hoje se locomove com o uso de muletas, ao final da entrevista, quando estava prestes a desligar o gravador, seu Genildo começa a relatar sua lembrança:

E hoje em dia, hoje em dia acabou-se daquele tempo pra cá.. que antigamente era carnaval! Olha se eu fazia um capacete de cordão capacete bonito, era tanta da gente pra olhar esse capacete! ‘Eita, vem o índio ali, ó’. Saía gente de dentro de casa pra olhar, hoje em dia acabou-se. Mas quando eu brincava com o capacete grande dançando o clube todinho, antigamente... Eu era novo, o capacete era tão grande na cabeça.. ‘Índio, tu vai cair com esse capacete, esse capacete vai te derrubar, vai dar uma queda em tu’. Porque quem maltrata a gente não é nada do capacete, é o vento. Porque a gente não domina o vento, o vento domina a gente e a gente cai, e é arriscado quebrar o pescoço, então por isso que hoje em dia de lá pra cá, eu boto a proteção atrás do capacete que é a ferragem.... que quando o vento der, ele segura e não tem como.. só se o caba for mole, né? Mas se ele for um caba experiência mesmo, ele tem que dominar o vento. É! Antigamente eu quando eu brincava com capacete grande, eu pegava nos dois talabada assim, e dominava.. ‘ó o vento aí’, ‘rapaz o vento’.. o vento me levava como daqui ali, eu dava um rodete, só pegava os talabada aqui, e a turma tudo batendo palma quando chegava ali no Bairro dos Novais ... Antigamente era barro, quando eu vinha de capacete assim, quando eu vinha lá atrás... eu nem escutava mais o bater do bombo. Eu ‘meu Deus, os meninos tão aonde?’ quando eu dava aquele rodete, quando olhava pra trás, eu não via... Eu ouvia a pancada muito longe, aí eu só na pancada do bombo, eu vinha no meu manejo dançando... Ó daquela rua ali onde tem o sinal de Oitizeiro, antigamente não tinha sinal, não. E eu ficava sozinho no meio da rua.. E vinha carro praqui, e vinha carro pra cá, entrava cá, e eu fechava tudinho, os carro as moto parava tudinho pra ver. Descia do carro pra olhar eu dançar, eu fazendo aquela dança, aquela munganga com uma machadinha desse tamanhinho dançando, dançando, aí a turma tudo olhando quando eu via que eu corria como aqui na [casa da] cidadania, eu começava a andar puxando o clube quando eu vinha com uma distância muito boa, quando ainda vinha saindo de lá da rua pra atravessar pra cá, eu sozinho... e os carros tudo parado antigamente era outra coisa, era um carnaval bonito (Genildo, 10 dez. 2018)!

6. CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho, discutimos e elaboramos a proposta metodológica para dar base ao estudo da cultura material das Tribos Indígenas Carnavalescas. A não existência de registros minimamente sistematizados dos objetos produzidos pelos grupos demandou a realização de um trabalho de documentação.

O modelo proposto de inventariação da cultura material foi resultado da experiência prática da aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais INRC, bem como de outras experiências de inventários participativos e o estudo de modelos de catalogação de obras de arte. Trata-se da proposição de uma experiência-piloto (apêndice deste trabalho) elaborada para aplicação em uma prática cultural específica.

Parte-se da premissa de que todo e qualquer modelo e instrumento de representação de uma dada realidade dará conta apenas de um recorte, por mais exaustivo que seja o método aplicado. Ter consciência das limitações do trabalho é fundamental, de modo que a reflexão apresentada por Loureiro, Azevedo Netto e Cascardo, se apresenta adequada a esse contexto da aplicação de inventários:

Nossa relação com o mundo, como observa Tilley, é sempre situada a partir de um ponto de vista, e essa condição torna impossível esgotar a descrição de objetos. Sendo a experiência sempre parcial, incompleta e ambígua, representar objetos em imagens e palavras implica inevitavelmente em representar sempre e apenas um de seus aspectos (LOUREIRO, AZEVEDO NETTO e CASCARDO, 2014, p. 4809).

Vale reiterar que o modelo de inventário aqui proposto é apenas um instrumento de produção de conhecimento e organização da informação e que possui limitação no que diz respeito à representação da prática cultural em tela - nesse caso, as Tribos Indígenas Carnavalescas. No entanto, tal ponderação não desmerece a relevância da realização do inventário, de modo que o resultado alcançado com a aplicação do método proposto se apresenta de fundamental importância para registrar e compreender os fazeres e as transformações atuais e futuras relativas a tal prática cultural.

A síntese da análise a ser considerada neste trabalho é que o carnaval daqueles envolvidos na brincadeira da Tribo Indígena Carnavalesca é a culminância de um processo coletivo de representação de um índio mítico, que se materializa no momento da apresentação do desfile oficial, por meio de um intenso processo de produção de objetos e ensaios da dança, da música e da encenação que compreendem essa prática cultural.

O problema motivador desta pesquisa pautou a identificação de referências culturais presentes na cultura material das Tribos Indígenas do Carnaval de João Pessoa, o processo de documentação realizado no decurso desta pesquisa possibilitou perceber o quão amplo e variado se apresenta o repertório de referências culturais que contribuem no processo de elaboração dos objetos das Tribos conforme pode ser observado no registro sistematizado no inventário, apêndice deste trabalho. Foi possível identificar que há um sistema de forças em disputa, por exemplo, temos vetores que apontam para a inovação, ou criação, à medida que todo ano deve ser uma nova apresentação, e forças que apontam para a manutenção dos modos de fazer e representar conforme aquilo que se compreende como tradição.

É certo que por mais audacioso que se pretendeu o processo de documentação dos objetos de oito agremiações, no curto espaço de tempo que se aplicou esta investigação, a conclusão que se aponta é que fechar esta pesquisa por aqui proporciona mais “problemas”. Pois, o que se alcançou foram mais dúvidas e apontamentos frutos da observação, que ainda precisam de tempo, estudo documental e conversa junto aos atores sociais envolvidos para se alcançar uma interpretação mais aprofundada desta manifestação cultural.

Ainda refletindo acerca das referências culturais, no que se refere à representação do índio, é oportuna a contribuição de Mário Chagas que apresentou uma síntese de uma pesquisa de opinião pública realizada, à época da elaboração do Museu do Índio, provocada por Darcy Ribeiro:

O resultado dessa pesquisa, que procurou ouvir, sobretudo, “crianças, jovens estudantes e populares”, sublinhou a existência de representações mentais que construíam narrativas que descreviam os povos indígenas como “seres congenitamente inferiores”, “como povos embrutecidos” e “preguiçosos”, sem “qualquer qualidade humana”, sem “refinamento estético” e outras imagens depreciativas. Paralelamente a essas representações, apareciam também aquelas que descreviam esses mesmos povos como habitantes de um mundo idílico, repleto de aventuras e como seres portadores das mais “excelsas qualidades de nobreza, altruísmo, sobriedade e outras”. Essas duas modalidades de representação, segundo o pai fundador do Museu, estavam ancoradas em preconceitos que assumiam a “aparência de verdade incontestável”.

Depois do mapeamento dessas representações, foram investigadas também as imagens referentes aos índios, veiculadas nos meios de comunicação, com ênfase no cinema, na imprensa escrita, no rádio e na televisão. O resultado evidenciou que “a mais viva imagem do índio para muitas crianças brasileiras” era a “detestável caricatura dos ‘peles vermelhas’ norte-americanos, explorada nos filmes de ‘far-west’” (CHAGAS, 2007, p.184)

É fundamental considerar que os aspectos identificados, acerca da representação do índio brasileiro, nos resultados da pesquisa acima descrita, se referem à década de 1950. No entanto, no que diz respeito aos discursos dos colaboradores do atual inventário, bem como das

cenas retratadas durante o momento da apresentação da Tribo, é possível, ainda hoje, identificar que a narrativa apresentada na avenida se aproxima da ideia de ‘povos como habitantes de um mundo idílico’ assim como descrito no trecho acima selecionado. Complementa tal consideração o fato que o repertório imagético da representação do Índio estabelece relações com aquilo que pode ser acessado nos meios de comunicação, para além do cinema, imprensa escrita, rádio e televisão. Atualmente, os atores sociais desta prática também fazem uso considerável da internet como ferramenta de busca, conforme pôde ser observado nos discursos dos colaboradores que declaram que realizam pesquisas na internet para elaboração e produção de seus objetos.

O campo deste trabalho se limitou a realizar o registro das tribos acerca do carnaval de 2018, nesse sentido, as entrevistas foram ricas o suficiente para a produção das fichas do inventário. No entanto, é importante reconhecer os limites do recorte deste trabalho, pois, a partir da circulação entre as sedes dos grupos, bem como o processo de pesquisa e escrita, ocorreram contatos fortuitos com alguns registros fotográficos de décadas passadas. Tais registros foram incorporados no processo de pesquisa, por reconhecer a importância das informações que tais documentos apresentam e a contribuição para a discussão deste trabalho. Nesse passo, importa considerar que, certamente, uma proposta de estudo acerca desta prática cultural, dedicada a realizar uma pesquisa histórico-documental, com busca em acervos públicos e privados, poderá reconstruir fatos e transformações deste fazer com maior riqueza de detalhes, complementando a pesquisa produzida até então.

Importa reconhecer que outro enfoque possível no que diz respeito ao estudo da cultura material da Tribo Indígena Carnavalesca se refere aos objetos memorialísticos dos grupos. Ressalto que em função da metodologia de inventário, na perspectiva de se fazer um grande levantamento da diversidade de objetos produzidos pelos grupos no carnaval de 2018, as visitas foram realizadas com um objetivo bem definido, de modo que foram casuais as oportunidades de acessar e identificar objetos memorialísticos como troféus, fotografias, o cachimbo do feiticeiro, capa do mestre, ‘a primeira gaita’ guardada como um tesouro, entre outros. Um olhar dedicado a compreender a função memorialística de tais objetos aponta para mais uma possibilidade de abordagem de estudo.

Considerando a importância de registrar aspectos observados durante o processo de campo desta pesquisa, ressalto a oportunidade de realizar observação participante após uma das entrevistas. Pude participar e assistir um ensaio da Tribo Tupinambás, que foi uma experiência extremamente rica. Naquele contexto, foi possível observar um pouco sobre como se dá o aprendizado dos saberes da tradição desta brincadeira, no que se refere ao papel dos objetos

como mediadores desse processo de aprendizagem. Tal experiência reitera o quanto outras propostas de estudo da cultura material são possíveis para serem aplicadas a esta prática cultural.

A partir da experiência e discussão do processo de documentação da cultura material da Tribo Indígena Carnavalesca, o presente trabalho propôs contribuir com o campo de estudo da ciência da informação, reconhecendo a tradição como um suporte de memória (PACHECO, 1995). Assim, o *Inventário da Cultura Material das Tribos Indígenas Carnavalescas* é a aplicação de uma metodologia construída no processo deste estudo, pois entendo que a contribuição deste instrumento no âmbito da ciência da informação se dá na apresentação desta ferramenta enquanto modelo de registro que prevê a oralidade, permitindo assim, um registro que diz respeito às interpretações dos atores sociais envolvidos.

Por fim, importa considerar que, por reconhecer a Tribo Indígena Carnavalesca como representativa da diversidade cultural paraibana, este trabalho foi produzido comprometido com a divulgação da riqueza que esta prática cultural configura. Assim, dada a escassez de estudo produzido até então acerca deste bem cultural, é indispensável o compromisso para que se torne público este estudo, bem como aqueles já produzidos e os que virão.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina Maria do Rego Monteiro; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. A antropologia e o Patrimônio cultural no Brasil. *In*: LIMA FILHO, M. F.; BESTRÃO, J. F.; ECKERT, C. (org.) **Associação Brasileira de Antropologia. Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e Desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007: p. 21 – 43.
- _____.; CHAGAS, Mário. Introdução. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.) **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009: p. 13 – 16.
- Aimoré, **Entrevista in loco**. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Tupinambás. João Pessoa, 06 dez. 2018.
- ANDERSON, Benedict. Introdução. *In*: **Comunidades Imaginadas**. São Paulo. Cia das Letras, 2009: p.p. 26 - 34.
- ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. 3 Volumes. (Org.) Oneyda Alvarenga. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. Vol. 2.
- ANDRADE, Maristela de Paula.; SOUZA FILHO, Benedito. Patrimônio Imaterial de Quilombolas – Limites da Metodologia de Inventário de Referências Culturais. *In*: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, 2012. n. 38, p.p. 75-99.
- ARANTES, A. A.; RAMASSOTE, R. ; MORAIS, S. S. . Trajetória e Desafios do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC): entrevista com Antônio Arantes.. **Revista CPC (USP)**, v. 20, p. 221-260-260, 2015. p. 245
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- AZEVEDO NETTO, Carlos. X.. INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: As relações na pesquisa. **História em Reflexão**: Revista Eletrônica de História, Dourados, v. 1, n. 2, p.1-20, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao>>. Acesso em: 14 maio 2018.
- _____. A Cultura Material Vista Como Informação, Patrimônio E Memória: o patrimônio arqueológico em sua função social. *In*: Carlos Xavier de Azevedo Netto. (Org.). **Informação, Patrimônio e Memória: diálogos interdisciplinares**. 01ed.João Pessoa: Editora da UFPB, 2015, v. 01, p. 153-167.
- _____. Interpretação e conceito: as formas de representação e transferência da informação da arte rupestre no Brasil. **Revista de Arqueologia** (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso), Juiz de Fora, v. 16, p. 13-30, 2003.
- BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: BARTH, Fredrik; LASK, Tonke (Org.). **O guru, o iniciador: e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 25-67.

BIDECO, **Entrevista in loco**. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Tupy Guarani. João Pessoa, 10 dez. 2018.

BORKO, Harold. Information science: what is it?. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3433774/mod_resource/content/1/Oque%C3%A9C.L.pdf . Acesso em: 26 ago. 2017.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de Curadoria: os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. In: BITTENCOURT, José Neves (Org.). **Cadernos de Diretrizes 2 – Mediação em Museus: Curadorias, Exposições e Ação Educativa**, Belo Horizonte: SUM, 2008.

_____. A Perspectiva Museológica e a Articulação entre Informação, Memória e Patrimônio. In: Carlos Xavier de Azevedo Netto. (Org.). **Informação, Patrimônio e Memória: diálogos interdisciplinares**. 1ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015, v. 1, p. 11-23.

CANCLINI, Néstor García. Introdução ao estudo das culturas populares. In: **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CHOAY, Françoise. Introdução: Monumento e monumento histórico. In: **A alegoria do patrimônio**. Trad. de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora da UNESP, 2006. p.11-29.

CLEMENTE, Marta Sanchís. **Aprendendo música com os Tupynambás: transmissão musical em uma Tribo Indígena Carnavalesca de Mandacaru**. 2013. F. 195. Dissertação (Mestrado em Etnomusicologia), Departamento de Música-UFPB/CCTA. João Pessoa.

CORSINO, Célia Maria. Apresentação. In: **INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS - INRC: Manual de Aplicação**. Brasília; IPHAN, 2000. p. 07 – 10.

CURY, Maria Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo, Annablume, 2005

DA MATTA, Roberto. Você tem cultura? In: **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 121-128.

DESVALLÉES, André ; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Editores Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

ELLIOT, R. et al. Towards a material history methodology. In: PEARCE, Susan M.. Interpreting Objects and Collections. London And New York: Routledge, 2003. p. 109-124.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências Culturais: Base para novas políticas de patrimônio. In: **Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC: Manual de Aplicação**. Brasília; IPHAN, 2000. p. 11-21.

FREITAS, Sicília Calado. **As imagens na performance dos Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros**. Tese (doutorado) – UFRJ/EBA. Rio de Janeiro, 2013

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Cap. 1, p. 13-41.

_____. A Arte como sistema cultural. In: **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

Genildo, **Entrevista in loco**. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Papo Amarelo. João Pessoa, 10 dez. 2018.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. José Reginaldo Santos Gonçalves. - Rio de Janeiro, 2007.

_____, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio, 2003.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. **Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação**. 2000. Disponível em: < <http://repositorio.ibict.br/handle/123456789/127>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.

Helena dos Índio, **Entrevista in loco**. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Tabajara. João Pessoa, 09 dez. 2018.

IPHAN. **Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC: Manual de Aplicação**. Brasília; IPHAN, 2000.

JAPIASSU, Rodrigo Costa. Promoção da memória social a partir de documentos arquivísticos em centros de memória do Poder Judiciário Federal brasileiro: em foco a memória, o patrimônio e a informação. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, [s.l.], v. 17, n. 110, p.p.64-77, 20 ago. 2017.

JARMAN, Neil. Material of culture, fabric of identity. In: MILLER, Daniel (Ed.). **Material cultures: Why some things matter**. London: Taylor & Francis E-library, 2001. Cap. 6. p. 121-145.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura - um conceito antropológico**. 22. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

LOUREIRO, José Mauro M. Informação, Memória e Patrimônio: breves considerações. In: Carlos Xavier de Azevedo Netto. (Org.). **Informação, Patrimônio e Memória: diálogos interdisciplinares**. 01ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015, v. 01, p. 97 – 106.

LOUREIRO, Maria Lúcia N. M. ; AZEVEDO NETTO, Carlos X. ; CASCARDO, Ana Beatris S. . Memória e Cultura Material: Objetos, palavras e representações. In: **XV Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação**, 2014, Belo Horizonte. Anais do XV Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. v. 01. p. 4794-4811.

LOUREIRO_____. Museu, Patrimônio, Memória. In: Carlos Xavier de Azevedo Netto. (Org.). **Informação, Patrimônio e Memória: diálogos interdisciplinares**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015, v. , p. 24-43.

MAIMONE, Giovana D. ; TÁLAMO, Maria De Fátima. G. M. . Metodologias de representação da informação imagética. **Transinformação**, v. 21, p. 181-196, 2009.

Manuel Índio, **Entrevista in loco**. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Tupi Guanabara. João Pessoa, 13 dez. 2018.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**, São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: Estudos antropológicos sobre cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MILLER, Daniel. Things ain't what they used to be. In: PEARCE, Susan M. (Org.). **Interpreting Objects and Collections**. London And New York: Routledge, 2003. p. 13-18.

MUCCILLO, Marcela de Oliveira. **Curadoria de Patrimônio Imaterial em Instituições Museais**. 2015. 83 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Ccta, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Cap. 3.

Neide, **Entrevista in loco**. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Tupy Guarani. João Pessoa, 10 dez. 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 7-28, 1993.

PACHECO, Leila M. S. A informação enquanto artefato. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 20-24. 1995.

PEARCE, Susan M.. Thinking about things. In: PEARCE, Susan M.. **Interpreting Objects and Collections**. London And New York: Routledge, 2003. p. 125-126..

Pindoba, **Entrevista in loco**. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Africanos. João Pessoa, 15 dez. 2018.

PROWN, Jules. Mind in matter: an introduction to material culture theory and method. In: PEARCE, Susan M.. **Interpreting Objects and Collections**. London And New York: Routledge, 2003. p. 133-138.

Sandra, **Entrevista in loco**. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Africanos. João Pessoa, 15 dez. 2018.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio, 2003b. p. 46-55.

SANTOS, Carlos Eduardo B. **“OKAIDA” E “ESTADOS UNIDOS”, ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS: a nova face da criminalidade na cidade de João Pessoa, Paraíba**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) 2015. F. 161 - UFRN. Natal, 2015.

SILVA, Armando Malheiro da. **A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico**. Porto: Edições Afrontamento; CETAC. COM. ISBN 978-972-36-0859-5, 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1263/1452>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

SOUSA, Cristiane Pereira de. **Meu mestre bem que me disse: memória e representação cultural nas Tribos de índios de carnaval em João Pessoa**. 2006. Monografia (graduação) - UFPB/CCHLA. João Pessoa, 2006.

SOUZA, José Reinaldo Tavares de. **A transmissão musical na Agremiação Carnavalesca Tribo Indígena Tupynambás**, 7. Anais: ABEM, 2008.

Toin, **Entrevista in loco**. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Guanabara. João Pessoa, 15 dez. 2018.

TURNER, Victor. Dramas sociais e metáforas rituais. In: **Dramas, campos e metáforas**. Ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EDUFF, 2008, p.p. 19-54

Zé do Balaio, **Entrevista in loco**. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Xavantes. João Pessoa, 08 dez. 2018.

APÊNDICE A

INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL DAS TRIBOS INDÍGENAS CARNAVALESCAS

Pode divulgar! Homi!.. pode mandar pra Brasília, São Paulo, Cabadelo... Pra onde quiser! Isso aí é bom que o mundo todo tá sabendo que a paraíba tem. Que em outros canto não tem. Só tem aqui mesmo. Pode divulgar, pode!

(Zé do Balaio, 08 dez. 2018)

1. Identificação		
Nome: Tribo Indígena Carnavalesca Tupinambás	Cores oficiais: Vermelho, verde, amarelo e branco	
Outras denominações: Tupinambás, Índios Tupinambás	Catalogação: TI.01	

2. Pessoas (Pessoa de referência que colaborou com o inventário):		
Nome:	Gilson Pereira da Silva	
Como é conhecido (apelido):	Aimoré	
Função no grupo:	Diretoria e Feiticeiro	

2.1. Biografia

Aimoré conta que sua relação com a Tribo começou cedo, em função da amizade que mestre Carboreto tinha com sua família:

A gente tem uma família com muita gente, né? Muitos homens, mulheres, menina nova de 13, 14 anos e, até os maiores de 40 anos, meus tios que.. brincam ainda. Aí, com o convite de mestre Carboreto, que já brincava carnaval há muitos anos. Aí, a gente é família muito conhecida dele (..) fez o convite pra gente, no tempo que ele tomava conta do Guanabara. A gente foi brincar com ele, com os índios Guanabara, aí brincamos o primeiro ano.. Aí, no segundo ano, a gente já foi campeão.

Pronto. Aí, no segundo ano que a gente foi campeão, aí teve um desentendimento com eles lá... Aí, onde foi que nasceu de novo os Tupinambás.

Aí, passamos esse tempo todinho com a Tribo, infelizmente a gente perdeu o mestre Carboreto, né? Mas eu sempre do lado dele, aprendendo as coisas fazendo os capacetes, os cocau, as tangas.. tudo os adereço da Tribo. Foi passando, passando, tal.. aprendi a fazer, né?.. ele era um ótimo professor pra ensinar. Aprendi a fazer as fantasias no completo e sempre dançando, como matador, tal... Teve um período que ele me botou como feiticeiro. Aí, comecei a ser o feiticeiro da Tribo. Aí, chegou o tempo dele passar para outro plano. Aconteceu da tribo... por conta (incompreensível) do irmão da minha esposa. Aí saiu um ano, ele pro lado de lá. E a tribo passou um ano parada. Aí, aconteceu uns problema comigo também, através da violência do bairro, aí eu peguei fui embora. Passei três anos fora, depois eu voltei, aí eu disse a minha esposa, "eu vou botar a tribo, vou levantar a tribo de novo, vou botar onde era ela, onde ela tava"... Aí, eu fiz. Botei o primeiro ano mais Paluca, que era o zabumbeiro da tribo. A gente ficou em quarto lugar. Esse é meu terceiro ano que eu vou botar. Aí, no segundo ano, a gente foi com mais força, mas infelizmente, a gente teve uma péca, que ficamos em quarto lugar de novo. Mas esse ano a gente tá tentando ficar entre os primeiros, né? Ficar entre os primeiros.

[com quantos anos você começou?] Com uns 13 anos... Nascido aqui, em Mandacaru. Nem na maternidade eu nasci. Nasci em Mandacaru numa rua mais pra cima. Que, não existia parteira e tal? Foi no quarto da minha mãe aqui no bairro mesmo, numa casa. Pronto, nasci em casa mesmo, tal. Eu fui criado e nascido dentro do bairro mesmo.

Aimoré explica que desde criança se interessava pela cultura do bairro:

Eu era muito pequeno, existia já os Guanabara e os Tupinambás. Como eu era muito pequeno, não dançava. Eu alcancei o tempo já de seu Pelé. Um senhor que faleceu há muitos anos. E o Mestre Carboreto era Espião de lá. Aí eu peguei e... ia lá olhar.. como eu era muito pequeno não podia dançar, que no tempo as pessoas que ia dançar, ia lá ajudar. Que o tempo que eu peguei, era pena de galinha, entendeu? Que fazia pintada. Tendo já os capacetes, cada um tendo já as suas tangas e os seus cocar. Era assim que era feito. ...Eu fui aprendendo assim, né? Eu fui aprendendo assim, né?. Na curiosidade, vendo, tal... e fui aprendendo, né? Aí, nunca dancei. Nunca dancei quando era pequeno. Comecei a dançar a partir dos 13 anos.

Eu era pequeno no tamanho de uns cinco anos, seis anos, fazia mais acompanhar a escola de samba ... Dançava, a independente de mandacaru ...no meu período foi só acompanhar e observar. Aí a partir de 13 anos eu já comecei a dançar... na Guanabara,

*já dancei na Pele Vermelha e agora no Tupinambás.
era uma coisa que a gente fazia.. pronto, teve um período que a gente fez o que? Tinha um rapaz chamado Menininho. Ele fez um convite pra gente ir dançar. Me lembro que a capa era de cetim, há muitos anos... foi até pro lado de Guanabara.*

3. Descrição da prática Cultural:

Aimoré explica como se dá a apresentação da Tribo na passarela:

*A tribo começa, entra na passarela.
Aí, num período, chega os matadores rival que querem invadir a nossa tribo, entendeu?
Aí, onde está o confronto, quando começa a dança da morte. Entendeu?
Eu faço parte... eu faço o feiticeiro na tribo, onde vai se ressuscitar os matadores dos tupinambás. Inté tem a dança da morte, entendeu? Depois tem a macumba, que é pra ressuscitar os índio da tribo.
Os capacetes são cocares grande, diferente de... Se chama capacete.
O pessoal chama de cocares. Mas chama capacete.
Foram criados nos primeiros carnavais antigo, do pessoal antigo. No tempo de seu Pelé... Pelé, seu Inácio, que era o dono dessa tribo, entendeu?
Então, Pelé foi quem botou.
Aí, esse capacete era feito só com bola. Talisca de tábuas, e cartolina. Hoje tá mais .. melhorado, a gente faz a armação de ferro, por causa até do balaço e o peso. Ele chega a pesar até cinquenta quilos, sessenta. Pronto, o meu mesmo, fica uns sessenta e cinco a setenta quilos, quando o vento bate. Por causa que ele é alto e largo, o vento bate, aí vai pra isso aí. Aí, se chama, as pessoas que dança com ele, se chama espião. Aonde fica, na frente da tribo, olhando os inimigos. Que nem fosse um rabo de um pavão, um leque do pavão. O Pessoal antigo chamava “vamo armar os leque”, o leque, coisa que a gente chama de capacete.*

No que diz respeito aos ensaios, Aimoré explica:

*Sempre foi aqui nesse bairro, na frente do pavilhão, porque a sede não tem o tamanho adequado pra dar cinquenta, sessenta pessoas
Aí, a gente faz o ensaio na rua, coloca os cones o pessoal da nossa comunidade aqui apoia. Para os carros, ou passa pelo lado, pra não atrapalhar o ensaio. Entendeu?*

4. Localização:

Sede: Isabel Medeiros Corrêa

Outros locais importantes: Avenida Duarte da Silveira (a avenida onde ocorre os desfiles)

5. Histórico (Origens e transformações do grupo ao longo do tempo)

Aimoré explica que a Tribo Tupinambás estava desativada há muitos anos, quando Mestre Carboreto resolveu reativá-la. Mestre Carboreto esteve à frente da agremiação até o seu falecimento. Houveram dois anos que a tribo ficou desativada, após o falecimento de Carboreto e atualmente, fazem três anos que Aimoré assumiu junto à Nina, sua esposa e filha de mestre Carboreto, bem como, outras pessoas da comunidade que compõe a diretoria da agremiação

6. Alegorias / categorias de objetos

Estandarte	Mestre	Orquestra	Oca
Espião	Matadores	Elementos da natureza	Objeto Cênicos
Feiticeiro	Comissão de frente	Pajé	Componentes

7. Confeção

Aimoré conta que a confecção dos objetos é feita no pavilhão.

As fantasias e os objetos são feitos dentro da sede. A gente começa eu, minha esposa, os dançantes, uma senhora chamada Silvânia, outro rapaz que me ajuda muito nos capacetes, que é Jorge. A gente faz as fantasias tudo aqui.

(...)Faz uma parte aqui, tal.. Ai a gente entra lá pra minha casa. Se for pra fazer em sigilo, porque existe muito né? Porque tem tribo, tribo adversária, que é daqui de perto, sempre o pessoal tá [expressão facial de espiar]... que é aquilo, né? Que um quer comer o outro, na maneira de falar, né? Mas no bom sentido da conversa... tudo vale pra ganhar o carnaval.

Tá entendendo? Cada um que queira fazer melhor. E a camuflagem, o segredo, faz parte da tribo. A parte de costura que eu mando a mulher fazer (fora) o básico. Que é pra colocar as tiras nas tangas, né? Do resto fica a trabalho dos componentes da gente mesmo, braçal. No caso, colocar pena nos capacetes que é feito aqui mesmo, capacete não, os cocares. Eu tenho uma pessoa que é o diretor da nossa agremiação, se chama Ailton, o nome dele. Ele trabalha comigo e uma moça chamada Silvânia.

A gente, é... trata sobre o tema, o que é que a gente vai botar... o que vamos colocar nos capacetes, que na bandeira tem que ir, né? Que nos capacetes tem que ir padrão, entendeu? Aí tem essas duas pessoas que é muito forte dentro dessa área de esquematizar tema, como é que a gente vai fazer... tal... a gente estuda tudo pra fazer depois.

(...)Olhe.. não tem nenhum material que não seja renovado.. porque os capacetes, todo ano tem que colocar pena de pavão nova. Tem que colocar a frente nova. Que tem que, no caso, outro painel, né? Todo ano, não pode colocar o mesmo painel, tem que tirar o painel da frente, colocar o painel, tem que colocar outras penas novas. Que as penas através do... porque passa um ano parado, né? As penas se estragam, tal, entendeu?... fica tudo estragado, tem que tirar! O estandarte é trocado, faz outro, entendeu? E... as tangas também e os cocar. Tem que trocar!

8. Observações

Fontes:	Entrevista: Aimoré, Entrevista <i>in loco</i> . Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Tupinambás. João Pessoa, 06 dez. 2018; Imagens: fotos do acervo de Marcela de Oliveira Muccillo.
Data preenchimento:	fevereiro/2019
Responsável pela pesquisa:	Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Estandarte

Catalogação: TI.01.01



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás	Categoria: Estandarte	Catalogação: TI.01.01
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Bandeira
Uso/ Função:	Identificação da Tribo e o ano do desfile
Peças do objeto:	Estandarte, cocar, sutiã, tanga, punho e perneira.
Material:	Estandarte: espuma, pelúcia, cetim e papelão, colagem brocal, lantejoulas, Franja; cocar: papelão, tecido, pelúcia, cordão e penas; sutiã: pelúcia, tanga: pelúcia penas, punho: pelúcia e penas; perneira: pelúcia e penas.
Cores:	Branco, vermelho, verde e amarelo
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Idígenas – Carnaval Terdição 2018: Art. 26, inciso IV.
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Aimoré
É pra representar o que a tribo vem trazendo pra passarela aqui no caso é os quatro elementos da terra. [O estandarte traz o tema, é isso?] Isso! A tribo tá entrando, tem que ter algum estandarte pra representar. (...) Aonde vem trazendo, a o nome, o tema da tribo dentro da bandeira	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Espião

Catalogação: TI.01.02



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás	Categoria: Espião	Catalogação: TI.01.02
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Capacete, koká
Uso/ Função:	Vigia da tribo
Peças do objeto:	Capacete, tanga e perneira
Material:	Capacete: ferro, cartolina, tecido papel, emborrachado, brocal, penas ; tanga: tecido pelúcia e penas; e perneira: tecido pelúcia e penas.
Cores:	Predominantemente, vermelho, amarelo, verde e branco
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso III.
Quantidade média de reproduções do objeto:	03
Registro Oral	
Nome:	Aimoré
Função de fazer a camuflagem e a vigilância da tribo... São os primeiros da frente. (...) Todo ano é tudo refeito... No caso, o capacete é reaproveitável a armação. As penas têm que trocar, o pano da frente, o papel de trás, tudo tem que trocar novamente (...) O preço dela [pana de pavão] é muito alto, chega a 4,00, 5,00 uma pena. E... Essa parte é reaproveitada Desenho todinho é pano, só onde foi feito a água.. ah! No caso, a terra, foi feito de papel. (...) Em algumas ocasiões a gente tem que ir pra fazenda, atrás de pena de pavão fazenda que tem pavão pra ver se o valor cai mais. Nesse ano aqui, a gente colocou 3 [espião]. Mas a tribo é 4 [espião]. Por causa que o custo foi alto demais muita gente, muito material pra fazer e tal... aí eu resolvi botar só três. No caso, cada um dá.. depois que coloca na cabeça dá 6 metros de altura.	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Feiticeiro

Catalogação: TI.01.03



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás	Categoria: Feiticeiro	Catalogação: TI.01.03
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	curandeiro
Uso/ Função:	Ressuscitar a tribo
Peças do objeto:	Cocar, capa, blusa, guias, tanga, perneira, máscara e cachimbo
Material:	Cocar: papelão, pelúcia, búzios pena; capa: tecido, penas, máscara de plástico; blusa: malha ; guias: sementes e linha ; tanga: pelúcia e penas ; perneira: pelúcia e panas; máscara de plástico.
Cores:	Predominantemente vermelho, preto amarelo e dourado
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Aimoré
[Aimoré é o feiticeiro da Tribo, exceto no ano de 2018, no qual uma mulher saiu de feiticeira] (...)Eu faço parte.. eu faço o feiticeiro na tribo, onde vai se ressuscitar os matadores dos tupinambás. Inté tem a dança da morte, entendeu? Depois tem a macumba, que é pra ressuscitar os índio da tribo. [Feiticeiro tem a função de...] Ressuscitar a tribo. Só o que é reaproveitado dela, é o cachimbo. Olhe, eu uso ele da jurema. [Se referindo ao cachimbo da foto do desfile de 2018, explica,] No caso, esse aqui não, né? Os meus. Né? Que tem uns preceitos, umas coisa que se faz que é pra usar. Aqui não [referindo-se a foto]. Aqui é só cuncá, botar o fumo e fumar, entendeu? Mas, quando a pessoa quer usar no ensaio, serve, tal... que é pra fazer a parte da dança da morte, essas coisas toda ai é usado. ...esse ano, ela usou pouco adereço, mas o ano que vem eu vou usar muito adereço. No caso, tem aqueles chocalho de boi? Vou fazer muito ele na tanga e nos punho, que é pra fazer um efeito. Tudo chama a atenção, né? No caso, a feiticeira é um destaque da tribo, no caso... Quando faz as coisas, aí eu sempre faço as coisas pra chamar atenção. Pra ver se entra no quesito, fantasia ou conjunto. (...) Que é usada na fantasia do feiticeiro. Ultimamente, é usado capa preta ou dourada. Do jeito que a pessoa queira fazer. Eu ultimamente, uso muito.. é osso de animal, de cavalo, entendeu, eu mando pegar, quando estiver seco, tal aí eu pego, tal.. aí, lavo com cloro, tal... depois eu pinto ele de branco e faço a fantasia, que no caso se chama a cabeceira. Que é o que bota na cabeça. Como um capacete. Tudo com carcaça de cavalo. A cara as costela a parte de trás do cavalo, a estinha do cavalo, né? Eu faço cordão. Tudo eu já fiz... já saí com ele.	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Mestre

Catalogação: TI.01.04



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás		Categoria: Mestre	Catalogação: TI.01.04
			
		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
		Data: 02/02/2018	Objeto em preparação
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em uso	Data: 02/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Apito
Uso/ Função:	Comandar o grupo durante a apresentação
Peças do objeto:	Cocar, calça, tanga, apito e facão
Material:	Calça: tecido de pelúcia; tanga: tecido de pelúcia e pena; cocar: armação de papelão, pena, tecido de pelúcia e cola; apito de plástico.
Cores:	Branco, vermelho, amarelo e verde
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	02
Registro Oral	
Nome:	Aimoré
[Função] Colocar a tribo toda em conjunto. No caso no alinhamento. Fazer com que a tribo saia tudo certo, sem um atrapalhamento. É... Eles são a parte de defender a nossa tribo, a nossa aldeia. Mode os guerreiros rivais. Aí, eles não pode deixar... Toda aldeia não tem que ter uns guerreiro? Não tem uns guerreiro? [ele que tava mestrando?] Isso. Tinha dois no caso. Ele e o rapaz que tava aqui. [é por isso que ele tá de calça?] Isso! [Quem tá de apito usa calça?] Isso!	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Matador

Catalogação: TI.01.05



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás		Categoria: Matador	Catalogação: TI.01.05
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em uso	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Guerreiros, tribo inimiga
Uso/ Função:	Atacar a outra tribo
Peças do objeto:	Cocar, tanga, perneira, punho e lança
Material:	Cocar: Pena de pato, pena de buá e armação de papelão; tanga: tecido de pelúcia grossa (pele de onça), estopa; perneira: pelúcia com pena; punho: pelúcia com pena buá (pena de puma).
Cores:	Predominantemente vermelho, amarelo e verde
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	12 matadores de outra tribo
Registro Oral	
Nome:	Aimoré
Tem os guerreiros da nossa tribo, que faz a defesa da nossa tribo e tem outros de outras aldeias que vem invadir que é pra toma a aldeia, pra vencer a aldeia dele... tem sempre esse confronto. Chama dança da morte. Por isso que esse ano a gente vai fazer duas tribos, uma com uma cor e outra com outra. Que vai ser a rival que vai entrar pra querer confrontar com a da gente. Certo? Porque outro carnavaiz, vão tudo com a mesma roupa, aí não identifica, né? O jurado tá olhando, não vai ver. Não tá identificando nada direito. Aí por isso que vai ser passado outras roupas, tal e que vai ser tudo diferente, como se eles estivessem invadindo. (...)Matadores da outra tribo [A função?] É atacar (...) [mas eu aqui eu vi um pessoal diferentes, esse aqui todo pintado de vermelho...] Isso, no caso, esses são guerreiros que tão atacando a nossa tribo. (...) Esse daí saiu mais caro. Cada um, mais ou menos, saiu a 60,00 reais. E o material... É que tem uma diferença da pena grossa.. Pena não, desculpa. ...da pelúcia fina pra pelúcia grossa. Que quando é assim de pele de animal, a pelúcia de pele de animal, aí sai mais caro. Cada metro desse pano aí saiu a 50,00 reais. (...) Assim foi feito o nosso tema. Como os nossos guerreiros tava na mata, a gente pegou uma criança que no caso era da tribo rival, botou perto de uma jiboia que tava dentro da mata pra ela comer. Pra cobra comer. Aí esses guerreiros que saiu com essa cobra, fizeram ressuscitar... tiraram o menino de dentro da cobra. Entendeu? Aí que foi a revolta deles que foram atacar a nossa aldeia.	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Comissão de Frente

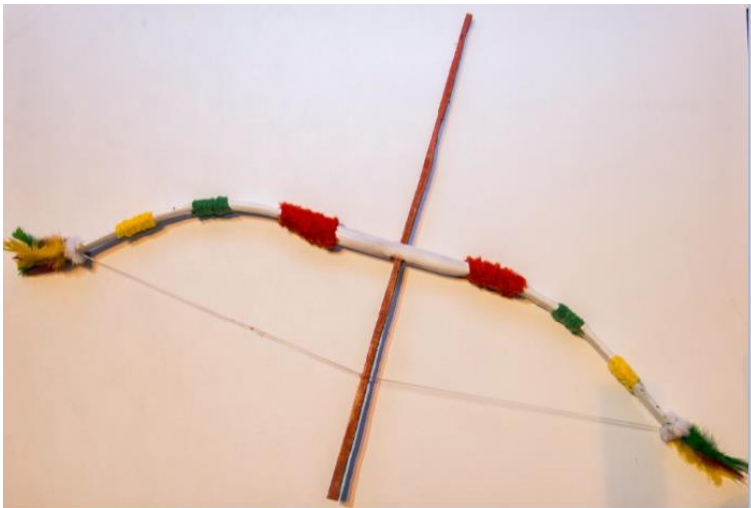
Catalogação: TI.01.06



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás		Categoria: comissão de Frente	Catalogação: TIT.01.06
			
		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
		Data: 02/02/2018	Objeto em preparação
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 02/02/2018	Objeto em preparação	Data: 02/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Guerreiros, ala de coreografia
Uso/ Função:	Desenvolver coreografia
Peças do objeto:	Cocar, sutiã (para mulheres), tanga, punho, perneira e arco e flecha
Material:	Cocar: armação de papelão, pena, pelúcia e cola; sutiã (apara mulheres): pelúcia, tanga: pelúcia e pena; punho: pelúcia e pena; perneira: pelúcia e pena; e arco e flecha: madeira e detalhes em pelúcia e pena.
Cores:	Predominantemente branco, detalhes em verde, amarelo e vermelho
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	12 comissão de frente
Registro Oral	
Nome:	Aimoré
Tem os guerreiros da nossa tribo [referindo-se à comissão de frente], que faz a defesa da nossa tribo e tem outros de outras aldeias que vem invadir que é pra tomá a aldeia, pra vencer a aldeia dele	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Orquestra

Catalogação: TI.01.07



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás	Categoria: Orquestra	Catalogação: TI.01.07
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Batuque, músicos
Uso/ Função:	Executar as músicas da brincadeira
Peças do objeto:	Tanga, punho, perneira, cocar e instrumentos: zabumba, ganzá, triângulo e gaita.
Material:	Tanga: tecido de pelúcia e penas; punho: tecido de pelúcia e penas; cocar: tecido de pelúcia, papelão e penas; e instrumentos: zabumba (zinco, couro e corda), ganzá (latão, semente e chumbo), triângulo (ferro) e gaita (cilindro de alumínio e cera de abelha).
Cores:	Vermelho, branco, verde, amarelo
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso II
Quantidade média de reproduções do objeto:	08
Registro Oral	
Nome:	Aimoré
O bombo é o batuque. Tem o triangulo e os ganzá... Na aldeia, quando tem festa, sempre tem algumas pessoas tocando pífaro, como se chama, né? Mas, em João Pessoa, nos nossos carnavais a gente chama de gaita. Cada cocar desse tem uma base de 28 a 32 penas um pacote de pena, ele vem trinta e duas, sai a cada um, vamo botar, assim, por baixo... uns 40 a 35 reais. Por causa da tanga e por causa das pena de baixo, né? Fora o contrato deles que são caro. Dois zabumbeiro, que saíram quatro, como você tá vendo. Dois zabumbeiro a novecentos reais. Dois! Quatro dá 1800,00, não é isso? E o gaiteiro é o mais caro da tribo. [se referindo ao filho Hélio que hoje é o gaiteiro da Tribo] A gente fez logo o homem em casa porque.. pra sair mais em conta, né? A prefeitura manda um dinheiro, mas a pessoa começa tirar um daqui, dali, daqui a pouco acaba. (...)Os instrumentos é da tribo. De nossa associação Tupinambás. São sempre renovados, pintados.. trocado o coro que já tá desgastado.	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Oca

Catalogação: TI.01.08



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás	Categoria: Oca	Catalogação: TI.01.08
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Casa dos Índios
Uso/ Função:	Representar a casa dos índios
Peças do objeto:	Oca
Material:	Ferro, solda, TNT, sisal tingido e pinturas
Cores:	Bege, amarelo, vermelho, verde e branco
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Aimoré
(...) Todo ano a gente coloca. Só que esse ano eu fiz diferente, eu fiz em formato pirâmide. Isso aí.. eu errei numa parte que aí. Que não é... Isso não é de índio brasileiro, isso é de índio americano. Que a oca de índio brasileiro é aquela que é reta com uma puxada, com uma descaída redonda, assim.. A função da oca.. é onde as mulheres dos guerreiros faz as comida, coloca seus filhos pra dormir, certo e a gente vem representando isso aí, por causa que.. essas oca ela vem representando isso. Por causa de que as pessoas.. num tem as mulheres do guerreiro que vai dar um peito a uma criança? ... Dar uma comida, fazer uma comida... Entendeu?	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Objetos cênicos

Catalogação: TI.01.09



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás	Categoria: Objetos cênicos	Catalogação: TI.01.09
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Cenário
Uso/ Função:	Criar um ambiente para encenação
Peças do objeto:	mata e cobra
Material:	mata: mudas de plantas diversas; e cobra: tecido, espuma, grama sintética e madeira.
Cores:	Vegetação: verde e cobra: estampada
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	Mata:1; Cobra: 2.
Registro Oral	
Nome:	Aimoré
(...) aqui foi uma cobra que os meninos levaram... no caso, nesses espaçozinho que tá aqui [apontando pra imagem no do vídeo da apresentação] isso aqui, ó. Eles botaram uma criança dentro... um rapazinho maior que ele, só que mais magrinho [se referendo ao filho] aí, abriram ela no meio lá e tiraram o menino. Olha a função da cobra... foi... assim foi feito o nosso tema. Como os nossos guerreiros tava na mata, a gente pegou uma criança que no caso era da tribo rival, botou perto de uma jiboia que tava dentro da mata pra ela comer. Pra cobra comer. Aí esses guerreiros que saiu com essa cobra, fizeram ressuscitar... tiraram o menino de dentro da cobra. Entendeu? (...)[tinha umas folhagens...]. Isso! É que eu trabalho numa loja de planta. Eu levo muita planta que faz parte... de adereço, aí forma uma mata, né? A mata que foi feita com uma qualidade de orquídea chamada lírio-íris azul e palmeira triangular.	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Elementos da Natureza

Catalogação: TI.01.10



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás		Categoria: Elementos da Natureza	Catalogação: TI.01.10
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em uso	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Não há outra denominação		
Uso/ Função:	Coreografia e encenação		
Peças do objeto:	Ar: roupa, coroa perneira,Terra: roupa, coroa perneira, Água: roupa, coroa perneira		
Material:	Ar – roupa: tecido e feltro; coroa: papelão, plástico, canudo, emborrachado e papel laminado; Fogo – roupa: macacão de malha, tecido e feltro; coroa: papelão, plástico e papel laminado; Terra – roupa: macacão de malha, tecido e feltro; coroa: papelão, plástico, canudo e papel laminado; Água: roupa: tecido e feltro; coroa: papelão, plástico e papel laminado.		
Cores:	Predominantemente, azul, vermelho, laranja e amarelo		
Regulamentação (se houver):	---		
Quantidade média de reproduções do objeto:	08 (02 por alegoria)		
Registro Oral			
Nome:	Aimoré		
(...) Olha, a gente, Ailton... o pessoal da diretoria, a gente esquematizou o tema e resolveu colocar os 4 elementos da terra, porque no ano anterior a gente tava falando sobre... a respeito da fome na África. Aí, esse ano a gente colocou os 4 elementos. Aí no caso, isso daí foi feito, no caso... as roupas dos elementos, né? Com canudos, canudo de tomar água de coco, tal aqueles emborrachado. Pena de pato e um pano chamado segunda pele disso foi feito a nossa fantasia. Aí saiu caro, viu? Proque o metro.. o metro do pano sai a 70 reais, cada metro.			
Data:	fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa:	Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Pajé

Catalogação: TI.01.11



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás		Categoria: Pajé	Catalogação: TI.01.11
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em uso	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:		Não há outra denominação	
Uso/ Função:		Coreografia e encenação	
Peças do objeto:		Coroa, punho, tanga, perneira	
Material:		Coroa: papelão, pena, brilho; punho: emborrachado, brilho e penas, tanga: fios de saco de nylon, emborrachado, brilho e caveira de plástico; perneira: emborrachado, brilho e fios de saco de nylon.	
Cores:		Preto e bege	
Regulamentação (se houver):		---	
Quantidade média de reproduções do objeto:		08 (02 por elemento)	
Registro Oral			
Nome:		Aimoré	
[e Xinha tava do que?] Tava de pajé. [Esse ano tinha um feiticeiro e um pajé?] O Pajé é o dono da tribo, né? (...) O Pajé tá ali pra comandar a tribo. Aí foi usado buá preto, foro usado cartolina sacos de nylon e alguns endereçozinhos, uma caveira uns negocinho assim...			
Data: fevereiro/2019		Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás

Categoria: Componentes

Catalogação: TI.01.12



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupinambás		Categoria: componentes	Catalogação: TI.01.12
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em uso	Data: 02/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	cordão
Uso/ Função:	Representar o povo da aldeia
Peças do objeto:	Cocar, tanga, (mulheres) sutiã, punho e pereneira
Material:	Cocar: papelão, pelúcia e penas; tanga: pelúcia e penas; (mulheres) sutiã: pelúcia; punho: pelúcia; e perneira: pelúcia e penas.
Cores:	Verde, vermelho, branco e amarelo
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	Superior a 15 reproduções
Registro Oral	
Nome:	
[Não houve registro oral acerca desta categoria específica].	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

1. Identificação		
Nome: Tribo Indígena Carnavalesca Xavantes		Cores oficiais: Branco, vermelho e amarelo
Outras denominações: Índios Xavantes, os Xavantes		Catalogação: TI.02

2. Pessoas (Pessoa de referência que colaborou com o inventário):		
Nome:	José da Penha	
Como é conhecido (apelido):	Zé do Balaio	
Função no grupo:	Gaiteiro e ex-presidente	
2.1. Biografia		
Zé do Balaio descreve sua biografia da seguinte forma: <i>Nasci aqui mesmo. Sou paraibano. Nascido e criado na José Bonifácio. A tribo de índio começou entrar na minha vida, eu tinha na base de 12 anos. Eu brincava com a Papo Amarelo aqui na Marta Pacheco. Brinquei uns dez anos. Aí, saí do Papo Amarelo... O presidente do Papo Amarelo foi pra o Alto do Mateus. Aí, eu tomei conta que... O rapaz tava doente, Genildo... Tomei conta, parece que um ano ou foi dois. Aí, depois naquele meio da gente que é o mesmo de ser dois irmãos, disse, vamos botar o Asa Branca?</i> <i>(....) Aí, inventamo a Asa Branca, falei com Seu Cosmo. Seu Cosmo já é um homem falecido. Falei com a esposa dele, ela me deu o estatuto... Aí, montamo o Asa Branca. Do Asa Branca, a gente ganhemo no primeiro ano, segundo ano. Aí, Pindoba veio com a tribo dele pra me vender. Comprei a Tribo Xavantes de Pindoba. Acabei com a Asa Branca e ficamos com a Xavantes, até agora. Já no sentido de pegar o Africanos ele pegou e me vendeu. Ivanildo que fazia os capacetes do Asa Branca, incentivou, né? ‘Zé, você não sabe tocar zabumba?’. ‘Mas eu não sei tocar na gaita’. ‘Mas daí você aprende.’ Aí, incentivando... aí... Lá vai.. aí, a gente comecemos a brincar até agora tô com Xavantes. Já dancei, toquei zabumba, agora tô na gaita. O presidente é meu filho, agora... que eu já tô ficando véi. Ele ainda tá novo, dá pra aguentar o supapo. Por aqui ainda tô na gaita.</i>		

3. Descrição da prática Cultural:		
Zé do Balaio dá sua versão sobre o que entende ser a tribo de índio: <i>O significado da tribo de índio... indígena, como vocês fala. Já vem do começo... há muitos anos! Por aí já veio os africanos.. os Africanos.. era o Tupi Peixe Preto. Era o Tupi Guarani.. que é os mais antigo. E daí foi transmitindo, foi tribo por tribo.. um foi dizendo 'vamo botar a tribo fulano de tal' dava certo.. aí era no tempo do caba Batista. Caba Batista aprovava. Aí começou, Tupi guarani, os africanos, Tupinambá, antigamente era o Tupi Peixe Preto.. e por aí começou. Significa porque É uma brincadeira de ano em ano, é uma animação pra o povo. Agora hoje em dia ninguém quer mais brincar mais, só quer brincar pago, aí a gente não tem condições de pagar... o que o prefeito dá não dá nem pra as penas de pavão... não dá não. Tem que tomar emprestado. Tem que vender uma coisa pra botar em cima. Porque isso... ante do prefeito dar essa mixaria, a gente tem de tá cuidando.. pronto, já tô cuidando devagarzinho.. vou fazendo devagarzinho e vou guardando.</i> <i>Pra quando o prefeito der aquela mixaria, vou pagar quem tô devendo.</i> <i>(...) Apresentação acontece muita coisa. A boniteza, a animação dos menino, das criança.. que eu gosto de pegar muita criança da rua e botar pra ensinar pra não tá nessa como você sabe que já, como é o mundo. Aí muitos saem, outros não quer, mas a gente vai incentivando, e vamo brincando, a gente dá uma gorjeta e lá vai.. e aí anima a brincadeira.</i> <i>Homi, a história da morte.. o que a gente quer fazer, a federação não aceita, porque a gente quer fazer uma morte de um jeito.. que em tribo não era pra ter morte. Pra ter morte era pra ter outra organização de gente da tribo pra vir acompanhando, mas uma tribo só.. a gente quer fazer de um jeito, mas a federação não aceita... que a gente quer botar outra cor.. tinha que botar outra cor.. se fosse pra gente botar outra cor diferente, aí destacava a tribo da cor do Xavantes da outra Tribo. As outras tribos também não aceita de jeito nenhum.</i>		

(...)Era pra ter o compasso. Somente o compasso... a morte da cóca. O mestre é quem fica em pé.. o contra mestre... nera pra ter a morte. Mas, os pessoal acha bonito ter a morte. Mas pelo meu gosto não tinha não... a mesma tribo o mesmo componente mata uns aos outros pra depois envivecer de novo. Mas o pessoal acha bonito, o jeito que tem é fazer.

(...) [Desde sempre existe a morte na Tribo?] Toda a vida existiu. Mas era diferente, mas depois vai tudo mudando, mudando, mudando... É pouco tempo. Pra gente fazer o espetáculo da gente é pouco 30 minuto, 40 minuto é pouco. A gente quer amostrar o que tem, mas não pode amostrar. Só aquelas duas dança, três dança.. ligeiro que a gente olha assim.. não tá vendo mais nada.

Tem a dança da morte, a dança da coca, tem a dança do mestre dizer a loa ou o presidente dizer a loa... segundo as pessoas a repetir pra depois se alevantar. Aí tem o feiticeiro.. o feiticeiro é que vai levantar os morto. Tudo tá faltando dentro das tribe. Tá faltando. Os componente, os dançante, os matador é separado. Matador... faz a dança dele, o espetáculo dele é na hora da morte. Espião primeiro espião e segundo espião... dois capacetes grandes . Apito, chamando os componente pra avançar. Feiticeiro é que alevanta os morto. Estandarte. A gente aqui chama bandeira, mas pra lá chama bandeira. Os tocadores é o Zabumbeiro, são três: Ganzazeiro, Trianguero, a Flauta.

4. Localização:

Sede: Rua da Alegria, Bairro dos Novais.

Outros locais importantes: Av. Duarte da Silveira, Porto do Capim (ensaios).

5. Histórico (Origens e transformações do grupo ao longo do tempo)

A tribo indígena sempre ocorreu no Bairro dos Novais. Pindoba era o responsável pela tribo Xavantes, antes de assumir a tribo Africanos. Zé do Balaio assumiu a tribo Xavantes por um tempo. Atualmente Jônatas, filho de Zé do Balaio, é o atual presidente da tribo.

6. Alegorias / categorias de objetos

Bandeira	Mestre e Contramestre	Componentes	
Espião	Matadores	Comissão de frente	
Feiticeiro	Orquestra		

7. Confecção

Zé do Balaio descreve como é feita a confecção dos objetos da tribo:

Produzido tudo aqui. A costura, a bandeira, a tanga e o bustiê... é fora. Já vem pronto pra gente retocar tudinho. Aqui quem bota na cabeça pra fazer o estandarte... os (???) é meu menino. Mais novo, é... é ele que dá ideia. Eu por mim não dou ideia não. Só faço é tocar, ele é quem dá ideia. Se não der certo ele desmancha..

A parte de ferro do capacete só o que se aproveita.

O gasto é grande! Uma pena de pavão por 3,00 real, 3,50... com o que o prefeito dá, não dá não.. aí, lá vamo o zabumbeiro.. é R\$ 500,00, R\$ 600,00 um zabumbeiro, a gaita não porque a gaita sou eu, o dono. Aí é o ganzá, o caba cobra R\$ 200,00, R\$ 300,00 carro pra ir buscar o pessoal lá fora.. tudo é gasto!

Olha se a gente tivesse disposição, nós já tava começando.

Chegava no dia já tava tudo pronto. Aquele dinheiro que o prefeito dava a gente já ia pagar quem tava devendo.

O jeito que tem é esperar

8. Observações

Fontes: Entrevista: Zé do Balaio, Entrevista *in loco*. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Xavantes. João Pessoa, 08 dez. 2018. Imagens: fotos do acervo de Marcela

Data preenchimento: março/2019

Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes

Categoria: Bandeira

Catalogação: TI.02.01



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em preparação

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes	Categoria: Bandeira	Catalogação: TI.02.01
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Estandarte
Uso/ Função:	Identificar a Tribo e registra o ano do desfile
Peças do objeto:	Bandeira e calça
Material:	Bandeira: cetim, franja, pintura emborrachado com brilho; calça: tecido e pelúcia
Cores:	Branco, vermelho e amarelo
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Idígenas – Carnaval Terdição 2018: Art. 26, inciso IV.
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Zé do Balaio
A Bandeira significa que vem amostrando que vem a equipe todinha com a bandeira puxando, é, vem abrindo caminho, aí todo mundo já tá vendo que é a Tribo que já vem... só pelo letreiro e o desenho... é tribo fulano de tal que já vem ali. Que se não for o estandarte, ninguém não identifica nada. (...) Tem que fazer um todo ano, porque o desse ano não pode passar o para o ano. Que ninguém não pode desmanchar que é tudo costurado. Tudinho...esse ano já é outra diferente. A função é que o índio montado a cavalo, mostrando que o índio vai ser campeão. Vai ser campeão, e vai mostrando que vem com a equipe dele todinha pra ser campeão. (...)A gente compra o pano e leva pra costureira fazer. Regis é que faz... lá de mandacaru.	
Data: março de 2018	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes

Categoria: Espião

Catalogação: T1.02.02



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes	Categoria: Espião	Catalogação: TI.02.02
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 04/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Capacete, koká
Uso/ Função:	Abrir caminho
Peças do objeto:	Capacete e calça
Material:	Capacete: ferro, papelão, tecido brilhante plástico e pena de pavão; calça: tecido e pelúcia
Cores:	Branco dourado e vermelho
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso III.
Quantidade média de reproduções do objeto:	03
Registro Oral	
Nome:	Zé do Balaio
O Espião representa que vai olhando que vem alguns invasores, ele dá sinal que os invasores quer atacar a tribo. Um vigia. (...) Reciclagem. Plástico, papel, areia prateada. Pena de pavão. O espião é pago, 250,00 pra pessoa (...) O Machado significa, representando a dança do Índio com a machada que é pra fazer a morte.	
Data: março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes

Categoria: Feiticeiro

Catalogação: TI.02.03



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes	Categoria: Feiticeiro	Catalogação: TI.02.03
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Curandeiro
Uso/ Função:	Ressuscitar a Tribo
Peças do objeto:	Cocar, guias, blusa, tanga, capa, perneira e cachimbo
Material:	Pelúcia (capa) preta, blusa preta, tanga de pelúcia, cocar, pena de fuá, reciclagem, guias (guias de uso religioso)
Cores:	Preto, vermelho e branco
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Zé do Balaio
A função dele é ficar só olhando os caba que tão morrendo, depois alevantar o morto. É o curandeiro. (...) [As guias são dele?] É são dele! São dele... [Ele tem relação com a Jurema?] Tem. Tem... Tem (risos). [Todo feiticeiro tem que ter relação com a jurema?] (gargalhada) Tem! [O cachimbo que ele usa é o cachimbo pra brincadeira ou é o mesmo cachimbo da tradição da jurema?] É a mesma coisa. É que ele anda com ele. [A Tribo indígena tem alguma relação com a jurema?] Tem! Tem ciência. [É, tem ciência?] Tem ciência. Porque se não tivesse essa ciência não tinha tribo de índio. Porque os índio verdadeiro, ele tem ciência. Tem ciência (risos) [Então, quando vocês botam a tribo na rua vocês tão fazendo algum.... (não termino a pergunta)]. Olha, antes de botar a tribo na rua, a gente dá logo a oferenda. Pros caboclo, pros mestres... pra sair tudo em paz e voltar tudo em paz. Aí a gente é quem vai se fazer.. os restante não tá sabendo de nada, só quem tá sabendo é o cabeça. O cabeça é quem tá dirigindo. O mestre é o que tá no pensamento fazendo tudo. [Mas se o mestre resolver não botar a tribo, ele tá faltando com a jurema?] Tá. Tá desconcentrado. [É um compromisso, né?] É um compromisso.	
Data: março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes

Categoria: Mestre e contramestra

Catalogação: TI.02.04



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes		Categoria: Mestre e Contramestra	Catalogação: TI.02.04
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em Uso	Data: 10/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Apito
Uso/ Função:	Coordenar a apresentação e dizer loa
Peças do objeto:	Cocar; Mestre - calça contramestra - tanga, bustiê; perneira; e punho
Material:	Cocar: plástico de reciclagem emborrachado com brilho, papelão e penas; Mestre - calça: pelúcia; contramestra - tanga pelúcia e franja, bustiê malha e tecido brilhoso; perneira: tecido e penas; punho: tecido de penas
Cores:	Branco, amarelo e vermelho
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	02 (um mestre e uma contramestra)
Registro Oral	
Nome:	Zé do Balaio
O mestre é quem fica em pé.. o contra mestre... (...)Tem a dança da morte, a dança da coca, tem a dança do mestre dizer a loa ou o presidente dizer a loa... segundo as pessoas a repetir pra depois se alevantar. (...)O mestre. <i>[Qual a função do apito?] O apito é o chamado. [O apito comunica com vocês que tão tocando?] Também. Comunica. [Vocês sabem a hora de mudar o toque quando?] É... de mudar o toque. Quando ele dá três sinal, já é mudança do toque. Justamente, o apito é que tá dando o sinal que não pode falar, é só apito. Ele dá com a mão e o sinal no apito.</i>	
Data: março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes

Categoria: Matador

Catalogação: TI.02.05



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes	Categoria: Matador	Catalogação: TI.02.05
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Guerreiro
Uso/ Função:	Atacar a Tribo
Peças do objeto:	Cocar; calça; punho e fação ou lança
Material:	Cocar: plástico de reciclagem emborrachado com brilho, papelão e penas; calça: pelúcia; punho tecido pena e emborrachado brilhante e fação de madeira ou lança de madeira
Cores:	Branco, amarelo e vermelho
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	6
Registro Oral	
Nome:	Zé do Balaio
Os matador é separado. Matador.. faz a dança dele, o espetáculo dele é na hora da morte. (...)Identifica pelo cocar quem é dançante e quem é matador. (...) Ela é guerreira [se referindo à filha], tá livrando, já... aqueles que tá matando tá livrando, aqueles que tá morrendo pra o outro não matar.	
Data: março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes

Categoria: Orquestra

Catalogação: TI.02.06



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes		Categoria: Orquestra	Catalogação: TI.02.06
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em Uso	Data: 04/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	músicos
Uso/ Função:	Executar as músicas durante o espetáculo
Peças do objeto:	Cocar; blusa; calça e instrumentos
Material:	Cocar plástico de reciclagem emborrachado com brilho, papelão e penas; blusa de malha; calça: pelúcia e instrumentos – Zabumba: bojo de madeira e pele de couro, Triangulo: ferro; Ganzá: cilindro de latão com sementes e chumbo; gaita: taboca e cera de abelha
Cores:	Branco, vermelho e amarelo
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Idígenas – Carnaval Terdição 2018: Art. 26, inciso II
Quantidade média de reproduções do objeto:	
Registro Oral	
Nome:	Zé do Balaio
(...) Os tocadores é o Zabumbeiro, são três: Ganzazeiro, Trianguero, a Flauta.	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes

Categoria: componente

Catalogação: TI.02.07



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Xavantes		Categoria: Componente
Catalogação: TI.02.07		
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Data: 10/02/2018
Objeto em uso		

Outras denominações:	Ala
Uso/ Função:	Representar a Tribo
Peças do objeto:	Cocar, tanga, bustiê (mulheres); perneira; e punho
Material:	Cocar: plástico de reciclagem emborrachado com brilho, papelão e penas; tanga: pelúcia e franja, bustiê malha e tecido brilhoso; perneira: tecido e penas; punho: tecido de penas
Cores:	Branco, amarelo e vermelho
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	20
Registro Oral	
Nome:	Zé do Balaio
... Os componente, os dançante, os matador é separado.	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Grupo

1. Identificação		
Nome: Tribo Indígena Carnavalesca Tabajara		Cores oficiais: Preto, amarelo, vermelho e branco
Outras denominações: Os Índios Tabajara, Tabajaras		Catalogação: TI.03

2. Pessoas (Pessoa de referência que colaborou com o inventário):		
Nome:	Maria Helena Lopes da Silva	
Como é conhecido (apelido):	Helena do índio, Dona Helena e Nena.	
Função no grupo:	Presidente	

2.1. Biografia

Nascida em 1962, Dona Helena sempre morou nas mediações da rua do rio em Cruz das armas e no Cristo. Ela explica que, não teve oportunidade para estudar quando criança, pois começou a trabalhar muito cedo e teve uma vida de bastante sofrida.

Tenho filhos, né? Muitos filhos, tenho dez filhos, vinte netos. Quatro bisnetos. Minha história de vida não foi muito boa, não. Já passei muito sufoco na vida mas hoje, por hoje, posso dizer sou rica, né? Porque... quando eu vim morar aqui não tinha nem reboco. Eu vim morar no barro. Tive essa galega, a branquinha ali. Aqui, pra eu fazer o resguardo, eu tive que forrar o chão de papelão. Cozinhava de lenha... cozinhava de carvão. (...) E os filho tudo pequenininho. Aí, ia arrumar lenha pra nós queimar, e passava o resto da semana queimando lenha. Minha vida não foi muito boa, Hoje posso dizer que hoje eu estou feliz, sou rica... pela graça de Deus. Não tenho nada de bom na vida, tenho um pouco de saúde, que não tenho saúde mais, né? Que hoje sou diabética, hipertensa. Mas hoje eu sou rica, porque eu já sofri muito. Muita dificuldade, muito na vida. Eu pagava aluguel, nesses pedaço de rua, aqui, eu morei tudinho porque quem não tem casa, mora em todo canto.

A dedicação pela Brincadeira, Dona Helena conta que herdou do pai, conhecido por Fernando zabumbeiro, que era apaixonado pela Tribo, tendo em sua trajetória, brincado como zabumbeiro nas tribos Africanos, Pele Vermelha, Tabajara e Papo Amarelo.

Papo amarelo, depois foi pro... Pele Vermelha. Passou dez anos lá tocando. Aí depois que o Africanos voltou à ativa, ele voltou pra ficar. Que meu pai era apaixonado por esses índio. Era apaixonado pelo africano. Entendeu? Porque ele... Ele era tão apaixonado pelos índio... e minha avó... Que tava pra morrer, faltava duas semanas pra o carnaval. Aí ela disse, 'se eu morrer, você brinca o carnaval', ela disse 'brinca os índio'.

E ele foi.

Fernando, era conhecido por Fernando zabumbeiro. Ainda tem gente que brincava com ele ainda... viva, ainda. Tem umas pessoas viva ainda. Tem muitos que já morreram. (Dona Helena fala emocionada)

Sobre seu envolvimento com a tribo, dona Helena conta: "Eu brinquei, comecei a brincar, tinha sete anos de idade. Eu comecei a brincar com o Africanos que era do Finado João e o Vice era finado Zé Bolinho". Acompanhando o pai nesta brincadeira de carnaval, já dançou nas tribos Africanos, Papo Amarelo e Pele Vermelha. Após passar anos afastada da brincadeira, começou a trabalhar na confecção de fantasias, fazendo costura para a Tribo Flecha Negra e depois para a Tribo Papo Amarelo, até que decidiu que queria montar uma tribo para ela cuidar. Em 2014, estava se organizando para fundar uma tribo, quando soube que Basto, o então presidente dos Tabajara estava interessado em vender sua agremiação. Assim, em 2014, Dona Helena comprou e se tornou presidente da Tribo, realizando o seu primeiro desfile à frente da agremiação no ano de 2015.

A brincar na tribo? É uma paixão! Paixão pela tribo, desde pequena, né? Que assim, quando a gente começa a brincar de pequenininha, a gente pega amor, né? Agente pega amor pela tribo e cresce com isso. Eu, o último ano que eu brinquei, eu tinha uns vinte anos, vinte e cinco anos, que saí dançando. Aí depois eu me casei de novo. Aí meu marido não gosta de carnaval e eu também não tinha nem como como meus filhos tudo pequenininho, bebezinho... Era um atrás do outro, uma escadinha, não tinha nem condições.

Mas hoje eu não brinco, mas eu participo.

Atualmente, Dona Helena é presidente da Tribo Tabajara, é responsável por representar o grupo e cuidar de toda documentação, pagamento, compra de material, além de decidir junto com sua equipe sobre os detalhes do espetáculo de cada ano.

Eu morei sempre aqui ... E todo mundo aqui me conhece tenho 56 anos e.. enquanto eu viver, os tabajara vai estar comigo. Nessa luta de aperseio, corre pra aqui, me estresso, brigo com um, brigo com outro, mas tô aqui, né?

3. Descrição da prática Cultural:

A Tribo indígena é uma prática cultural do carnaval de João Pessoa. Dona Helena, presidente da Tribo Indígena Tabajara, explica que se trata de uma brincadeira paraibana, “a tribo indígena é um folclore, né? Só tem aqui na Paraíba”.

A apresentação da tribo indígena trata-se de um espetáculo que envolve dança, música e encenação. Dona Helena explica que a narrativa que é contada durante apresentação retrata a história de uma tribo indígena que é invadida por outra tribo rival, ocorrendo então um grande confronto que termina por resultar na morte de toda a tribo, restando vivos apenas duas pessoas, o mestre que representa a liderança daquele povo, o cacique da Tribo, e o feiticeiro, que representa a pessoa capaz de realizar curas e feitiçarias. Dona Helena explica aspectos da brincadeira, quando questionada se o momento da morte sempre esteve presente fez parte da apresentação:

Sempre teve! E é o melhor, né? é o que as pessoas espera aquela morte, aquela história contada ali, entendeu? Então... é uma história contada de muitos anos e o pessoal vai ver aquela parte ali, aquela parte que o povo gosta, a parte da morte, né? aquela briga, aquela luta daquele matador que quer matar aquela tribo.. e ele vai pra cima e todo mundo morre e no final quem fica, quem mata aquele matador, quem mata é o dono.. é quer dizer, quem mata, como diz a história é o cacique, né? é o cacique que mata os matadores que vieram invadir a tribo. A história é essa, viu?

Só quem fica vivo é o feiticeiro e o cacique, né? É ele que fica vivo. É ele quem dá a cabo daqueles invasores, né?

Aí, depois tem o momento que revive, que é o feiticeiro. Né? Que aí toca a macumba, né? e eles vai.. vai esfumando, vai fazendo a feitiçaria dele e os índio vai.. se levantando, entendeu?

A história dos índio é essa.

É muito bonita a história, pra quem entende, pra quem sabe... ali aquela briga, aquela desavença naquele momento ali.. né? que é como se eles estivessem brigando mesmo.

Que revive, que é o feiticeiro, então, aí o feiticeiro vem, né? aí faz a macumbagem dele lá. E a Tribo vai embora e fica tudo certo.

A Tribo Indígena Tabajara participa do carnaval oficial da cidade de João Pessoa, evento no qual se realiza o concurso das agremiações de Carnaval da cidade. Todos os preparativos são focados principalmente para o dia do desfile. Dona Helena fala muito sobre a satisfação em ver sua Tribo se apresentar:

Pra gente que gosta de Carnaval é uma alegria... eu penso assim. Ver o trabalho pronto depois de todo mundo organizado todo mundo arrumado e vai entrando o povo aplaudindo. Pra mim, é uma felicidade uma satisfação. Acho que todos esses que tem clube, acho que pensa assim como eu. SE a gente vai disputar ali, a sorte a deus pertence.

4. Localização:

Sede: Avenida Presidente Félix Antônio, Cruz das Armas João Pessoa, conhecida por Rua do Rio

Outros locais importantes: Avenida Duarte de Silveira, conhecida por Beira Rio

5. Histórico (Origens e transformações do grupo ao longo do tempo)

A Tribo Indígena Tabajaras teve sua fundação em 1936, conforme consta em seu Estandarte. Dona Helena, atual presidente da agremiação, conta que a Tribo já teve sua sede no bairro de mandacaru, e que o finado Pelé, foi quem esteve à frente do grupo, na época.

Até o ano de 2014, a Tribo teve sua sede no bairro Alto do Mateus, quando seu Basto era quem estava à frente da agremiação como presidente. Neste período, de acordo com documentos e fotos, as cores oficiais eram o azul, vermelho, branco e amarelo. Quando, Dona Helena assumiu a presidência da Tribo Indígena Tabajara, a sede passou a funcionar no bairro Cruz das Armas e realizou o seu primeiro desfile à frente da agremiação no ano de 2015.

6. Alegorias / categorias de objetos

Estandarte	Feiticeiro	Componentes	Oca
Mestre e Contramestre	Matadores	Coreografia	
Espião	Orquestra	Destaques	

7. Confeção

Todos os objetos são produzidos na casa de Dona Helena. Ela mostra que um quartinho na casa dela para fazer as costuras e um outro quarto onde são confeccionados os objetos.

Dona Helena explica que a confecção dos objetos é feita em grande parte, às vésperas do carnaval, pois a data que a prefeitura repassa a verba às agremiações que participam do carnaval oficial da cidade: “Porque sempre eles davam assim, muito em cima, faltando oito dia pra o carnaval. Às vezes, teve ano que pagou faltando 5 dia, olha... imagina só botar o povo na rua não tem condições. E a gente tem que trabalhar. De dia a noite.” Enquanto o recurso não é repassado, é possível fazer pouca coisa, usando os materiais que sobraram de anos anteriores.

Em função do volume de responsabilidades que Dona Helena acumula, ela está pensando em pagar uma costureira para fazer o serviço de costura.

8. Observações

Dificuldade/discussão

Dona Helena, em seu relato, enfatiza as dificuldades de organizar a Tribo, principalmente no que se refere à confecção das fantasias e demais objetos da tribo.

Porque pra os índio as coisas são mais difícil. Mas complicada, a gente gasta muito.

É muito cara as coisas. Principalmente pena de pavão que é o que é mais caro. Mais caro é pena de pavão!

Pra você fazer um cocar desse aí, ó... Você tem que gastar bastante, se você não juntar pena de um ano pro outro, vai sair com um pouquinho só. Porque não tem condições de comprar muito e é até complicado. Eu não sei nem onde é que vende. Entendeu? Eu compro assim... eu agora é que tô comprando pelo mercado livre, né? Mas ainda com medo que eu posso levar um calote. Só tem um senhorzinho aqui que aparece aqui que vende trinta pena, quarenta pena... isso não é suficiente pra uma tribo, né?

Além do fato que o repasse do recurso financeiro que a prefeitura repassa para as Tribos, ser realizado muito próximo dos dias do desfile, o comércio de João Pessoa tem pouca variedade dos produtos para confecção das fantasias o que dificulta a comprados materiais. Por conta disso, quando é possível, ela prefere se organizar para comprar os materiais em Recife.

Mas o problema que pra ir pra Recife é caro. Aí existe a dificuldade pois muitas vezes o gasto de 300 reais que é o que estão comprando pra ir e voltar para comprar os materiais em Recife as vezes é o mesmo valor que é cobrado pra o caminhão levar os objetos da tribo pra apresentação. Em 2019, foi quatrocentos de ônibus e quatrocentos de caminhão... Pra passar 30 min na avenida e voltar.

A gente planeja o ano todinho... o figurinista desenha, o coreógrafo também, entendeu? Vai sair assim, vai sair desse jeito... a fantasia vai ser assim, entende? Mas tudo isso tá tudo ali no papel, não saiu do papel ainda tá tudo no papel escrito... mandei tirar xerox pra ficar no papel pra ficar melhor pra trabalhar, mas não saiu do papel ainda.

Espero que esse dinheiro saia pros índio trabalhar, porque não é brincadeira... esses índio sofre muito.. Esse carnaval de João Pessoa é o carnaval mais complicado do mundo.

(...) Aqui esse povo pensa que a gente bota carnaval na rua com mixaria, com 10 mil, 12 mil.. isso não é dinheiro não... uma pena de pavão é 3,00 vai se embora o dinheiro todinho.. vai se embora em pena de pavão e carro.

Apesar das dificuldades, Dona Helena demonstra muita satisfação com seu trabalho com a Tribo. Ela reconhece a importância dessa prática como uma referência cultural paraibana e compreende que o poder público tem um papel importante para que tal prática cultural se mantenha viva, garantindo o fomento às agremiações envolvidas.

Índio só tem aqui no carnaval. Aqui tem frevo, tem escola de samba, mas índio mesmo só aqui. E é o folclore que eu acho que ninguém devia deixar morrer, porque só aqui que tem. E é uma coisa muito bonita. Muita gente vai só... mais pra ver os índio... Vão olhar escola de samba também mas muita gente vai esperar os índio. Espero que... que o poder público não deixe cair, né?

Fontes: Entrevista: Helena dos Índio, Entrevista *in loco*. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Tabajara. João Pessoa, 09 dez. 2018. Imagem: fotos do cervo de Marcela de Oliveira Muccillo

Data preenchimento: janeiro/2019

Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: **Tabajara**

Categoria: **Estandarte**

Catalogação: TI.03.01



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tabajara	Categoria: Estandarte	Catalogação: TI.03.01
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 04/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Bandeira
Uso/ Função:	Identificação do grupo: nome, ano de fundação e ano do desfile
Peças do objeto:	Estandarte, blusa, calça e cocar
Material:	Estandarte: haste de metal, tecidos lamê e velboa, espuma, franja de tecido, glitter , pena, pedraria sintética(bijuteria), cola, bola de isopor com espelho colado, folha de emborrachado, festão de natal dourado. Cocar: folha de emborrachado, tecido lamê e penas. Blusa: tecidos de velboa, pelúcia e franja
Cores:	Branco, Preto, Amarelo e vermelho
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso IV.
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Maria Helena Lopes da Silva
O Porta estandarte é o símbolo do índio. Porque o símbolo do índio, ele é o estandarte, né? O símbolo do índio é o estandarte. Ele vem mostrando que índio é ele, né? Sabe como é o nome da tribo, alí. Ele que vem trazendo aquele símbolo, alí... O estandarte é o principal da Tribo. É o principal da tribo, tem que ter o significado... tem que ter. Antigamente o povo não botava assim... cocar e tal mas tem que ter, a bandeira que é a bandeira, que é pra mostrar, no estandarte que tribo ele é... de onde que vem. Só pelo nome já sabe de onde é. Aí é isso aí é o significado. A função do estandarte é mostrar... como se diz. É a divulgação do nome da tribo, né? E também quando vai chegando, né? Tem que... O pessoal não sabe que tribo é, então tem o estandarte, né, da tribo. Pra mostrar que tribo é essa aqui, né? Isso daqui pra mim é o troféu, é o troféu da tribo. É... o principal é o estandarte da tribo. Além do primeiro espião, né? O principal da tribo é esse aí. Mesmo que não tenha cocar grande, o principal da tribo é o Estandarte.	
Data:	Janeiro/2019
Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: **Tabajara**

Categoria: Espião

Catalogação: T1.03.02



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tabajara		Categoria: Estandarte	Catalogação: TI.03.02
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 04/02/2018		Objeto em preparação	
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018		Objeto em uso	
Data: 04/02/2018		Objeto em preparação	

Outras denominações:	Capacete, cocar
Uso/ Função:	Alegoria que representa os vigilantes da tribo
Peças do objeto:	Capacete (cocar) $\cong$ 3,74m x 2,20m calça
Material:	Capacete (cocar): Ferro, papelão de saco de cimento, com goma (grude), pelúcia (tecido), lamê (tecido), papel laminado (costas), cola, folha de emborrachado, aplicação de pintura (tecido e tinta de tecido), pena de pavão, bolinha de isopor com glitter. Calça:
Cores:	Preto, branco, vermelho e amarelo
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso III
Quantidade média de reproduções do objeto:	03 (em dimensões variadas)
Registro Oral	
Nome:	Maria Helena Lopes da Silva
É quem carrega aquele cocar grande, o maior da frente. Aí tem o primeiro espião, o segundo e o terceiro. Quem quiser colocar mais cocar, coloca, mas o principal são três. A função do espião na apresentação é levar o capacete maior que... acho até que homem nenhum anda com isso, aqui, dentro do mato, né? (falou com sorriso) (...) mas como é tradição tem que fazer, né? O maior, o mais bonito. Que... esse aqui vem mostrando os cocar, esses cocar. Aí, eles não julga só esses maior, ele julga tudo, cocar é cocar, mas esse aqui é o maior da tribo. (...) Ele é o primeiro da tribo, né? Antigamente, não tinha essa coreografia na frente (se referindo à comissão de frente). O espião, porque ele... a tribo... Ele é o primeiro da tribo, e pode olhar, vem um atrás do outro, entendeu? Aí ele é o primeiro da tribo, ele é o espião. Ele é quem vem carregando a tribo. Entendeu? Então, ele é o primeiro da tribo, então, ele vem abrindo caminho. Aí como inventaram essa coreografia, então, ficou na frente dele. Mas ele é o espião, é o primeiro que vem abrindo ala! Não é? Grandão que vem na frente, olhando tudo, né? Abrindo caminho, né? Que... ninguém vai ficar frente dele que é maior, né?	
Data:	Janeiro/2019
Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: **Tabajara**

Categoria: Feiticeiro

Catalogação: TI.03.03



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tabajara		Categoria: Feiticeiro	Catalogação: TI.03.03
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	Data: 04/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Feiticeiro, curandeiro, pajé
Uso/ Função:	Alegoria que representa o curandeiro da Tribo, responsável por ressuscitar a tribo
Peças do objeto:	Tanga, colete com capa, cajado, cocar, cachimbo, perneira e punho.
Material:	Tanga: tecido (pelúcia), conta de madeira, penas e caveira de plástico; Colete com capa: tecido (pelúcia), penas, papelão, contas de madeira, pena, osso de plástico, caveira de plástico, aplicação de figura impressa em papel, lâmpadas vermelhas acesas; Cajado: bambu pintado, osso de plástico, caveira de plástico, tecido (pelúcia), penas e crâneos de bode; Cocar: penas, crâneo de boi, arame, tecido (pelúcia) e peruca; Cachimbo: cachimbo de uso ritual da jurema, fumo com ervas aromáticas; Perneira: tecido (pelúcia), caveira de plástico e penas; Punho: tecido (pelúcia), caveira de plástico e penas
Cores:	Preto, branco, vermelho e amarelo
Regulamentação (se houver):	Não encontrado
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Maria Helena Lopes da Silva
O feiticeiro é o curandeiro da Tribo, né? É ele que revive a tribo toda, né? Depois de tudo morto, ele que revive a tribo pra poder a gente ir se embora. É... a função dele é essa, é reviver a Tribo. Aí, aqui tem tudo, né? Aqui tem o cachimbo dele. Isso aqui foi eu que comprei na loja, essa caveira... isso aqui é osso de cavalo e tem umas bolinha aqui de madeira. Tem tudo que você imaginar (...) É o cachimbo que é usado na jurema. (...) É uma mistura de erva que já compra misturado. Ele bota no cacimbo e ele (...) É, todo feiticeiro, ele é macumbeiro. Ele tem que fazer parte do candomblé. Tem uns que não são, mas a maioria são, né? Quase todos que eu conheço são. E raramente, aqui na tribo, não é...	
Data:	Janeiro/2019
Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: **Tabajara**

Categoria: Matador

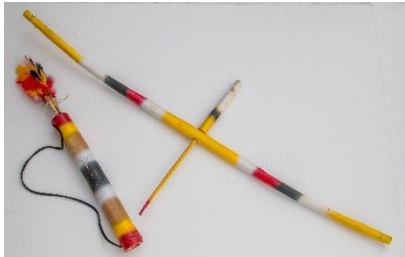
Catalogação: TI.03.04



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tabajara		Categoria: Matador	Catalogação: TI.03.04
			
	Frame de vídeo: Marcela de Oliveira Muccillo		
	Data: 11/02/2018		Objeto em uso
			
Frame de vídeo: Marcela de Oliveira Muccillo		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018	Data: 04/02/2018	Data: 04/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Invasor
Uso/ Função:	Alegoria que representa os invasores da tribo
Peças do objeto:	Cocar, tanga, colar, perneira, punho, arma (lança, arco e flecha ou machado)
Material:	Cocar: penas diversas, folha de emborrachado (E.V.A.), tecido (velboa e lamê); Tanga: tecido (velboa lamê) e estopa (juta, sisal); Colar: cordão, semente e madeira; Perneira: tecido de malha e pena; Punho: tecido de malha e pena; Arco e flecha: madeira e bambu.
Cores:	Preto, branco, vermelho e amarelo
Regulamentação (se houver):	Não encontrado
Quantidade média de reproduções do objeto:	08
Registro Oral	
Nome:	Maria Helena Lopes da Silva
Tem os matador, os matador faz como se fosse que uma tribo rival. Eles não mata os índio, entendeu? Ali significa uma tribo rival. É tanto que as pessoas faz as fantasias mais diferente, assim, não fugindo da cor, entendeu? Mas, faz uma fantasia mais diferente pra o matador. Porque ele significa os invasores. Porque não são eles que mata a tribo? O... o... Vamos supor, a sua família que vai matar você? Não, né? Aí ali é outra tribo que vai matar a tribo. Então, é isso aí que significa, é os invasores. São os invasores na história, né? São outra tribo. <i>Então, não são todos os índios que tem armas na mão que são matadores? [pergunta -pesquisadora de campo]</i> Não. Porque os índios não usa essas armas? Aqui é, no caso, na história pra se defender, né? Entendeu? Aí, quando os matadores vêm matar, ele tem que mostrar pra o dançante, que ele vai morrer, né? Ele tem que dançar na frente dele e... pra ele entender que ele vai matar ele. Ai quando ele faz o gesto de matar, ele dança também pra se defender, mas... Só que termina morrendo, né? Que matador mata mesmo. Ele tem que mostrar que vai matar. Aí, ele não pode chegar, simplesmente, por trás e matar não...	
Data: Janeiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: **Tabajara**

Categoria: Mestre

Catalogação: TI.03.05



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tabajara	Categoria: Mestre	Catalogação: TI.03.05
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	

Outras denominações:	Cacique
Uso/ Função:	Alegoria que representa a liderança política da Tribo, responsável por proteger seu povo. Na apresentação é quem fala a loa. O mestre e o contramestre se comunicam com toda tribo através do apito, tanto a dança como a orquestra. Durante o período de preparação e ensaio é o responsável por ensinar os participantes e manter a dança organizada.
Peças do objeto:	Cocar, peruca, blusa de manga comprida, tanga, arma (arco e flecha e lança)
Material:	Cocar: Emborrachado (E.V.A.), penas variadas, tecidos de velboa; Peruca sintética; Blusa de manga comprida: tecido velboa, lamê, estopa (juta, sisal); Tanga: velboa, Arma (arco e flecha ou lança) madeira pintada.
Cores:	Branco, preto, amarelo e vermelho
Regulamentação (se houver):	Não encontrado
Quantidade média de reproduções do objeto:	02 (mestre e contra mestre)
Registro Oral	
Nome:	Maria Helena Lopes da Silva
... é, mestre e contra mestre, é... sempre assim, é quem tá comandando ali, né? Ele apita para os componentes entender o que ele vai fazer, né? Porque se fosse pra gritar, ele diz, coitado, né? (...) quando ele apita, os componente olha e ele: se for pra virar, pra onde... o que for fazer, ele faz o aceno, né? É... ele faz o sinal. Aí eles já sabem o que é né? Por isso que tem ensaio, né? Pra isso tem ensaio, que é pra eles aprender o... o... estilo, né? ele apita, se for pra virar ele faz assim, né, ele muda a posição, aí eles já sabem, né? Então o mestre e o contra mestre é pra isso, né? é pra ensinar... o mestre e o contra mestre é pra ensinar, pra ensinar pra quem não sabe, principalmente pra os novato. As criança, que gosta também, tem muita criança, muita mesmo. As criança que não sabe e quer entrar. (...) é como se fosse um professor, mas ali, na tribo, ele é o mestre, né? (...) No final, quem mata os invasores é o Dono... é, quer dizer, na história, é o cacique, né? É o cacique que mata os matadores que vieram invadir a tribo. A história é essa. (...) na história, eu acho que quem protege a tribo, é o mestre... é o mestre que protege a tribo... no final, tanto que ele mata todos (invasores) e só fica um, que é pra lutar com ele, né? ...aí o mestre tem que matar uns (invasores) e tem que ficar, um... vamos supor, se tiver dez, ele tem que matar nove, e ficar um que é pra lutar com ele. Entendeu? Ai, o contramestre também vai matar, né? É o mestre e o contramestre. Que vai matar os invasores, né?	
Data:	Janeiro/2019
Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: **Tabajara**

Categoria: Orquestra

Catalogação: TI.03.06



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tabajara		Categoria: Matador	Catalogação: TI.03.06
			
		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
		Data: 04/02/2018	Objeto em preparação
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 04/02/2018		Data: 04/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Batuque, Músicos (gaiteiro, zabumbeiro, ganzazeiro, trianguista)
Uso/ Função:	Executar as músicas de cada momento da apresentação
Peças do objeto:	Zabumba, gaita, ganzá, trianguilo, cocar e calça
Material:	Zabumba: zinco, couro tarraxa, marreta (baqueta de madeira) e bacalhau (vara de flexível); Gaita: alumínio e cera de abelha, Ganzá: alumínio, sementes e/ou chumbo; Trianguilo: haste de metal. Cocar: papel de cimento emborrachado (E.V.A.), tecido pelúcia, lamê e penas diversas; Calça: tecido velboa, tecido lamê, estopa (juta, sisal)
Cores:	Preto, branco, vermelho e amarelo
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Idígenas – Carnaval Terdição 2018: Art. 26, inciso
Quantidade média de reproduções do objeto:	06 (03 zabumbeiros, 01 gaiteiro, 01 trianguista e 01 ganzazeiro)
Registro Oral	
Nome:	Maria Helena Lopes da Silva
A orquestra... que tem o flautista que a gente chama o gaiteiro, né? ...o zabumbeiro, que toca o tambor. E tem aquele que toca o chocalho que toca o ganzá, e o trianguista.	
Data: Janeiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: **Tabajara**

Categoria: Componente

Catalogação: T1.03.07



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tabajara		Categoria: Componente	Catalogação: TI.03.07
			
		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
		Data: 04/02/2018	Objeto em preparação
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018	Objeto em Uso	Data: 04/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Dançante
Uso/ Função:	Alegoria que representa a comunidade formada pelo povo da tribo
Peças do objeto:	Cocar, tanga, perneira, punho, colar, sutiã (quando mulheres) e arma (inconstante)
Material:	Cocar: papelão, cola, tecido pelúcia, emborrachado (E.V.A.), penas diversas; Tanga: tecido velboa, tecido lamê, estopa (juta, sisal); Perneira: tecido velboa, penas ; Punho: tecido velboa, penas; Colar: cordão, conta de madeira e pena; Sutiã: tecido de malha; Arma: lança de madeira.
Cores:	Preto, branco, vermelho e amarelo
Regulamentação (se houver):	Não encontrado
Quantidade média de reproduções do objeto:	Mais de 30.
Registro Oral	
Nome:	Maria Helena Lopes da Silva
(...) vamos supor, se... a tribo em peso, em si, eles são os guerreiros, entendeu, eles são os guerreiros, os matador significa os que vai matar os guerreiros...	
Data: Janeiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: **Tabajara**

Categoria: Coreografia

Catalogação: TI.03.08



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tabajara		Categoria: Coreografia	Catalogação: T1.03.08
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	Data: 11/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Comissão de frente, Ala de Frente		
Uso/ Função:	Alegoria que representa a tribo em seu cotidiano. A coreografia desenvolve movimentos coreografados ensaiados separadamente, que atua juntamente com o a encenação realizada em frente ao palanque dos jurados.		
Peças do objeto:	Cocar, punho, perneira		
Material:	Cocar papel de cimento pelúcia, nem de pato, pena de peru velboa pena de buá; Calça é tecido. Tanga feita de tecido, foro, estopa pintada arco e flecha de madeira, confeccionado pela tribo. Pintura		
Cores:	Preto, branco, vermelho e amarelo		
Regulamentação (se houver):	---		
Quantidade média de reproduções do objeto:	16		
Registro Oral			
Nome:	Maria Helena Lopes da Silva		
(...) Esses da frente são a coreografia. (...) e aí não teve coreógrafo não, nesse daí não, viu? Esse ano (2019) vai ter... tem coreógrafo, que eu contratei, agora esse aí não teve não. Esse aí foi tudo ideia minha. ...antigamente não tinha essa coreografia na frente. (...) Aí como inventaram essa coreografia, então ficou na frente dele (o espião). (...) com essa fantasia é coreografia.			
Data:	Janeiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: **Tabajara**

Categoria: Destaque

Catalogação: TI.03.09



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tabajara	Categoria: Destaque	Catalogação: TI.03.09
		
		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)
		Data: 11/02/2018 Objeto em uso
		
		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)
		Data: 11/02/2018 Objeto em uso

Outras denominações:	Ala de Frente
Uso/ Função:	Desenvolver encenação durante apresentação
Peças do objeto:	diversificado
Material:	diversificado
Cores:	Preto, branco, vermelho e amarelo
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	04
Registro Oral	
Nome:	Maria Helena Lopes da Silva
Dessa coreografia, o que eu mais gostei ... foi essa oca, o menino que saiu de dentro (...). Ele saiu de dentro da oca, ele veio dentro da oca. Ele era um protegido da tribo, por isso que ele não morreu. Ele saiu de destaque, né? quer dizer, ele é matador também, mas ele não tá podendo dança, então saiu na oca... entendeu? Pronto, ele aí ele tá dançando devagar porque ele tá com problema na coluna... tá fazendo tratamento, mas já tá bem melhor.	
Data:	Janeiro/2019
Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: **Tabajara**

Categoria: Oca

Catalogação: TI.03.09



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tabajara	Categoria: Oca	Catalogação: TI.03.09
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	

Outras denominações:	Ala de Frente
Uso/ Função:	Representar a casa dos índios
Peças do objeto:	Peça única
Material:	Ferro e juta de sisal pintada
Cores:	Preto, branco, vermelho e amarelo
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Maria Helena Lopes da Silva
A função da oca é a casa dos Índio. É a casa dos índio, porque os índio não tem casa, né? Eles fazem pra você ver, os índio original, tem muitos que fazem de barro, né? monta aquela oca... e muitos fazem de pau, cobre todinha de palha também, né? uma qualidade de palmeira, né? que eles faz que eles faz aquelas cobertura, né? é a casa deles, né? Os índio original mora em oca ainda, né? (...) eu assisto televisão, eu gosto ficar assistindo, principalmente no quatro (TV Escola) que passa muita cultura, né? ali eu vejo que, tem muitos que faz aquela oca bem grande... e ali não tem rede não tem pau não tem nada, só rede, né? é rede, né? eles dorme em rede. E alí é a casa deles, a proteção deles. As porta de vara, né? antigamente era casa de vara, né? de.. pau essas coisas aí os índio.... fazia aquele Círculo, tirava os pau na mata significa isso, a casa dos índio...	
Data: Janeiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

1. Identificação		
Nome: Tribo Indígena Carnavalesca Papo Amarelo	Cores oficiais: Amarelo e vermelho	
Outras denominações: Nos índios Papo Amarelo	Catalogação: TI.04	

2. Pessoas (Pessoa de referência que colaborou com o inventário):		
Nome:	Genildo dos Anjos	
Como é conhecido (apelido):	Genildo	
Função no grupo:	Presidente	
2.1. Biografia		
Seu Genildo descreve sua história de vida da seguinte forma: <i>Genildo sou eu. já tenho setenta e um anos já de idade, eu acho que eu conheço já um pouco de carnaval, né? Porque tem gente velha, da minha idade, que é igualmente a mim.. Outros já se foram, que é seu zé Teixeira e nosso amigo Pindoba, mas Pindoba foi porta bandeira de muitos anos, já brincou no meu índio cinco anos...</i> <i>E eu estou por aqui, estou aqui para contar algumas histórias do carnaval, algumas histórias da minha Tribo, não é.</i> <i>Eu nasci aqui em João Pessoa, mas onde eu nasci mesmo foi em Jaguaribe... E acabei de me criar aqui na Rua do Rio. Aí, hoje eu tô aqui, Papo Amarelo já andou por todo canto, fazendo carnaval, mas o meu lugar é aqui. Comecei a brincar nessa tribo aqui, eu tava com treze pra catorze anos. E nunca saí dela e dela eu vou morrer nela... se Deus quiser e ele quer. Mas sabe por quê? Me orgulho de, hoje em dia, eu tá com essa Tribo porque você sabe que a gente vai tendo filho essas coisa, né? Neto.. bisneto, né? Eu tenho dez filho... Eu tenho esse menino aqui, que tem quarenta e dois anos, já, ele é quem faz tudo. Eu tô aqui trabalhando aqui, ele diz, 'pai saia daí', ainda dá pra eu me sentar, né? aí eu tiro meu soninho. Aí ele diz 'pai, saia daí, vá pra cama!' aí é aquela briga.. eu tava conversando, homi! Coloco pena de pavão.. aí quando eu termino, pronto, trabalho aí é seu... e eu aqui cochilando... e ele 'homi, pela amor de Deus, vai dormir!' é!... [risadas]</i> <i>Na tribo, eu fui dançante... tem aquela fila de homem, né? ficava no cordão eu ficava no primeiro, no segundo, no terceiro cordão eu brincava. Era de um tamanho de nada, viu? A minha mãe brigava comigo porque eu saia daqui da Rua do Rio pra o Bairro dos novais dançar... ia eu e um outro colega, quando chegava lá ainda ia dançar</i> <i>Começava de sete horas, ia até onze horas ou até duas horas.. diga aí. A minha mãe mais meu pai ficava com cuidado, eu de menor... aí lá vai, lá vai, lá vai... achava tão bom a pancada do bumbo o choro da gaita, que a minha vontade era amanhecer o dia. Eu esperava a semana pedindo a Jesus que chegasse quarta feira pra mim ir pra lá de novo. Eu fui o primeiro da família a brincar, ensinei meus sobrinhos. Que hoje em dia eu tenho sobrinho que é... ele é um capetinha mesmo.. sabe de tudo, viu? Tem o outro mais velho... que não pode Brincar mais ... já fez uma cirurgia, ele não pode brincar mais não. E depois que entrou na igreja, ele não brinca mais. Mas eu tenho um sobrinho que chama Nené, ele é um danado! Ensinei tudo a ele, ensinei tudinho a ele.. e, hoje em dia, ele brinca no Africanos, até na data de hoje. Agora, só que eu nunca brinquei e nunca saí quando eu era pequeno em índio nenhum nem em carnaval nenhum eu não saí, só aqui, nesse índio aqui. Minha mãe, se fosse viva, ela dizia do mesmo jeito, mais meu pai. É... e hoje em dia graças a Deus eu tô assumindo. Para o ano graças a Deus, eu tô assumindo, para o ano que vem agora, 2019, vai fazer 58 anos que eu tô assumindo.</i> Seu Genildo sofreu um acidente de trabalho quando trabalhava em uma obra da câmara municipal em 1988, fato que desde então só consegue andar com auxílio de muletas. <i>O que eu acho bonito na minha Tribo, pronto... tamo conversando aqui... a minha alegria a minha alegria mesmo, é quando entra na avenida, eu vejo os meus meninos dançando... olha eu fico... se eu pudesse pular, soltar minhas muleta pra mim pular dentro eu tava... era! Mas eu digo, rapaz é o seguinte, a Tribo vai começar de oito hora, de oito e meia, rapaz, olha pelo amor de Deus vamos fazer o que tem que fazer, vamos botar dentro do carro pra agente chegar lá cedo. Aí eu digo, vamo se embora, mas...</i>		

quando o dinheiro sai... que agora não, que o dinheiro tá saindo faltando um mês. Um mês e quinze dias, aí um mês antecipado, é bom. E, antigamente, que saia faltando dois a três dias pra o carnaval... olha, era sufoco! Mas antigamente a turma dançava com garra e ajudava mesmo, até o dia amanhecer. Era assim, ninguém dorme, era com um cafezinho, uma coisa e outra... e bora trabalhar. E, Hoje em dia, não... .. mas, mais quem trabalha aqui é esse meu menino, ele fica todo dia, ele fica sozinho... E assim, graças a Deus eu vou levando minha Tribo, né? conversando e tal e assim eu levo até o fim da minha vida... se deus quiser...

Estou conversando, pois eu vou dizer uma coisa,... Jesus pode me levar hoje, mas eu morro satisfeito porque eu tenho um negão ali, ele não é nego de confusão essa coisa, sabe como é. Passo pra o nome dele: isso aqui é seu! Não é meu. Ele sabe e faz. E no dia que eu não puder trabalhar mais, me sentar pra botar uma pena de pavão, eu digo, isso aqui é seu, você faça do jeito que você quiser... eu sou assim, é!

Já tenho um neto também que é o mais velho, que vai fazer vinte anos, aí eu digo 'faça que nem eu, que nem seu pai'... mas no dia que eu não puder mais, é vocês que vai tomar a frente de tudinho aí, que eu não posso mais não. (...)

Agora quer ver eu aperreado mesmo? Com dor de barriga, aperreado? Eu tô aqui, e os meninos vai se embora e o Papo Amarelo tá desfilando que eu não tô vendo, eu fico doido.. fico! Ave Maria!.. baixa a preção na hora, homi! Tá doido, eu fico muito aperreado! Mas graças a Deus é difícil acontecer um negócio desses. Esse ano agora eu baixei no hospital por conta do acidente que deu lá, mesmo de frente aos jurados que estavam julgando o carnaval...

(...) Eu já tive já 17 anos de Título, o meu último título foi em 2002. Seu zé Machado ainda tava vivo, ainda. Ele me ajudou bastante aqui, ele me deu... enquanto ele tava comigo aqui, eu ganhei três anos em seguida, foi... aí foi tempo lá vai, coisa e tal. Aí aqui encheu d'água foi bater lá no campo da Graça, o menino deu a chava e fui trabalhar, lá.. homi, pelo amor de Deus.. Alí foi uma coisa, 2003. Naquele ano eu fui pra lá, o meu horário era de oito hora, quando eu entrei na avenida ida dar nove e meia, daí "não pode passar mais". Nesse tempo Cabral era vivo, olhei pra Cabral, "chega passe" dancemo um pouco... Passei. Lá vai quando foi 2004, aí trabalhemo, fizemo, aí tirei terceiro lugar ainda, quando foi 2005, foi segundo, perdi pra o Africanos meio ponto. Aí, tudo bem... aí de 2005 pra cá nem primeiro nem segundo nem terceiro, nada. Mas não é por isso que to perdendo carnaval que vou baixar a cabeça... baixo nada. E carnaval é paixão. Né? O mais que eu fico preocupado... é assumir meu compromisso. É receber a subvenção, botar meu clube na avenida. Toda vida eu fui desse jeito. E, até hoje, graças a Deus.

Seu Genildo registra sua memória de juventude, quando brincava na tribo, e carregava o espião:

Daqueles tempos pra cá, da minha época pra cá, nos meus setenta e um anos já, mudou muitas coisas, antigamente fazia gosto a gente brincar, sabe por que? Todo mundo tirava do seu bolso ajudava ó um chegava com um tecido mandava costurar, as camisa, antigamente as camisa era de manga comprida, aqui era o ververde aí em cima do vevede era tudo casa de abelha olha, aí aqui era branco e aqui todinho era um papo amarelo, todinho. Isso era antigamente se alguém chegasse com isso aqui desabotoado, o botão, o povo era desclassificado, agora não, os caba danou-se... o índio é nú, o índio é assim e assim, pintado, aí. Pinta todo mundo bota uma tanga, coisa é tudinho, bota uma peruca, aí tudinho, é o índio. Antigamente era exigente, antigamente era uma exigência muito grande, a gente... a camisa, antigamente da gente era de manga cumprida inté a coisa engomada toda lisinha, a gente botava uns perfume que tinha antigamente, era... se chama, lança perfume.. 'tchi tchi' na gente todinho, quando entrava na avenida: 'ô, que cheiro, rapaz' aí outro ô, que cheiro' era assim, mas hoje mm dia, não.. é porque acabou-se aquela lança e se tiver é caríssimo, né? aí não tem condições de comprar mais.. mas naquele tempo, de antigamente a turma pegava aquela lançinha de plástico outro de coisa, aí enchia d'água, molhava todo mundo.. era talco era maisena era todo mundo.. e, hoje em dia, hoje em dia acabou-se daquele tempo pra cá.. que antigamente era carnaval! Olha se eu fazia um capacete de cordão capacete bonito, era tanta da gente pra olhar esse capacete! 'Eita, vem o índio alí, ó' saia gente de dentro de casa pra olhar, hoje em dia acabou-se. Mas

quando eu brincava com o capacete grande dançando o clube todinho, antigamente... eu era novo, o capacete era tão grande na cabeça.. 'índio, tu vai cair com esse capacete, esse capacete vai te derrubar, vai dar uma queda em tu' porque quem maltrata a gente não é nada do capacete, é o vento. Porque a gente não dominar o vento, o vento domina a gente e a gente cai, e é arriscado quebrar o pescoço, então por isso que hoje em dia de lá pra cá, eu boto a proteção atrás do capacete que é a ferragem.... que quando o vento der ele segura e não tem como.. só se o caba for mole, né? mês se ele for um caba experiência mesmo ele em que dominar o vento. É! Antigamente eu quando eu brincava com capacete grande, eu pegava nos dois talabada assim, e dominava.. 'ó o vento aí', 'rapaz o vento'.. o vento me levava como daqui ali, eu dava um rodete, só pegava os talabada aqui, e a turma tudo batendo palma quando chegou ali no bairro dos novais ... antigamente era barro, quando e vinha de capacete assim, quando eu vinha lá atrás... eu nem escutava amais o bater do bombo. Eu 'meu deus os meninos tão aonde?' quando eu dava aquele rodete, quando olhava pra trás, eu não via.. eu ouvia a pancada muito longe, aí eu só na pancada do bombo eu vinha no meu manejo dançando... ó daquela rua ali onde tem o sinal de oitizeiro antigamente não tinha sinal, não. E eu ficava sozinho no meio da rua.. e vinha carro pra aqui, e vinha carro pra cá entrava cá, e eu fechava tudinho, os carro as moto parava tudinho pra ver descia do carro pra olhar eu dançar, eu fazendo aquela dança, aquela munganga com uma machadinha dsssde tamnhinha dançando, dançando, aí aturma tudo olhando quando eu via que eu corria como aqui na [casa da] cidadania, eu começava a andar puchando o clube quando eu vinha com uma distância muito boa quando ainda vinha saindo de lá da rua pra atravessar pra cá eu sozinho... e os carros tudo parado antigamente era outra coisa, era um carnaval bonito! Hoje em dia, homi.. hoje em dia ó, eu boto, eu pago pra o caba sair comum capacete desse grande, eu pago, é uma noite que ele brinca, eu pago, entendeu? É desse jeito.

3. Descrição da prática Cultural:

Questionado sobre como se dá a apresentação da Tribo, Seu Genildo relata:

É porque na linguagem da gente, 'vamo fazer a morte, né?' mas, você chega na aldeia é uma festa. Na Tribo indígena, na aldeia... eu tiro pelos Potiguara, eu fui uns três anos lá nos Potiguara, lá. Aí o pajé lá, o cacique, o prefeito, convidou a gente pra visitar conhecer a festa deles lá, né? aí lá na baía da Traição, aí foi até Cardivando que levou nós, no dia do índio. ...mas os índio lá, os Potiguara, os índio indígena, as festa deles assim, é festa, não é dança de morte, não... na linguagem da gente, 'vamo fazer a morte?! Ei, ó o índio morrendo, coisa e tal...' não lá é diferente. Lá é tipo escadinha, você vendo óia, tem desse tamanho mulé home e tudo agora é separado, né? menino desse tamanho é tudo pegando na mão do outro fazendo aquela roda e cantando e o bombo batendo e gaita, é! Aquilo ali se abaixa todo mundo. Não tem esse xangô, esse negócio de pai de santo de aquela roupa de aquele negócio... mesmo assim eles diz, é a coisa mais linda do mundo... se abaixa todo mundo... aí vai se abaixando e lá vai, aquelas munganga deles... aí depois dos meninos, aí tudo rapazinho, fica lá no mesmo canto deles, tudo pegando na mão do outro o outro vai começando já do rapazinho e assim vai. Naquela rodona bem grande... Eu me admirei muito. Me admirei muito. Quer dizer que o cacique mesmo, ele não foi, foi o pajé que é o filho dele, gordinho. Desceu lá e... quando terminou a festa, deles lá ele apresentou à gente as flecha, lança, cocar, tudinho mostrando a gente como é que é essa brincadeira lá, como que a gente faz a festa deles, aquelas tanga, coisa mais linda do mundo e caro! Ia trazer lá uns cocar lá mais não consegui porque o dinheiro não deu pra mim comprar. É caro demais! Um cocarzinho aqui assim, não é nem dessas penona de arara, não peninha pequena, era caro, aí 'quer saber de uma coisa, vou levar não'. Mas tem esse meu menino aqui, que ele é muito curioso, ele fazendo uma pena de arara, purinho.. ele falou, 'pai, eu fazer uma pena daquelas penas de arara', 'então, eu faço aí pra gente... pra as comissão de frente aí' é só ver como é que faz.. que vê pensa que é pena de verdade, mas não é? Aí eu sei que ele fez, mas faz cada cocar bonito, não é porque seja filho meu, não. Mas se você vê os cocar que ele faz... é uns cocar lindo mesmo! Aí ele faz, e ele diz, 'olhe, pai, daquele tempo do senhor pra cá, aqueles tempo alí era outra coisa' eu digo 'meu filho, aquele tempo alí, vô te dizer, todo ano eu ganhava o título... e agora tá mudando as

coisas, né?’ e ele diz que o tempo era quadrado não sei o que... eu digo não, é isso mesmo, tá certo, vai modelando as coisas não é todo jurado que um ano é o outro ano também, agora muda de jurado, né?

Na linguagem da gente, tem a dança da morte tem a dança da macumba, né? que é duas dança que tem, então foi o que eu expliquei, a dança, você chega na aldeia, faz aquela festa, depois daquela dança ali, eles ficam abaixado tipo uma morte mas não é. Ai depois se conta um verso, se chama loa da tribo.. é! Se chama loa. Aí depois daquilo ali, ele diz o verso dele aí todo mundo bate palma e o zabumba bate ‘tim tim tisc tim tim...’ e a gaita...

(...) Isso aí eu já botei dois anos, imitando a tribo indígena de verdade, a gente faz imitação, então tem uma tribo que vem entrando na avenida e demonstrando os invasores, atrás, né? mas isso aí eu não botei mais dentro da avenida. Mas isso a qualquer momento a gente pode botar de novo...

(...) Aí tem o feiticeiro que vai rodando, rodando a aldeia, rodando, rodando... aí quando todo mundo se levantando, aí quando tá abaixado, tudo morto alí é na hora que o pajé vai lutar com o outro, entendeu? Tm o mestre e tem o pajé... quando eles dois.. fica ferido, aí o mestre vai e diz a loa e isso alí começa a macumba e a tribo se levanta, pra começar a dança do tombo de novo....

Porque aqui nós temos várias dança, a dança que chama tesourinha que vai com as perna pra lá e pra cá, te a cobrinha que vai com as perna pra lá e pra cá, viu? Tem a dança do tombo, entendeu? ... E o vira que é vira pra cá e depois, vira pra lá ai depois vira pra cá e pra frente, tudo isso nós tem várias dança de índio aqui.. é!

(...) Quer dizer, desde que eu comecei, o trabalho meu, era diferente do de agora... antigamente meu trabalho era muito diferente com pena de galinha pena de pavão sempre, que é a tradição e sempre pelúcia e as decoração

(...) os capacetinho era tudo pena de peru... antigamente, antigamente era difícil pena de pavão. Aí quem faz é a gente. Antigamente não tinha isso daqui não, antigamente tinha uns capacete menor um cocar pequenininho... o espião era pequenininho, oxe, era menor que isso daqui.

4. Localização:

Sede: Rua Antônio Lins – Cruz das Armas

Outros Locais Importantes: Desfile: Avenida Duarte da Silveira (Beira Rio) e ensaio: na rua, nas proximidades da sede

5. Histórico (Origens e transformações do grupo ao longo do tempo)

Seu Genildo explica:

Essa Brincadeira pra começar, a Tribo começou primeiro pelo um animal, começou por um animal... então desse animal.. Que animal era? Era um jacaré papo amarelo. Assim que João de Abreu doido pra botar um índio, batendo um bombo, não sabia o índio que ia botar, né? Batendo bombo, batendo bombo... o pessoal ‘ó que batuque é esse aí?’ ‘ó, aqui tô inventando uma brincadeira de índio aqui. Era aqui na Quatro de Outubro, ‘eu tô inventando aqui essa brincadeira e essa brincadeira é um índio que eu vou botar, eu não sei qual é o nome que eu vou botar nesse índio aqui’ e todo mundo perguntando à ele. Ele era mais novo, né? ele faleceu foi no Recife com noventa e cinco anos, aí começou por ali, ele começou por ali e coisa e coisa e é... ele era caçador e mais uns colegas, tinha bem uns dez... ‘João, vamo, dar uma voltinha na mata ali pra ver se a gente mata qualquer um bicho desse pra gente comer aí, com os meninos?’ começou falar, ‘pra onde a gente vai?’ ‘aí, pra pra uma lagoa aí.. com mato aí que de pra gente matar um bicho aí que’... aí mataram um porco espinho, depois dizer que o porco espinho é um animal que... só que o cabelo dele é duro, sabe como é? Parece espinho mas não é. É do coro dele mesmo... engraçado. Aí daí partiu, quando vinha, tinha uma lagoa, quando ele olhou assim tinha jacarezão danado com a boca aberta. Ele disse ‘rapaz, ó o bicho ali!’ O caba disse ‘rapaz é um jacaré, é... é um jacaré e olha pra ali o papo dele’ quando olhou, o bichão todo amarelo de baixo da... do peitoral dele. Ele disse ‘mas, rapaz, mas foi bom encontrar esse jacaré aqui, viu?’. ‘Porque?’ ‘Porque é papo amarelo... é o nome do meu índio que eu vou botar’ e Papo Amarelo ficou até a data de hoje.... muitos e muitos anos!

João de Abreu, foi o primeiro dono dessa Tribo. Depois de João foi Marçuliano da Silva, ele morava lá na Marta Pacheco, no bairro dos Novais... aí pronto, desse Papo Amarelo depois que o velho faleceu, a família disse... 'Marçu morreu e eu não quero mais índio aqui', então eu disse 'a senhora ou aceita ou passa os instrumento aí' se a senhora me ceder', 'não tem negócio de vender, não, vai vender não, você vai assumir mesmo!' e com dezoito anos ia fazer dezoito anos ainda, aí ela disse 'você vai tomar conta do índio?' eu disse 'vou, o que mais, na sua porta quem brincou naquele tempo não brinca mais' naquele tempo tinha terreno demais pra gente brincar.

6. Alegorias / categorias de objetos

Porta Estandarte	Espião	Baliza	Oca
Mestre e	Matadores	Comissão de Frente	Orquestra
Pajé	Feiticeiro	Cordão	Destaques

7. Confeção

Seu Genildo conta que antigamente era usado predominantemente pena de galinha e que o trabalho de confecção dos objetos, incluía o tratamento e tingimento das penas.

(...)Aí, nisso daí, tinha Manuel da Galinha, que era fiscal do Africanos, finado seu mané, ele fornecia pena de galinha pra todo... toda Tribo de índio só de galinha, daquelas penas branca. A gente trabalhava com aquilo ali, era um trabalho! Era trabalhoso, viu? A gente lavava as penas com sabão Omo, bem lavadinho mesmo, quando acabava botava numa peneira bem grande.. aí botada as peninha, botava as penas todinha... enquanto ela tava no sol. Aí eu mesmo pegava minha bicicleta, ia eu ia descer lá pra baixo, comprar um bocado de tinta.. amarela, vermelha verde... toda cor. Aí disse 'agora, vamo tingir'... era dois dias pra essa pena ficar bem bonitinha. Daí que a gente ia começar a trabalhar.. foi aí era trabalhando, trabalhando, trabalhando. A gente pregando os capacetes, fazia tanga, fazia perneira, fazia tudo. Mas depois de uns tempos pra cá foi aparecendo as penas de buá... buá, se chama buá, isso é pena de ganso. Sabe pena de ganso, que ela bota aquelas pernonas bonitas e tem dela que ela bota daquele jeito ali do capacete, que ela bota, vermelha e amarela. Eu nem sabia, naquela época, eu nem sabia que tinha essas perna. Depois de muitos anos, muitos anos mesmo, um bocado de tempo, um colega aí falou, 'eu vou botar pena de buá no meu capacete'... 'e o que é pena de buá?' aí eu fui lá onde ele tava, eu não sei se foi Teixeira, se foi finado Pelé... e eu pelejando.. 'mai rapai, tá ligeiro, viu? E as pena é grande!', aí pronto, de lá pra cá eu fui lá embaixo, comprei quatro tira. Antigamente era uma tirona grande, viu? Bem grandona hoje em dia, não. Hoje em dia é desse tamainho assim e caro, vinte e cinco reais uma peça. Duas peças antigamente, dava pra gente fazer um capacete desse grande, tranquilo. Mas hoje em dia, não dá mais não. Aí diminuiu mais as corda.. e aí né, começemo trabalhar em pena de buá e até hoje nós trabalha. É, quer dizer, diminuiu o trabalho, pra uma parte foi fácil pra gente, né?

Seu Genildo conta que antigamente a comunidade contribuía mais com recursos, material e trabalhava junto. Mas hoje em dia o trabalho se concentra na família de seu Genildo e ainda faz algumas considerações sobre como se dá a confecção dos objetos em sua Tribo atualmente:

(...)A gente as vezes compra no Recife, o mais fácil a gente compra aqui no centro. Tá ? Olha aqui no centro, tem material pra índio que lá no recife não tem.. e ela no Recife tem material e aqui não tem. É... é obrigado a viajar.

(...)Tudo a gente faz aqui, tudinho. Só o que sai pra fora é o standarte. Que a gente manda e que é aqui pertinho. Depois que tiver pronto, eu guardo direitinho até o nascer do carnaval.

8. Observações

Fontes: Entrevista: Genildo, Entrevista in loco. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Papo Amarelo. João Pessoa, 10 dez. 2018. Imagens: fotos do acervo de Marcela.

Data preenchimento: Março de 2019

Responsável pela pesquisa: Marcela Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo

Categoria: Porta Estandarte

Catalogação: TI.04.01



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo	Categoria: Porta Estandarte	Catalogação: TI.04.01
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 06/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Estandarte, bandeira
Uso/ Função:	Identificar o Grupo e o ano do desfile
Peças do objeto:	Estandarte; cocar; colete; calça; tanga
Material:	Estandarte: pelúcia, haste de metal, imagem impressa, torçal, trança, pelúcia e emborrachado com brilho; cocar: pena de peru, emborrachado, pelúcia estopa e barbante; colete: pelúcia, estopa e barbante; calça: pelúcia estopa e barbante; tanga pelúcia.
Cores:	Vermelho amarelo, branco e marrom
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso IV.
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Genildo
O porta Estandarte, ele tem que vir no meio, representando. Aí depois, tá no desfile oficial, não tem o corpo do jurados? Ele tem o dever, a obrigação dele naquele trabalho que ele tiver, ele representa o estandarte, os jurados olham tudo direitinho e vai pra o seu lugar. Tem o porta estandarte e tem o estandarte que é o coração da tribo, o coração da tribo é o estandarte. Se a gente apresentar o carnaval oficial e não tiver o estandarte, tudo tá perdido geral, sabe? Que a gente de qualquer maneira, tem que ter, então o Estandarte é o seguinte... pela indígena mesmo o estandarte não leva brilho sabe? Pela linguagem do índio indígena mesmo... mas a gente ainda bota um brilhaquinho pouco, que é o trabalho da gente. Aqui já não botou brilho, botou só um brilhaquinho ao redor dela. O Estandarte é assim, porque tá se vendo que é o estandarte, né? da tribo. E tem o nome... Papo Amarelo, a data... todo ano é um desenho diferente.	
Data: março de 2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo

Categoria: Mestre

Catalogação: TI.04.02



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo		Categoria: Mestre	Catalogação: TI.04.02
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em uso	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Apito
Uso/ Função:	Coordenar a apresentação da Tribo
Peças do objeto:	Cocar; blusa de manga comprida; calça; tanga; e lança
Material:	Cocar: pelúcia, emborrachado estopa barbante e penas; blusa de manga comprida: tecido de algodão e pelúcia; calça: tecido de algodão e pelúcia ; tanga: pelúcia ; e lança de madeira.
Cores:	Branco, amarelo, vermelho e marrom
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	02 (mestre e contramestre)
Registro Oral	
Nome:	Genildo
Quem comanda na Tribo. É... aquele que tá com o apito é quem comanda na Tribo. Porque, a partir do momento que você tem uma Tribo já, você não quer brincar? Você tem que botar um mestre pra já comandar a tribo todinha, tendeu? Qualquer erro que der vai ser em você. Olha, é assim, assim, você chama atenção, dá um conselho. É... [observando o vídeo da apresentação do carnaval de 2018] Ele é o mestre... e eu tô vendo que esse que eu botei agora é um menino entendido. (...) Esse é o contramestre, se chama o pajé, viu?	
Data: março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo

Categoria: Espião

Catalogação: TI.04.03



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo		Categoria: Espião	Catalogação: TI.04.03
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em uso	Data: 06/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Capacete
Uso/ Função:	Abrir caminho para Tribo
Peças do objeto:	Capacete; calça; e tanga
Material:	Capacete: Armação de ferro, papel, cola, pena de buá, papel brilhoso, desenho impresso; calça: tecido de algodão e pelúcia; e tanga: pelúcia.
Cores:	Branco, vermelho, amarelo e bege
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso III.
Quantidade média de reproduções do objeto:	03
Registro Oral	
Nome:	Genildo
É o principal da tribo, que vem na frente. Se chama na linguagem da gente é Espião... É! Espião, porque ele vem puxando a tribo todinha, ele que tá lá na frente dele, que é pra fazer o mal, que é pra fazer o bem, ele já sabe... ele já sabe, porque ele que vem puxando a tribo, ele que vem vigiando a frente todinha, o certo ou o errado, entendeu? Aquele camarada, que tá vendo, como daqui pra aquela distancia ali que ele olha, basta só um olhar, que olha ele, ele já sabe eu vai fazer um mal à tribo, ou se não o bem. É! Quando ele olha ali já começa a rir, a fazer assim, é porque tá legal, entendeu? Espião é pra isso! E o restante é o seguinte, que tem o primeiro e o segundo, que é o capacete. O espião vem na frente, o segundo vem atrás já guardando a guarda dele, que qualquer coisa.. né? ele já defende ele já avisa e já tem outro atrás de novo que é pra resguardar a guarda que vem do segundo Espião atrás, né? é... aquela coisa. (...) qualquer perigo que vir, pra proteger o espião que vem na frente.	
Data: março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo

Categoria: Feiticeiro

Catalogação: TI.04.04



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo	Categoria: Feiticeiro	Catalogação: TI.04.05
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Curandeiro
Uso/ Função:	Reviver a Tribo
Peças do objeto:	Cocar; gola; punho; tanga; perneira; cajado e lança
Material:	Cocar: emborrachado, pelúcia, palito, canudo, semente e graveto; gola: emborrachado, palito, canudo, semente; punho: emborrachado, pelúcia, palito, canudo, semente; tanga: estopa emborrachado, pelúcia, palito, canudo, semente e pena; perneira: emborrachado, pelúcia, palito, canudo, semente; cajado: bambu, barbante pelúcia, cabaça e tecido; lança de madeira
Cores:	Amarelo, vermelho branco e bege
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Genildo
Esse menino aqui ele não queria... que ele é meu genro, eu digo 'você vai ser o feiticeiro' ele fica calado... o feiticeiro pra sair dentro de uma tribo ele deve soltar fumaça. então ele pra botar a fumaça ele tem que usar um cachimbo e sair a fumaça do cachimbo da boca dele.. mas, ele não quer, porque não fuma, ele disse à mim que quando bota um cachimbo na boca com o negócio, ele fica bebinho, que nem tá bebendo cachaça. Aí ele sai, aí ele não sai com o cachimbo na boca, sabe? Ele compra aquelas tocha e solta. Aí que depois que ele solta aquela tocha, ele faz o trabalho dele, né? é! Aí só sai assim. Mas só que para o ano vai sair outro. Ele pecou nisso aqui, ele como feiticeiro, não usa máscara, tem que sair com a cara normal.	
Fonte:	Entrevista
Data:	março/2019
Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo

Categoria: Oca

Catalogação: TI.04.06



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em preparação

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo	Categoria: Oca	Catalogação: TI.04.06
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		
Data: 10/02/2018	Objeto em uso	

Outras denominações:	Cabana
Uso/ Função:	Representar a casa dos índios
Peças do objeto:	Peça única, oca
Material:	Tecido grosso, bambu, algodão, TNT e pelúcia.
Cores:	Marrom, branco amarelo e vermelho
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Genildo
Tem a oca, né? Não tem a oca? Que se chama cabana do índio, ali já vem com os índio dentro. Tem um índio dentro, então o índio dentro, quando bota a cabeça assim o outro já quer meter a flecha e se livra, a flecha passa direto, aí não quer morrer, aí vem o matador, puxa ele pelo braço, e vai lutar com ele na terra, né? no terreno. Se chama a terra do povo, vai começar a luta do índio.. aí, sai um vai pra o canto, o outro que vai matar já é o mestre que vai lutar com o pajé que ele fica meio vivo, vai lutar com ele, né? aí pronto, quando ele morreu, o próprio mestre que feriu ele, ele quem diz a loa. (...) A função da oca é o seguinte... é o trabalho que eles tão fazendo dentro da oca entendeu? É as conversa, se o problema da indígena, do índio, né? O que que ele vai fazer, o que não vai fazer.. é tipo uma reunião, não é? Ai quando da demonstração, aí vem os índio, dançando de dentro da oca, mostrando o seu trabalho	
Data: março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo

Categoria: Matador

Catalogação: TI.04.07



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo		Categoria: Matador	Catalogação: TI.04.07
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em uso	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Adversário
Uso/ Função:	Encenar o ataque à tribo
Peças do objeto:	Cocar; punho; tanga; perneira, escudo e lança
Material:	Cocar: emborrachado pena e pelúcia semente; tanga emborrachado pelúcia, pena e barbante; punho: emborrachado, pelúcia, barbante, pena, estopa; escudo de madeira; lança de madeira
Cores:	Amarelo, vermelho braço e marrom
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	06
Registro Oral	
Nome:	Genildo
A função do matador é matar o adversário, quer invadir a terra, então os matador não vai deixar da tribo, né? Que é a terra do povo, se chama na linguagem do índio. Ele não vai deixar invadir e se ele tentar invadir de qualquer maneira tem que ter violência, é... matar e ferir, entendeu?	
Data: março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo

Categoria: Comissão de frente

Catalogação: TI.04.08



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo		Categoria: Comissão de Frente	Catalogação: TI.04.08
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em preparação	Data: 10/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Guerreiro
Uso/ Função:	Desenvolver a coreografia e encenação
Peças do objeto:	Cocar, tanga; perneira, (homens) lança; (mulheres) bustiê, maracá e machado.
Material:	Homens – Cocar, tecido, palito emborrachado, semente barbante e estopa; tanga: tecido de algodão, pelúcia, pena e barbante; perneira: emborrachado, pelúcia semente graveto. Mulheres – Cocar? Canudo, graveto, emborrachado, tecido e pelúcia; bustiê tecido de algodão pena semente e pelúcia; tanga: tecido e algodão, estopa, pelúcia, emborrachado e semente; perneira: emborrachado, pelúcia semente graveto.
Cores:	Amarelo, vermelho brando e marrom
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	16 (oito homens e oito mulheres)
Registro Oral	
Nome:	Genildo
A função do destaque é demonstrar que a tribo vem trazendo as suas comissão de frente, né? junto com as suas fantasias e fazer o espetáculo dele, né? os trabalho... Tem a ala das mulheres e a ala dos homens	
Data: março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo

Categoria: Orquestra

Catalogação: TI.04.09



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo		Categoria: Orquestra	Catalogação: TI.04.09
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em Uso	Data: 06/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Músicos
Uso/ Função:	Executar as músicas da brincadeira
Peças do objeto:	Cocar; blusa; calça e instrumentos
Material:	Cocar: emborrachado, pelúcia e penas; blusa: tecido de algodão, pelúcia e penas ; calça: tecido de algodão e pelúcia; e instrumentos – zabumba, cilindro de zinco, parafusos e couro; ganzá cilindro de alumínio, sementes e chumbo; triângulo: ferro; gaita: cilindro de alumínio e cera de abelha.
Cores:	Branco, vermelho, amarelo e bege
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso II
Quantidade média de reproduções do objeto:	06
Registro Oral	
Nome:	Genildo
A função do gaiteiro é tentar mostrar o trabalho dele na tribo, porque sem o trabalho dele, a tribo não sai, entendeu? E só tem boniteza no trabalho dele. Que é o gaiteiro, o zabumbeiro, ganzazeiro e triangueiro . é o trabalho deles, né? que se não tiver o trabalho deles, a tribo não vai sair. Tem gente aí que todo ano é aquele toque e a dança é uma só.. mas, não é porque eu seja presidente do meu índio e também ele também que ele trabalha, mas eu digo assim, cada um te a sua decoração e amostrando os seus trabalho diferente, né? da tribo é justamente o que nós faz aqui, entendeu?	
Data: março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo

Categoria: Cordão

Catalogação: TI.04.10



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Papo Amarelo		Categoria: Cordão	Catalogação: TI.04.10
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 10/02/2018	Objeto em Uso	Data: 06/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Ala
Uso/ Função:	Representar o povo da Tribo
Peças do objeto:	Cocar, tanga, (mulher) bustiê.
Material:	Cocar: emborrachado pena e pelúcia semente; tanga: pelúcia e franja; (mulher) bustiê: pelúcia
Cores:	Branco, vermelho, amarelo e bege
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	06
Registro Oral	
Nome:	Genildo
[Não foi registrada explicação sobre essa categoria]	
Data: março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

1. Identificação	
Nome: Tribo Indígena Carnavalesca Tupy Guarani	Cores oficiais: Verde, vermelho e branco
Outras denominações: Os Tupy Guarani, Índios Tupy Guarani	Catalogação: TI.05

2. Pessoas (Pessoa de referência que colaborou com o inventário):	
Nome:	Rosineide Mecena de Moura
Como é conhecido (apelido):	Neide
Função no grupo:	Presidente
Nome:	André Rodrigues Borba
Como é conhecido (apelido):	Bideco
Função no grupo:	Mestre e diretoria

2.1. Biografia

Bideco conta que seu envolvimento com a tribo indígena, começou por conta do envolvimento da família com a brincadeira:

Eu nasci, bem dizer, dentro do carnaval. Que é de família... O antigo Pelé, meu pai, irmão... tudo era de dentro. Como matador, meu pai fiscal... aí foi criando a paixão dentro do carnaval, o carnaval tradição. Todo ano você sabe, né? Que vem... cada ano vem crescendo e sempre é bacana, mas a ajuda financeira é muito pouca. Hoje em dia, que os negócio sempre aumenta, aí a gente tem essa dificuldade pra botar a tribo na avenida. O Tupy Guarani há dez anos atrás, ninguém dava nada por ela, mas hoje, quando a gente sai na avenida, é uma das favoritas pra ser campeã. Que a gente trabalha. A gente gasta o dinheiro todinho, que sai, tá entendendo? A gente chega a gastar até o da gente. Pra ser muito certo, a gente ficou devendo até a prestação de contas. Pra prestar conta... a gente veio pagar ontem. Que ontem era o último dia e arrumamos emprestado, porque o dinheiro que saiu não tá dando não. E ainda assim, o povo... o prefeito tá dizendo que vai sair a mesma subvenção. Tá entendendo? Se for, esse ano eu acho que a Tupy Guarani não sai não. Porque não dá não pra botar mais de cem pessoas na avenida, não. Continua a mesma... vai bem quatro anos que continua a mesma.

(...)

Eu saí um ano na Tabajara, quando era lá no alto do Mateus, de Basto, e nessa Guanabara

Foi cinco anos de gaitero, também, que eu toco gaita. Tocava na Guanabara, fui mestre da Guanabara. Sempre sendo alguma coisa. Sempre vive e primeiro, no Guanabara... depois eu vim pra Tupy guarani, graças a Deus, deu tudo certo, tá entendendo? Pra dez anos pra cá, a Tupy Guarani não saiu do terceiro lugar, ficamos sempre de terceiro a primeiro. Com a minha presença aqui...

(...)

Sempre morei em Mandacaru.

Eu trabalho com reciclagem, eu compro reciclagem. Eu tenho um depósitozinho de reciclagem aí na frente de reciclagem. Eu trabalho nisso.

Na Tupy Guarani eu tenho 10 anos só de tradição, na Tupy Guarani. (...) Era do mestre Moura, meu sogro. Tenho duas bênçãos com a filha dele. Que ajuda a gente também no carnaval, porque se não for os meninos, a gente não é nada. Que a gente tem que ver o futuro pra frente, que um vai parando deixar e o outros vai começando. Aí nunca vai acabar, não. Os povo que tem mais poder financeiro que toma conta do nosso Brasil, tá tentando acabar, mas não acaba não... cem anos não é dois anos, nem um ao não.

Eu brinco... é... porque é um esporte muito bom, tá entendendo? É um preparo físico que a gente bota nas pernas.. uma ginga de corpo. E a apixão, né? como eu tô dizendo, né? É pai, é neto, é irmão, é tudo... dança!

-Na sua Família, o primeiro a brincar na Tribo foi o seu pai?

Meu pai... Junto com Pelé, ele tem 82 anos hoje. Se Pelé fosse vivo, acho que ele tinha quase a mesma idade

A Guanabara na mão de Pelé sempre foi... saía pra competir, nunca ele deixou pra sair por sair, não. (...) É tudo feito aqui, tudo passa na minha mão... é só me dar os ferros que eu já monto o capacete, eu já monto ele.. (...)Sou coreógrafo e faço as fantasias, o responsável de fazer as fantasias.

Neide conta que desde criança participa da brincadeira, pois sempre a acompanhou o pai que era o antigo presidente da Tupy Guarani.

Desde que eu me entendi de criança que eu já frequentava com meu pai, que meu pai saía na época era no rabo do cordão do Guanabara.. então, eu já frequentava junto com meu pai que eu era pequena, mas aí o que me chamava mais atenção na Tribo era as cores. Eu ficava muito abismada pelas cores, achava muito bonito. Ajudava até meu pai a colar as penas no capacete dele. E aí eu fui me envolvendo na cultura.. lapinha, índio, ciranda, a barca... Tudo isso eu participei, eu meus filhos até hoje a família é envolvida ainda.

Em falar nisso, agora, Maurício me procurou pra eu resgatar a lapinha.. a lapinha do meu pai. Porque tem uma senhora aí que ela era que cantava que ajeitava o cordão já de muito tempo, eu conversei com ela pra a gente resgatar a lapinha ela tá querendo... e o ano que vem a lapinha tá aí de pé.

Mostrando as fotos que guarda com muito cuidado, Neide comenta:

Pra você ver como a gente já era envolvido no carnaval. Aqui já era o primeiro ano de tribo, olha eu, minha irmã e a outra minha irmã, ela ainda era pequenininha essa daí. Essa aí a que mora no cristo... Foi o ano da fundação foi aqui, esse foi o nosso primeiro estandarte isso daqui pra mim é uma relíquia. O meu pai é esse aqui. Aqui tem muitos que já participa, né? com a gente de criança. E tem uns que ainda tão vivo, ainda participa. Esse aqui é na sede João Tota lá na frente, onde hoje, quem toma de conta é zé do balaio. Lá, a gente ensaiava muito lá. Isso aqui é uma relíquia pra mim, da maioria que se foi, mas maioria ainda é vivo. Aqui já começou... olha a diferença dos capacetes... se eu não me lembro acho que aqui foi em 95. (1:34:15) Aqui já foi o luto com um dos espiões, foi o melhor espião que nós tinha. O finado Zé dentinho. [ah o preto aqui é o luto] só que ela.. nós resgatamos ela aqui, fundamos ela em 89 só que ela é de 1910, entendeu? Ela já existia no bairro do Roger.

olha como era os nosso cocares, muito simples, né? Olha os capacetes como era, Marcela, olha a diferença como é hoje... tá vendo como é isso?

Sempre teve espião... Aqui já é 2003... Sempre teve disputa, a prefeitura dava a subvenção, mas quem organizava o carnaval era a federação, na época era a federação carnavalesca e hoje é a liga, e hoje quem tomou de conta foi a funjope, então hoje tamo trabalhando tentando que a liga resgate o carnaval novamente. Porque com a funjope, eles bagunçam muito. (...) Eu vou fazer um banner, sabe, Marcela... eu vou fazer um banner com essas fotos antigas e vou pendurar aqui no pavilhão. Quando começar nosso trabalhos os componentes gostam muito de vir aqui. Então isso aqui é muito importante pra eles. Eles dizem "Olha, fulano!" a gente tinha muita foto, mas como a casa da gente era de barro, aí a casa dele caiu, a gente perdeu muita foto... mas a gente perdeu tudinho quando a casa do meu pai caiu, a gente perdeu na chuva. Mas a gente tem muita coisa guarda.

3. Descrição da prática cultural:

Bideco explica o que é o espetáculo produzido para a avenida:

Que hoje... que não tinha de primeira é o tema, tá entendendo? Que antes não tinha. Aí a gente monta o tema, escrito, o que a gente vai fazer na avenida, tá entendendo? A gente, o que ele fala lá, a gente faz na avenida.

De uns anos pra cá é novidade... de uns anos pra cá

Comissão de frente não tinha. Hoje é uma das mais esperadas, é a comissão de frente. Que tribo que não leva a comissão de frente não tem condição de ser campeão.

*Lá, o tempo é muito pouco, tá entendendo? Não dá pra mostrar... que falar que mostra tudo, tá mentindo. Não dá pra mostrar tudo. Aí, quando chega o discurso da gente, quando chega na frente dos jurados é muito logo. Quando a gente chega já é hora da morte. Que se a gente não vem fazendo a coreografia, a gente não...
A gente tá sempre levando novidade pra avenida, a gente levou a guerra indígena esse anos.... esse, a gente vai ver de levar já outro tema pra avenida diferente, que todo anos muda. A gente nunca repetiu um tema não.*

Bideco explica que a apresentação começa com a tribo em festa, até que os matadores atacam e começa a guerra:

Tem guerreiro, tem guerreira, pra atacar e se defender. (...) A gente trabalha a comissão de frente com 12 homens e 12 mulheres. E mais 3 menininhos... pra já ir pegando a manha de pequeno. (...) Todo mundo sabe que o dia de amanhã só pertence a deus, né? Amanhã a gente nunca sabe se tá aqui ou não, né/ e sempre passando pra os meninos desde pequeno, sempre vai ficar um no lugar. Que se mestre moura não passasse pra mim eu não taria aqui, né? Ele parou e eu continuei (...) tem o toque de ressurreição que a gente gosta de usar o feiticeiro.

Observando vídeos produzido durante a apresentação, se referindo à narrativa encenada no carnaval de 2018, Bideco comenta:

(...) Aí, é onde acontece toda a guerra, tá entendendo? Que ele matou a mulher do mestre, tá entendendo? Ele matou a mulher do mestre, né? Foi a primeira a morrer, a mulher do mestre, aí a gente se revoltou e fez a guerra. Aí formou uma guerra indígena... Aí, olha, eu, que é o marido dela, e os filhos ao redor da mãe. É índio! Índio com força. É a dança da tradição, entendeu? Aí depois é que tem a dança da morte.

4. Localização:

Sede: (Pavilhão) ensaio da comissão de frente (momento sigiloso) e confecção dos objetos

Outros locais importantes: rua sem saída no alto do céu **escola onde ocorre os ensaios**, Rua Duarte da Silveira (conhecida por Beira Rio ou, 'Avenida')

5. Histórico (Origens e transformações do grupo ao longo do tempo)

Neide conta um pouco da história da agremiação que sempre acompanhou desde criança:

*Eu fui uma das fundadoras das Tribos, né? Junto com meu pai.
E o primeiro dono aqui da Tribo se chama é... Renato, que ele não mora mais aqui, ele mora no Renascer. E a tribo começou em um brincadeira entre amigos... como já tinha a Guanabara, meu pai tinha se afastado da Tribo Guanabara que o Pai dele, o finado Pelé já tava indo embora, ficou o filho.. aí a gente se reuniu aqui falou "porque a gente não bota uma tribo de índio aqui?" que é a única que tinha em Mandacarú.. aí a gente foi procurar qual era a tribo que estava desativada no momento. Então a gente encontrou a Tupy-Guarani que ela ficava no Roger e os donos tinham falecido e tribo tinha desativado, aí a gente foi, fizemos uma diretoria, Meu Pai seu Rei, conhece Jurandir, né? Ele também... Finado João que era o compadre de Toin alegado que era visinho do Guanabara, ele também... e fora outros membros que já se foram, né? aí fizemos aqui no fundo do quintal. Primeiro ano foi com os nossos recursos, a gente não.. Primeiro ano o prefeito não liberava a verba. A gente se juntou, ia pra os sinais.. Fizemos o Urso, Fizemos a Burrinha do Urso no carnaval. Arrecadamos dinheiro, compramos material e saímos no primeiro ano na avenida. Já no segundo ano, foi aí que o prefeito, não chegou a dar o dinheiro todo, ele deu só a metade, mas aí a gente se juntou de novo... aí no terceiro ano a gente foi evoluindo. Ele ainda ficou uns três ou quatro anos, depois passou pra o meu pai e daí a gente continuou. (...) Rei o fundador da Tribo, junto com meu pai e outros demais que já faleceram.*

Após o falecimento de mestre Moura, pai de Neide, ela conta que juntamente com Bideco montaram a nova diretoria da agremiação, e em 2011 foi o primeiro título conquistado após a nova configuração da diretoria. De acordo com o relato de Neide, a Tribo Indígena Tupy Guarani foi fundada em 1910.

6. Alegorias / categorias de objetos

Porta bandeira	Feiticeiro	Ala	
Mestre	Matadores	Comissão de Frente	
Espião	Orquestra	Oca	

7. Confecção

Bideco explica que a confecção dos objetos é feita no pavilhão. Apenas serviços específicos como o de costura ou de pintura das ilustrações que são encomendados. Bideco também ressalva que é o feiticeiro faz sua própria roupa.

A elaboração das peças é feita de acordo com o tema de cada ano. Bideco explica que Sempre conversa e decide juntamente com Neide, que é a presidente da Tribo como será o tema de cada ano.

É eu que faço... eu não faço desenho, eu pego os panos e já corto. Esse dom de pegar, cortar e fazer, tá entendendo? Eu não desenho primeiro pra fazer não...

8. Observações

A dificuldade relatada por Bideco e Neide, se refere ao recurso disponibilizado pela prefeitura para preparação do carnaval, tanto no que diz respeito ao valor, como o momento que o recurso fica disponível para o grupo.

Neide explica:

Aqui, olha, se envolve todo mundo, é eu, é bideco, é minhas filhas é os próprios dançantes...

(...) no dia do carnaval ainda tinha gente pregado aqui fazendo coisa.

Fontes:	Entrevistas: Bideco, Entrevista <i>in loco</i> . Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Tupy Guarani. João Pessoa, 10 dez. 2018. e Neide, Entrevista <i>in loco</i> . Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Tupy Guarani. João Pessoa, 10 dez. 2018.; Imagens: fotos, do acervo de Marcela
---------	---

Data preenchimento: fevereiro/2019

Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani

Categoria: Bandeira

Catalogação: TI.05.01



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani	Categoria: Bandeira	Catalogação: TI.05.01
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 11/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Estandarte
Uso/ Função:	Identificar o nome da Tribo e o ano do desfile
Peças do objeto:	Bandeira, Bustiê, Tanga, Perneira
Material:	Bandeira: pena estopa, concha, cabaça, emborrachado, cetim, franja, pintura, brilho e veludo; Bustiê: pelúcia e estopa; Tanga: estopa, feltro e concha; Perneira: estopa, feltro e concha
Cores:	Vermelho, verde e branco
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso IV.
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Bideco
A função é ela fazer o trabalho dela certo, tá entendendo? A bandeira ao povo diz que tem que leva dez, tá entendendo? Mas dez, é cinco da bandeira e cinco da dançante. Se ela dançar bem, o conjunto aqui vai levar dez. Que cinco é bandeira e cinco é dela. Não adiante sair a bandeira Perfeita e a pessoa não saber dançar pra levar dez, não, tá entendendo? A pessoa tem que tá com a bandeira perfeita e quem tá segurando ela, que é a porta bandeira, tem que dançar bem também. (...) Sempre é renovação, entrando pra ali a senhora vai ver os desenho tudinho ali, pendurado. Tá aqui, óh.. de lado aqui. Todo ano sempre muda. E a mesma imagem que tá aqui, olha! Era pra a gente fazer na avenida, só que não deu tempo. (..)na imagem do tema que eu faço eu sempre gosto d usar na imagem da bandeira e na imagem dos cocar, tá entendendo? É o mesmo desenho aqui, tá nos capacetes. E os capacetes tá guardado ali ainda intacto, tá do mesmo jeitinho.. (...) Aqui tem pena como é tradição mesmo. A mesma... já ela sai muito perto da comissão de frente, eu usei a mesma fantasia da comissão de frente, pra ela, tá entendendo? É luta.. pode ver que ela tá com a mesma fantasia da missão de frente, eu só mudei o bustiê dela pra dar um tom melhor, mais escuro, o vermelho da bandeira	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani

Categoria: Feiticeiro

Catalogação: TI.05.02



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani		Categoria: Feiticeiro	Catalogação: TI.05.02
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	Data: 11/02/2018	Objeto em Uso

Outras denominações:	Curandeiro
Uso/ Função:	Fazer renascer a Tribo
Peças do objeto:	Cocar, capa, punho, tanga e cachimbo.
Material:	Cocar: emborrachado, pelúcia, conchinha sisal e penas; capa: penas cabaça, cabelo sintético, chifre e palha da costa; punho: pelúcia e conchinha; tanga: pelúcia, conchinha e palha da costa; e cachimbo de madeira tradicional da jurema.
Cores:	Preto e bege
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Bideco
O feiticeiro era pra ter um trabalho envolvido a ponto, tá entendendo, a uma questão de quesito... ele é o último da Tribo, tá entendendo? Não tem pontuação. Por isso, ninguém tá investindo no feiticeiro. Porque fizeram um negócio lá pra escolher, tá entendendo? Ou feiticeiro ou cokás, coká eles chamam esses grandes. Aí escolheram os capacetes. (...) mas sempre a gente usa um trabalho pra ele, ele toca o ritual da macumba... aí mesmo, eu fiz a oca se abrir e ele fazer o trabalho dentro da oca. (...) Não, não é comprado mesmo, sete canudo. Não é pra brincadeira não... é.. sempre quem usa, sai de feiticeiro nas tribos, sempre é pai de santo. Aí sempre é envolvido em outra religião, té entendendo? Em jurema.. Pronto, esse aqui é pai de santo. Tem o terreiro dele, tá entendendo? Ele mesmo gosta de... a gente compra [o cachimbo] e dá a ele, aí fica com ele lá. Aí todo ano, tem vez que ele pede, aí a gente compra. (...) e compra as ervas, tá entendendo? não é só fumo, não. Que se não ele fica bêbado se for só fumo. Erva doce, esses negócio, pra a fumaça não feder demais também. Mas os jurado era pra ver... pra ter um trabalho pra poder mostrar dentro da tribo. (...) [função na apresentação] Ele que dá a ressurreição na hora da morte, pra o povo se levantar. (...) Feiticeiro usa sempre resto de material, tá entendendo? A gente não investe porque não conta ponto mesmo. Que se contasse ponto ia gastar mais ou menos uns trezentos reais. Aqui o que é mais caro é só a palha da costa... tem cinquenta reais de palha da costa aqui. Ele mesmo que faz a roupa dele, uma coisa que a gente não se preocupa é com a roupa do feiticeiro. Ele vem aqui pede a cola, pede a máquina leva o material...	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani

Categoria: comissão de frente

Catalogação: TI.05.03



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani		Categoria: Comissão de Frente	Catalogação: TI.05.03
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	Data: 04/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:		Coreografia, guerreiros	
Uso/ Função:		Desenvolver a coreografia e encenação na apresentação	
Peças do objeto:		Cocar; tanga; punho; perneira; (mulheres) bustiê; (homens) calça; (mulheres) arco e flecha; e (homens) machado.	
Material:		Cocar: emborrachado, estopa, conchinha, feltro e penas; tanga: feltro, estopa e conchinha; punho: feltro, conchinha, estopa e penas; perneira: feltro, conchinha, estopa e penas; (mulheres) bustiê; feltro, conchinha e estopa; (homens) calça de malha; (mulheres) arco e flecha de bambu; e (homens) machado de madeira.	
Cores:		Vermelho, verde, bege e branco	
Regulamentação (se houver):		---	
Quantidade média de reproduções do objeto:		28 pessoas	
Registro Oral			
Nome:		Bideco	
[Essa aqui é a comissão de frente (observando vídeo da gravação da apresentação do carnaval de 2018)?] É! [Quem tá na comissão de frente, necessariamente, é o pessoal que são os guerreiros?] É os guerreiros. É... aí tem doze homens e doze mulheres, tá entendendo? E três meninos. (...) De primeira, pra matar as pessoas era só três... de primeira o povo usava só três matador, hoje não... usa dose matador, quase que não dá pra matar a tribo no tempo certo. [Quem tá na comissão de frente] faz a morte.			
Data: fevereiro/2019		Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani

Categoria: Espião

Catalogação: TI.05.04



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani	Categoria: Espião	Catalogação: TI.05.04
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 11/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Capacete
Uso/ Função:	Abrir caminho para Tribo
Peças do objeto:	Capacete; tanga; e perneira.
Material:	Capacete: pena de pavão, pena, veludo cabaça, concha, feltro colorido emborrachado com brilho, estopa ferro, feltro; tanga: estopa, feltro e conchinha; e perneira: estopa feltro e conchinha.
Cores:	Branco, bege, vermelho e verde
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Idígenas – Carnaval Terdição 2018: Art. 26, inciso III.
Quantidade média de reproduções do objeto:	04
Registro Oral	
Nome:	Bideco
[sobre o Espião] a função é ele sempre se movimentar dentro da tribo, tá entendendo? E fazer que os jurados tenham uma imagem dos capacetes, com o acabamento dos capacetes na visão deles, tá entendendo. Nunca pode sair da visão do jurado não, porque o jurado sempre vai ter a votação, que é um negócio que conta ponto. Porque se o jurado não conseguir ver e o desenho estiver apagado também, na visão dele e vão botar no juízo dele e entrar à gente, tá entendendo? ... porque perdeu ponto. Aqui ele deu um cocar muito bem trabalhado e acabado, tá entendendo? ...Ele botou. Ele explica a perca de ponto e tudo. (...)Espião porque esses capacetes sempre saiam puxando a tribo, tá entendendo? Espião sempre vinha um atrás do outro, nas antiga... no tempo do finado Pelé, esses negócio.. aí, sempre vinha puxando a tribo. Ele que vinha.. os cocar que vinha na frente. Aí como foi mudando, os mais velho vai deixando, é... e o mais novos vai tomando conta... aqui eu já boto ele ao contrário, eu já boto ele na metade da tribo, tá entendendo? Eu boto a comissão de frente, aí depois vem a porta bandeira, depois que vem os cocar, porque na minha visão eles tava tomando conta da frente da tribo, pra na hora da entrada os jurados não ver a tribo chegando, tá entendendo? (...) O mais gasto que gasta aqui é pena de pavão, que uma pena de pavão é dois reais a três e cinquenta que você vai comprar em Recife... fora as passagem esses negócio. Aqui se for contar mesmo, dá quase bem mil reais, um cocar desse.	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani

Categoria: Mestre

Catalogação: TI.05.05



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani		Categoria: Mestre
Catalogação: TI.05.05		
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		
Data: 11/02/2018		Objeto em uso

Outras denominações:	Apito	
Uso/ Função:	Coordenar a apresentação	
Peças do objeto:	Cocar; tanga; punho; perneira; calça; machado e apito.	
Material:	Cocar: emborrachado, estopa, conchinha, feltro e penas; tanga: feltro, estopa e conchinha; punho: feltro, conchinha, estopa e penas; perneira: feltro, conchinha, estopa e penas; bustiê: feltro, conchinha e estopa; calça de malha; machado de madeira; e apito.	
Cores:	Vermelho, verde, bege e branco	
Regulamentação (se houver):	---	
Quantidade média de reproduções do objeto:	02 (mestre e contramestre)	
Registro Oral		
Nome:	Bideco	
Sempre dar o ritmo da dança de acordo com o batuque, tá entendendo? Porque se sair fora de ritmo, quem leva a culpa é o mestre, porque é o mestre que tá apitando [o paito] comunica.. quando eu tô “pi pi pi pi” é que eu tô chamando a atenção de alguém tá entendendo? Enquanto ele não olhar pra mim eu não posso parar, porque ele tem que olhar pra mim, pra prestar a atenção. Conversa com os batuque, que eles sabem na hora que eu quero mais acelerado, ou quando eu quero mais lento. Quando eu apitar, ficar apitando direto é que eu quero o batuque mais acelerado, quando eu não tiver, tiver só acompanhando a gaita no batuque, eu não quero o batuque mudo. O apito faz a ponte entre o batuque e a dança e faz o ritmo da dança, tá entendendo? Que seu não fica apitando, eles também não dança também não.		
Data:	fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani

Categoria: Ala

Catalogação: TI.05.06



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani		Categoria: Ala	Catalogação: TI.05.06
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	Data: 04/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Componente, cordão
Uso/ Função:	Representar o povo da Tribo
Peças do objeto:	Cocar; tanga; punho; perneira; (mulheres) bustiê.
Material:	Cocar: emborrachado, estopa, conchinha, feltro e penas; tanga: feltro, estopa e conchinha; punho: feltro, conchinha, estopa e penas; perneira: feltro, conchinha, estopa e penas; e (mulheres) bustiê: feltro, conchinha e estopa.
Cores:	Verde, vermelho, bege e branco
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	Mais de 20 componentes
Registro Oral	
Nome:	Bideco
Não houve registro de explicação acerca desta categoria	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani

Categoria: Oca

Catalogação: TI.05.07



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em preparação

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani	Categoria: oca	Catalogação: TI.05.07
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 11/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Casa dos índios
Uso/ Função:	Representar a casa dos índios
Peças do objeto:	Peça única: Oca
Material:	esteira de palha, estopa, ferro e solda
Cores:	bege
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Bideco
Representa a casa dos índios que é uma aldeia. Muitos que não sabem acham que é uma casinha normal mas não é.. ela naquele momento ela tá apresentando a aldeia dos índios... a rotina deles do dia-a-dia... (...) Os material de oca é caro, tá entendendo? Estopa, esteira, ferragem, tem solda, tem ferro... O porém é que também não pode mentir, se a gente faz uma oca hoje, não vai desmanchar pra o outro ano. A oca sempre fica intacta. Tem que renovar o material, a base dela você nuca faz todo ano. Ela dura uns cinco anos ou mais, depende de a solda se soltar.	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani

Categoria: Orquestra

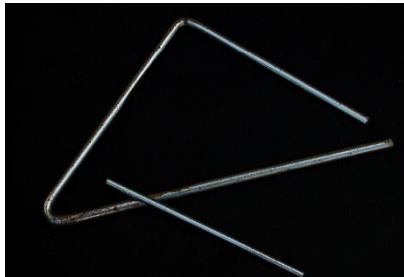
Catalogação: T1.05.08



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupy Guarani		Categoria: Orquestra	Catalogação: TI.05.08
			
		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
		Data: 02/02/2018	Objeto em preparação
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018		Objeto em uso	Data: 02/02/2018
		Objeto em preparação	

Outras denominações:	Músicos
Uso/ Função:	Executar as músicas da apresentação
Peças do objeto:	Cocar; calça; punho e instrumentos
Material:	Cocar: Emborrachado, Feltro, Conchinha E Pena; Calça: Feltro E Tecido Oxford; Punho: Feltro, Estopa, Concha E Pena. Zabumba: Zinco, Madeira, Couro E Sisal, Ganzá: Lata, Semente E Chumbo; Triângulo: Ferro; Gaita: Taboca e cera de abelha
Cores:	Verde, braço, vermelho e bege
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso II
Quantidade média de reproduções do objeto:	07
Registro Oral	
Nome:	Bideco
[a função] é toca em sintonia, tá entendendo, ele não pode sair fora de sintonia aí. Porque se um bumbo desse aí sair, pronto, lascou tudo. E é aparte que mais tem que sair perfeito é o conjunto. Os que mais ensaia é os zabumba. Que todo ensaio tá batendo, tá ensaiando e é um toque só todo ano. Não pode errar, se errar, a tribo deixa a desejar. Quem puxa o ritmo é isso aí olha. É a gaita! Esse aí sair do tom, acaba com tudo. Não pode sair fora do padrão, tá entendendo?	
Data: fevereiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

1. Identificação		
Nome: Tribo Indígena Tupi Guanabara		Cores oficiais: amarelo, branco verde e vermelho
Outras denominações: Índios Tupi Guanabara, os Tupi Guanabara		Catalogação: TI.06

2. Pessoas (Pessoa de referência que colaborou com o inventário):		
Nome:	Manuel Adelino da Silva	
Como é conhecido (apelido):	Manoel Índio	
Função no grupo:	Presidente	

2.1. Biografia

Sobre sua história, Manoel Índio diz o seguinte:

Eu sei que a história é longe, porque, arrepara... eu fui... quando eu nasci... eu nasci em Pernambuco, sabe? (...) Mas foi ali em Serrinha, onde Manoel Júlio morava... Que Manoel Júlio é no lado de Paraíba, eu sou pernambucano, sabe? Ainda essa semana eu passei por lá, eu fui pra festa de Itabaiana, aí o carro foi por lá, sabe? Foi o primeiro carro, que pra vir direto sai de sete, de Itabaiana, aí o carro quebrou e a gente teve que vim logo pra comprar a peça, sabe? aí a gente veio por dentro... Veio por lá por Serrinha, por Pedra de Fogo, foi...

(...) Aí a gente fomos, cabia tudo dentro de um caçua, pra Itabaiana, moramos nove anos em Itabaiana, aí desde nove anos, aí com cinco anos, eu fui brincar em escola de samba... lá... que era do meu primo que tinha uma escola de samba... em Itabaiana, que tinha banda de música... que ele tinha... aí quando a gente veio pra aqui, eu vim pra aqui com 11 anos...

Com 11 anos, repara quantos anos faz... até agora... vim em 61... repara quantos anos já faz? Aí nós veio... aí eu botei lata do lixo aqui, vassorinha em folia, tudo eu botava, sabe? Aí eu botei os índios e os índios estão, ainda... Sai uma tribo só, Índio Tupi Guanabara, desde quando eu comecei, que está ainda... E teve gente que botou, não faz nem dez anos, sai mudando... o nome do índio, ôxe, sai mudando, eu nunca mudei não... é Índio Tupi Guanabara... Aí, lá em João Pessoa tem um Guanabara só... e o meu é... serve por duas tribos, é Índio Tupi... Guanabara, sabe? Aí botei o Guanabara o nome dele... e até agora... vai fazer 46 anos que eu estou com a tribo de índio...

3. Descrição da prática Cultural:

Manoel Índio relata como a brincadeira das tribos surgiu:

(...) porque surgiu assim, de brincadeira assim, de carnaval. Porque a gente, pequeno, brincou em escola de samba, sabe? Aí eu fui (...) "Cabocolinho" é Índio também, sabe? Agora é porque é mais velho, sabe? Aí eu sei que fui e entrei em Cabocolinho, era até de Mocó, de um cabra lá de Itabaiana. E entrei "índio"... Mas só brinquei bem dizer um ano, somente lá, porque eu saí pequeno de lá... saí com onze anos de lá...

Não é porque tem as loas né?

A loa é quando tem a matação, aí o mestre chega e vai dizer a loa, sabe? Aí ele diz a loa, e a gente se levanta tudinho, e mata tudinho, ... é...

(...) Vem a matança de um em um; vai matando, sabe? Aí tem dois matador: um vai matando de um lado e o outro de outro. Aí quando mata, aí ele dá o apito que é pra parar tudinho, sabe? Zabumbeiro, tudo. Aí ele diz a loa, sabe? Vai dizendo a loa. Vai dizendo a loa aí...

[Como é a loa?]

O Sobrinho de Seu Manoel recita a loa:

“Eu sou índio, sou guerreiro. Pé descalço, braço nu. Sou o que comanda a tribo, dos índios caramuru. ((sobreposição)) nos pés para caçar, armaste bem a emboscada, por onde as tapuia não passar, não tomei os teus conselhos, hoje estou arrependido, quando chego em minha casa, vejo meus irmãos feridos, se alevanta pajé, nessa hora de agonia, se não houvesse derrota, nada disso existia..”

Seu Manoel continua:

Aí quando ele diz a loa é quando ele dá o apito.. aí se levanta tudinho. É bonito demais, eu acho. Só pular a pancada do índio, e a gaita do índio, eu acho bonito. A gente faz gosto de dançar.

4. Localização:

Sede: Bairro das Populares - Santa Rita

Outros locais importantes: Avenida Duarte da Silveira (Beira Rio)

5. Histórico (Origens e transformações do grupo ao longo do tempo)

Em seu relato, seu Manuel fala sobre a história da agremiação:

[O senhor que fundou essa tribo ou ela era de outra pessoa?] Aí não... foi eu que fundei... foi... Que tinha uma tribo dessa, em Bayeux, sabe? Aí acabou-se, aí eu disse, “aí eu vou abrir uma em Santa Rita”. Aí abri... Até aqui, de quando eu abri está... Foi em 74 que eu fundei. (...) Repara que não faz quarenta e seis anos. Foi em 74 que eu fundei. Foi, ainda está ali a plaquinha que eu fiz, ((incompreensível)) pra não errar, né? [Antes de fundar, o senhor brincou em alguma outra tribo?] Brinquei numa, nessa mesma, que acabou-se... [Ah, lá de Bayeux...] Foi, em 68. P: [06:15] [E qual o nome dela?] É a Guanabara, mesmo... Aí desde que eu botei, que tá ((enfaticou)). (...) Santa Rita tinha Tupinambá, e tinha um... um dum velho que tem lá e acabou-se, sabe? Acabou-se porque o cabra, que tem... quem tava recebendo o dinheiro era os filhos, e os filhos comendo o dinheiro. Estou até esquecido... Era um “preto” que tinha... não era africano não... Tinha um tal de Asa Branca, esse que botou um preto aí... Botou Asa Branca... Botou ((incompreensível)). Botou tanto nome que eu até me esqueço dos nomes. Tupinambá Papo Amarelo, tinha aqui. (...) Tupinambá Papo Amarelo, tinha aqui... acabou-se tudo... Só tem até, por hora, só o meu... e vai terminar eu acabar também... Não dá resultado... o cabra só... eu luto o ano todinho, todinho, ((enfaticou)) não ganho nada. Só ganha a besteira (...) tempo de carnaval e daquele tempo acabou-se. O meu está tudo pronto já. Se o carnaval fosse amanhã, já saía. Porque eu mesmo é quem faço; não trabalha ninguém. Já sou aposentado há 35 anos.

6. Alegorias / categorias de objetos

Estandarte	Feiticeiro	Cordão	
Mestre	Matadores		
Espião	Orquestra		

7. Confeção

Manoel Índio diz:

O meu está tudo pronto já. Se o carnaval fosse amanhã, já saía. Porque eu mesmo é quem faço; não trabalha ninguém. Já sou aposentado há 35 anos. (...) Quem cria é eu mesmo. Aqui não tem. Ninguém faz. Ninguém ajuda.
(...)[Aqui em Santa Rita tinha um senhorzinho que fazia zabumba... não sei se o senhor conheceu...] Lá em Várzea Nova... Morreu. O velho, ele vinha pra aqui... faz tempo... Faz uns cinco anos já que ele morreu. Ele fazia... um bem alto né? O velho? É esse mesmo, morreu... esse de lá foi dele, um camarada tão bom aquele velho ei... e ele vai aposentado por isso aí... (...) ele disse: eu sou aposentado, seu manoel, em negócio de fazer zabumba... negócio de cultura... Depois com 45 anos, de cultura, lá onde eu fui passear, pra Juazeiro, é aposentado... Aqui nem reunião tem. Teve uma agora... segunda feira... teve, mas não fui não... na Epitácio Pessoa, fica longe, pra pessoa ir de noite... o carro a gente ia de carro... mas o carro quebrado, aí pronto, não teve. Eu fui numa e não teve, no dia de uma chuva, numa terça-feira. Aí não teve. Aí a gente fomos bater lá. Aí não teve não. Aí teve segunda. Até ter dois homens que trabalham na câmara dos vereadores, ele é quem faz os meus papeis. Eu disse: o senhor não está com os meus papeis, pode

chamar o nome da tribo Tupi Guanabara? Ele disse: Tá aqui! E ele é quem faz os papeis tudinho, ele é meu contador, sabe? É doutor ele, um advogado.
(...)[A pintura, quem faz?] Eu, tudinho é eu. Eu desenho, a minha sobrinha desenha, aqui tudo...
Só não quem não trabalha é esse, só quer andar... até da escola saiu. A mais a gente vai ver se coloca ele na mesma escola. (...) Apois só a senhora vendo, meu tudo, isso aí tudo...
((sobreposições)) Oxente, isso tudo aí... não saiu boa a de ((incompreensível)) ainda tá na casa da mãe dele, a mãe dele é quem (...) o marido risca e ela pinta, os negócios que vem manchado aí eu reformo, eu acendo, aí mesmo, veio um amarelo, um amarelo feio, a gente butemo esse amarelo, sabe? A tigre, o cabra segurando assim.

8. Observações

Fontes:	Entrevista: Manuel Índio, Entrevista <i>in loco</i> . Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Tupi Guanabara. João Pessoa, 13 dez. 2018. Imagens: fotos do acervo de Marcela
Data preenchimento: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupi Guanabara

Categoria: Estandarte

Catalogação: TI.06.01



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupi Guanabara	Categoria: Estandarte	Catalogação: TI.06.01
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 30/01/2018	Objetos guardados

Outras denominações:	Bandeira
Uso/ Função:	Apresentar o nome da tribo e o ano do desfile
Peças do objeto:	Estandarte; cocar; blusa; calça; e tanga
Material:	Estandarte cetim, pintura, emborrachado com brilho lantejoulas e franja; cocar: papel, emborrachado com brilho e penas; blusa de paetê; calça: tecido franja e penas ; e tanga: tecido franja e emborrachado com brilho
Cores:	Vermelho, verde, amarelo, branco e prata
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso IV.
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Manoel Índio
Porque tem o porta-bandeira, né? Tem o porta-bandeira... aí a gente todo ano tem que fazer o estandarte. Tem de fazer porque ninguém pode botar um estandarte só. Tem pra mais de dez, doze aí, estandarte... eu tenho, tem até um estandarte da mulher de Itabaiana que fazia... ela fez desse pano aqui, foi, ela fez o estandarte, não pode... é... [E esse desenho muda a cada ano?] Muda... porque a gente tem que... a gente muda... a gente não pode mudar a data, né? E nem o nome... Mas o pano toda vez eu mudo. Esse ano vai ser branco a bandeira, é branco e verde, é as costas verde, e a frente branca... e o índio é outro... todo ano a gente muda de índio, na bandeira... do estandarte...	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupi Guanabara

Categoria: Espião

Catalogação: TI.06.02



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupi Guanabara	Categoria: Espião	Catalogação: TI.06.02
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Capacete
Uso/ Função:	Abrir caminho para a Tribo
Peças do objeto:	Capacete; capa; calça; e perneira
Material:	Capacete: ferro, papel, emborrachado com brilho, tecido, bolinha de natal pintura penas de buá e pena de pavão; capa: tecido, franja, pintura e emborrachado com brilho; calça: tecido e franja; e perneira: tecido e penas
Cores:	Verde, amarelo vermelho e branco
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso III.
Quantidade média de reproduções do objeto:	03
Registro Oral	
Nome:	Manuel
O capacete é o espião na frente, sabe? Aí tem dois que é “baliza”, a gente bota dois assim... bota um atrás do outro, mas atrás do outro ninguém vê nadinha... agora assim... chega tranca a rua... é... o feiticeiro na frente... e dois assim... aí vem mais dois... e um no meio... lá vem mais dois... um no meio... que o meu tem... vai ser assim... ((incompreensível))	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupi Guanabara

Categoria: Feiticeiro

Catalogação: TI.06.03



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupi Guanabara	Categoria: Feiticeiro	Catalogação: TI.06.03
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	curandeiro
Uso/ Função:	Ressuscitar a Tribo
Peças do objeto:	Peruca; capa; calça; tanga; bolsa; e cachimbo
Material:	Peruca de cabelo sintético; Capa: tecido, franja, pintura, fita de cetim, emborrachado com brilho; Tanga: tecido, franja, pelúcia e emborrachado com brilho; calça: tecido e franja; e bolsa? Tecido e emborrachado com brilho
Cores:	Preto, verde, vermelho, amarelo e branco
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Manuel
O feiticeiro esse ano, eu fui pra Itabaiana, e parece que o azar foi a cabeça de boi que eu botei no carro. Tá no carro ainda, oh, que ele pediu uma cabeça do boi e um cachimbo com sete canudo, que é pra botar fumaça. (...) O feiticeiro pega o cachimbo e dá fumaçada perto do palanque... enquanto ele dança e der fumaçada, é melhor ainda... (...) Como é... o... o feiticeiro não morre não... não é pra morrer não... o feiticeiro... agora o porta-bandeira morre com tudo...	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupi Guanabara

Categoria: Mestre

Catalogação: TI.06.04



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupi Guanabara	Categoria: Mestre	Catalogação: TI.06.04
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Apito
Uso/ Função:	Coordenar a apresentação recitar a loa
Peças do objeto:	Cocar; capa, tanga, calça, arco e flecha e apito
Material:	Cocar: papel, emborrachado com brilho e penas; capa: cetim, pintura e emborrachado com brilho; calça: tecido franja e penas ; tanga: tecido franja e emborrachado com brilho; arco e flecha de madeira e apito
Cores:	Verde, vermelho, amarelo e branco
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Manuel
[Qual que é a função do mestre?] O mestre é tomar conta dos meninos, né? Tudo que eu quiser ensinar aos meninos, é ele... que tá ensinando...	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca:

Categoria: Tuxá

Catalogação: TI.06.05



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Tupi Guanabara	Categoria: Tuxá	Catalogação: TI.06.05
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Matador
Uso/ Função:	Atacar a Tribo
Peças do objeto:	Cocar; capa, tanga e calça
Material:	Cocar: papel, emborrachado com brilho e penas; capa: cetim, pintura e emborrachado com brilho; calça: tecido franja e penas ; tanga: tecido franja e emborrachado com brilho; escudo de lata e machado ou facão de madeira
Cores:	Verde, amarelo, branco e vermelho
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	02
Registro Oral	
Nome:	Menuel
[O pessoal que mata as tribos, ah, o resto da tribo... como é que vocês chamam? Os que matam, os que começam a matar...] É o tuxá... [Não é matador não, que vocês chamam?] Ah, eu chamo matador, e tuxá... tando ficando... [Aí... são quantos matadores?] Os matador é dois... [Dois... é um desses daqui? Esse é matador, ou não?] Esse é matador, é ((interrompe)) Mas rapaz, essa roupa que eu fiz aqui... esse negócio aqui ficou do jeito do... a pessoa não fica nem índio mesmo, né? O jeito assim? Mas ficou bonito... [Todo mundo que tá com uma arma na mão, na avenida, é matador?] Não... Tem vez que é dançando, sabe? Tem vez que é dançando... Porque tem, eles tem os escudos, os escudos, aqueles que eles botam, isso aqui, os escudos eles já botam, porque quando vem alguma barruada do índio, ele já está ali pra atirar... sabe?	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Tupi Guanabara

Categoria: Orquestra

Catalogação: TI.06.06



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Tabajara		Categoria: Orquestra	Catalogação: TI.06.06
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 30/01/2018	Objeto em preparação	Data: 30/01/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Músicos
Uso/ Função:	Executar as músicas durante a apresentação
Peças do objeto:	Cocar; camiseta; calça; tanga; instrumentos musicais
Material:	Cocar: papel, emborrachado com brilho e penas; camiseta estampada; calça: tecido franja e penas ; tanga: tecido franja e emborrachado com brilho; instrumentos musicais: Zabumba – madeira, couro e corda – Gaita de alumínio – Triângulo de ferro – Ganzá : latão sementes e chumbo
Cores:	Amarelo, verde, vermelho e branco
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso II
Quantidade média de reproduções do objeto:	05
Registro Oral	
Nome:	Manuel
A orquestra toda vida foi essa...sabe? Mas... a gente tem vez que muda os tocador, né? E os tocador não ((incompreensível)) Tem dois ali que tá com medo de tocar aqui. Já hoje não vem. Aí já vem dois de João Pessoa... Vem dois puxador... que vai brincar com o capacete maior, que aqui não tem, ficam tudo com medo... Porque aqui mata gente quase todo dia... né, em Santa Rita...	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca:

Categoria: Cordão

Catalogação: TI.06.07



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca:		Categoria: Cordão	Catalogação: TI.06.07
			
		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
		Data: 30/01/2018	Objeto em preparação
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 30/01/2018	Objeto em preparação	Data: 30/01/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	componente
Uso/ Função:	Representar a tribo indígena
Peças do objeto:	Cocar, tanga, punho, perneira, (mulher) sutiã
Material:	Cocar: papel, emborrachado com brilho e penas; tanga: tecido e penas, punho: pelúcia, emborrachado com brilho e penas; perneira: pelúcia, emborrachado com brilho e penas; (mulher) sutiã de malha industrializado
Cores:	Amarelo verde, vermelho e branco
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	30
Registro Oral	
Nome:	---
[não houve registro acerca desta categoria]	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

1. Identificação		
Nome: Tribo Indígena Carnavalesca Guanabara	Cores oficiais: Branco, amarelo e vermelho	
Outras denominações:	Catalogação: TI.07	

2. Pessoas (Pessoa de referência que colaborou com o inventário):		
Nome:	Antônio Marcos de Souza	
Como é conhecido (apelido):	Tonho, Toin	
Função no grupo:	Presidente	
2.1. Biografia		
Toin fala de sua vida da seguinte forma:		
<i>Eu nasci aqui mesmo em Mandacaru. Foi, a vida toda em Mandacaru, cheguei a Mandacaru com dois anos de idade, onde eu nasci foi aqui em João Pessoa na maternidade, eu morava na Rodrigues Chaves, lá perto do Renascer. De lá, a minha mãe veio pra cá e o tempo todinho eu passei lá perto do Aeroclube, de lá a gente... meu pai era zabumbeiro do Africanos sempre a gente cantava ciranda, coco de roda.</i>		

3. Descrição da prática Cultural:		
Ao falar da tribo indígena, Toin a descreve da forma seguinte		
<i>[Então a história que a tribo conta é que existe uma tribo ali e ela é invadida, é isso?] É, ela é invadida. [Aí começa uma guerra e praticamente todo mundo morre?] É, ali, o único que pode ficar ali é o Pajé. E, quando mata o Pajé, tudo vai se vingar na outra tribo. Um grupo só, só podia fazer duas, uma invadindo aquela, acabando com aquela briga as duas, sendo de uma tribo só, e tendo dois cacique. Ai botava o cacique, o primeiro e o segundo cacique. Um invadindo a terra do outro. É uma história...</i> <i>(...)O cacique é o cara que está com o apito. O cacique é ele. Mas ele, o cacique não dá a ordem, o cacique mesmo ele é original mesmo da... que eu já vi mesmo, ele sai sozinho... agora ele é bem engajado (revisar), ele é o mandante de tudo. Ele é o chefe que dá ordem, para acabar com tudo, de matar, de ir pra lá pra invadir, ele que tira tudinho, ele é quem acaba com a guerra, é o cacique mesmo. É o que tem a força. Mas o pessoal não tem essa criatividade, não. Eu já não fiz, pois eu não encontrei uma pessoa que acompanha essa atividade, que para fazer isso... e uma é que eu saio esse ano, e eu coloco uma novidade, aí no outro ano, o cara quer sair igual a mim. E ele continua crescendo. Eu digo isso, é que eu tiro o traje de veste foi a tribo Guanabara, 2010, quando ela ganhou em 2010, viram como era o traje, tiraram.</i> <i>De lá pra cá tiraram tudinho, Tupi Guarani pegou esse ritmo e nunca perdeu mais. Nunca perdeu. Pegou o tom de dança, pegou o toque, pegou as coreografias, pegou tudo, ia eles muda mais é de tombo, de música, que eles colocam a ala. Ala de homem, ala de mulher... as coreografias são bonitas. Mas a partir dessas coisas tudinho juntadas pelos Guanabara. Quer dizer, quando eu entrei eu mudei, eu tirei, e tenho vontade de tirar mais ainda, porque ou muda ou não fica conhecida. Que a única coisa que tem tribos indígenas é só aqui mesmo. Tem canto nenhum não. A cultura de indígena. Não existe. A gente fazendo ela crescer fica conhecido muito, agora com essas redes sociais que vai para todo canto... O cara, acha bonito. Uma é que eles não estão notando, não estão notando que a gente é um produto de venda. A gente que não sabe valorizar. Mas quem valoriza a gente sai ganhando, não sai perdendo.</i> Questionado sobre as danças que a brincadeira tem, Seu Toin explica: <i>(...) É, o tombo de dança que todos eles é um tombo só. A dança dos índios e a morte é uma só. Eles não têm diferença. Só tem diferença de ala, de conjunto, isso é que eles botam, o nome mesmo de origem eles não botam. Por que eles não fizeram um grupo de Toré, por que o índio mesmo normal antes da dança da morte eles têm que apresentar o Toré. Tem que ter um grupo do Toré que eles vão ali acompanhando a comissão de frente e eles botam... aqui eles estão fazendo com o cocar grande, mas a comissão de frente é cocar grande, mas não bota na comissão de frente ele bota a ala de frente na frente, mas não é. Por que aquilo dali é a abertura,</i>		

os cocar é a abertura para as tribos passar. Primeiro tem que ser cinco cocar grande. Tem que sair do maior ao pequeno. Atrás dos pequenos vêm as ocas. Depois das ocas vêm a ala do componente maior, aqueles conjuntos, de lá já vem o menor. Atrás deles vem os dançantes de cordão. Depois dos cordão vêm a orquestra.

4. Localização:

Sede: Mandacaru – Comunidade Esperança

Outros locais importantes: Avenida Duarte da Silveira

5. Histórico (Origens e transformações do grupo ao longo do tempo)

Toin cita os seguintes fatos históricos relativos à Tribo Guanabara:

[Então a tradição da tribo começou com seu pai?] Não, essa tribo nunca foi minha, a gente nunca teve tribo não. O gosto sim, porque ele brincava no Africanos na época. Cinco anos, seis anos de idade eu acompanhava e via que era bonito o Africanos, assim acompanhava com ele que era zabumbeiro. De lá, a gente veio pra Mandacaru, moramos na Caramuru, de lá fizeram o índio Pitunamba, participamos também, participou do Guanabara e do Guanabara a gente... foi tanto que o dono perdeu que foi Pelé que faleceu, que era o dono mesmo da tribo. Vários títulos tinha. Passou cinco ano desativado, que a família não tomou conta, abandonou. Eu e o mestre que é o menino Ailton, ele pegou e falou comigo “vamos resgatar essa tribo?” e eu disse, rapaz eu sou mais quadrilha. Que quadrilha junina eu entrei e comecei a ver ensaio de quadrilha que eu sou apaixonado por quadrilha, comecei em 1982, e a tribo foi indo e depois quando foi em 1999 eu resgatei ela. Participei do primeiro carnaval de 2000. Até agora.

[A tribo Guanabara sempre foi de Mandacaru?] Sempre foi de Mandacaru. Meu conhecimento foi em Mandacaru ela foi, foi fundada na praça da Pedra. [Lá no Centro?] Foi. [Mestre Pelé foi quem fundou?] É mestre Pelé foi quem fundou, quem eu conheço que fundou foi ele. Ele quem participou disso tudinho, eu acho que são as mais antigas Guanabara, a Africanos e Pele Vermelha. E depois veio o Tupinambá. Esse que tem xavante, esse Ubirajara, era antigo também, mas não é como essas outras, não. Tupi Guarani ela é nova, não é antiga. Mas as antigas mesmo são essas, aí voltei quando foi em 2004, fui campeão; 2007, fui para o segundo lugar; 2008 perdi; 2009 ganhei para terceiro lugar; 2010 campeão de novo; 2013... foi 2014 foi para quarto lugar, aí ganhei agora para terceiro. Em 2017, terceiro também; 2015 não botei, pois adoeci. 2015 eu não saí, não teve em 2015, não, estava internado aí não saía. 2016 eu saí e fui para o terceiro lugar, 2017 repeti de novo no quarto lugar, aí agora foi o ano mais ruim que teve que foi para o décimo. Perdi até para o Xavante.

6. Alegorias / categorias de objetos

Estandarte	Feiticeiro	Cordão	
Mestre	Matadores		
Espião	Orquestra		

7. Confeção

Toin narra a forma como é feita a confeção de objetos:

[E a confeção dos objetos? onde é feita?] Eu vou botar pra cá, mas é feito lá em casa. Em Mangabeira. Aí eu boto praqui, porque eu vou botar pra cá quando cobrir. Quando cobrir botar as laje aqui, aí vai vir pra todo mundo conhecer, essa sede não a outra não, você olhava assim era bonito demais, só cocar, só as bandeiras daqueles anos todinho. De 1999 até 2011, saí pra cá. Não, 2004. Foi de 1999 até 2007 era lá, aí mudaram pra cá, e botei tudinho, mas tudo se acabou um bocado, veio umas seis que acabou, com a chuva.

[Quando vocês começam a se preparar para o carnaval vocês aproveitam algumas coisas?] A gente reaproveita, pois as vezes a chuva acaba com tudo. Eu mesmo já reaproveitei um bocado, tem um bocado em casa, e tem um bocado aqui também. E o resto... Os cocar grande estão todos aqui ainda...

(...) As minhas bandeiras eu não faço exatamente assim, quando vou fazer as bandeiras ela são tudo bem feitas. Eu mando fazer as minhas bandeiras lá, vêm de São Paulo. Entre para menina e

quando ela vem eu encaixo, eu não mando fazer por aqui não. Esse ano mandei fazer mas nao gostei dessa bandeira não.

8. Observações

Fontes:	Entrevista: Toin, Entrevista in loco. Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Guanabara. João Pessoa, 15 dez. 2018. Imagens: fotos do acervo de Marcela.
---------	--

Data preenchimento: Março/2019

Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Guanabara

Categoria: Estandarte

Catalogação: TI.07.01



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em preparação

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Guanabara	Categoria: Estandarte	Catalogação: TI.07.01
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Bandeira
Uso/ Função:	Identificar a Tribo e registrar o ano do desfile
Peças do objeto:	Estandarte, cocar, bustiê, tanga e punho
Material:	Estandarte: bordado, espuma, cetim, pelúcia, veludo cartolina, haste de alumínio, pintura, franja e lantejoulas. Bustiê: cetim, viés brilhante, fio de saco de nylon; tanga: emborrachado com brilho fios de saco de nylon; punho emborrachado com brilho e fio de saco de nylon.
Cores:	Branco, vermelho e amarelo
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso IV.
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Estandarte
Função no grupo:	É o escudo da tribo. Rapaz, até agora não sei o significado de uma bandeira dessa, eu acho que ela é o escudo da tribo, ela tem o significado de como é o escudo da tribo. [Para trazer o nome da tribo?] É, ela sempre traz.. O escudo da tribo...: : Que vem abrir. [identidade da tribo é a bandeira?] a identidade [Esse desenho sempre muda?] Sempre muda.
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Guanabara

Categoria: Feiticeiro

Catalogação: TI.07.02



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Guanabara	Categoria: Feiticeiro	Catalogação: TI.07.02
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Macumbeiro
Uso/ Função:	Ressuscitar a Tribo
Peças do objeto:	Cocar, tanga perneira, cajado, capa e cachimbo
Material:	Tanga: palha da costa, tanga normal dos índios a que vem por cima branca. O cocar do feiticeiro: cartolina, emborrachado, detalhes de búzios, capa dele o tecido de onça estampado, o detalhe prateado é feito de emborrachado com brilho. O preto que faz a volta é a franja, tecido. A pena vermelha é de galinha. O cajado é bambu e cabeça de bode de verdade.
Cores:	Preto, vermelho, amarelo e branco
Regulamentação (se houver):	----
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Feiticeiro, macumbeiro
Ele é o que se chama o macumbeiro, o macumbeiro da tribo é ele. A gente chama de feiticeiro que é para limpar o mal da tribo todinha. [É como se ele fosse responsável pela parte espiritual da tribo?] É, isso ai. [No caso esse objetos que ele segura, é um cajado?] É. [E um cachimbo? o cachimbo, é um cachimbo só da tribo ou ele faz um...] Não, é só da tribo mesmo é comprado só pra ele mesmo, é um cachimbo de sete canudos, ele é apropriado para magia, pra cabra que tem força magia... [Jurema?] É, mas é segundo isso ai por que ele é um juremeiro o feiticeiro. [O feiticeiro da tribo ele é da jurema?] É, por isso que usa esse pedido desse caiu de sete cachimbo que é pra dar uma fumaçada na tribo toda. [Todo feiticeiro costuma ser da jurema?] É, todo. Ai cada um faz mais bonito do que o outro, pois isso daí vale ponto também. [O feiticeiro ele... são vocês que elaboram o próprio feiticeiro ou é o próprio feiticeiro que faz a fantasia dele?] Não, às vezes é ele mas a gente é quem banca, a fantasia quem faz é ele mas o modelo quem faz sou eu, é R\$600 um traje desse.	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Guanabara

Categoria: Espião

Catalogação: T1.07.03



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Guanabara	Categoria: Espião	Catalogação: TI.07.03
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Capacete, Koká
Uso/ Função:	Abrie caminho para Tribo
Peças do objeto:	Capacete e Tanga
Material:	Estrutura de ferro, tecido com detalhes em laranja e amarelo, cartolina com espelhado, Glitter, bolas de natal, pena de galinha, pena de pato, e pena de pavão.
Cores:	Branco amarelo e laranja
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso III.
Quantidade média de reproduções do objeto:	03
Registro Oral	
Nome:	Toin
O espião está abrindo o local da passagem. Ele está vendo se dá para os índios que é o primeiro que vai na frente é ele. (...) e o quanto maior ele está vendo mais distante. Existe também baliza, quatro baliza, dois de um lado, dois de outro, que eles vão afastando o pessoal de perto para não mexer com os personagens. (...) O significado é que... o que esta é a beleza da tribo, pois é ela que está se mostrando que a pessoa vem abrindo o local para tribo passar, se chama o espião. Na faixa de 700, 800 penas de pavão no custo de R\$3 cada uma. Isso aí é pego o mesmo material que a bandeira, aí já é mais caro, pois pega estrutura de ferro, um capacete desse sai na razão de... com o dançante que sai com ele, porque eles cobram também pois é uma prestação de serviço, sai de tudo uma razão de R\$2500 cada um, completo.	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Guanabara

Categoria: Cacique

Catalogação: TI.07.04



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Guanabara	Categoria: Cacique	Catalogação: TI.07.04
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Mestre
Uso/ Função:	Coordenar a apresentação do grupo
Peças do objeto:	Cocar, calça e Tanga
Material:	Cocar: emborrachado com brilho cola papel, tecido penas e pelúcia; calça de cetim; e tanga: emborrachado com brilho e tecido
Cores:	Laranja, vermelho, branco e amarelo
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Toin
O cacique é o cara que está com o apito. O cacique é ele. Mas ele, o cacique não dá a ordem, o cacique mesmo ele é original mesmo da... que eu já vi mesmo, ele sai sozinho... agora ele é bem engajado, ele é o mandante de tudo. Ele é o chefe que dá ordem, para acabar com tudo, de matar, de ir pra lá, pra invadir, ele que tira tudinho, ele é quem acaba com a guerra, é o cacique mesmo. É o que tem a força. Mas o pessoal não tem essa criatividade não. Eu já não fiz, pois eu não encontrei uma pessoa que acompanha essa atividade, que para fazer isso... e uma é que eu saio esse ano, e eu coloco uma novidade, aí no outro ano o cara quer sair igual a mim. E ele continua crescendo. Eu digo isso, é que eu tiro o traje de veste foi a tribo Guanabara, 2010, quando ela ganhou em 2010, viram como era o traje, tiraram. De lá pra cá, tiraram tudinho, Tupi Guarani pegou esse ritmo e nunca perdeu mais. Nunca perdeu. Pegou o tom de dança, pegou o toque, pegou as coreografias, pegou tudo, ia eles muda mais é de tombo, de música, que eles colocam a ala. Ala de homem, ala de mulher... as coreografias são bonitas. Mas a partir dessas coisas tudinho juntadas pelos Guanabara. Quer dizer, quando eu entrei eu mudei, eu tirei, e tenho vontade de tirar mais ainda, por que ou muda ou não fica conhecida. Que a única coisa que tem tribos indígenas é só aqui mesmo. Tem canto nenhum não. A cultura de indígena. Não existe. A gente fazendo ela crescer fica conhecido muito, agora com essas redes sociais que vai para todo canto... O cara acha bonito. Uma é que eles não estão notando, não estão notando que a gente é um produto de venda. A gente que não sabe valorizar. Mas quem valoriza a gente sai ganhando, não sai perdendo. [O senhor já explicou que tem uma história, que é contada, que é uma tribo que é invadida, todos morrem...] O cacique para acabar com a briga... (...) Esse daí já a tribo da outra, aí o que vai matar, olhar, tá vendo? Esse daí mata tudinho depois vai plantar na casa do guerreiro e o guerreiro mata ele. Toma conta da tribo todinha, mata o guerreiro e por último ele vai em cima do cacique aí tenta conseguir, mas não consegue, o cacique pega a atacar os dois, aí é a hora que o feiticeiro chega para ressuscitar o cacique que morreu. Esse daqui foi o que matou todos. Era pra ter quatro desses daí, um pra lá e outra pra cá assim beirando.	
Data:	Março/2019
Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Guanabara

Categoria: Matador

Catalogação: TI.07.05



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Guanabara	Categoria: Matador	Catalogação: TI.07.05
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	Data: 10/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	guerreiro
Uso/ Função:	Fazer a dança da morte
Peças do objeto:	Cocar; calça; tanga; punho e facão
Material:	Cetim, a tanga é cartolina brilhosa com renda de plástico, reciclado, uma renda de saco plásticos. No braço é o punho, que é de pena segurado por pelúcia. O capacete cartolina com pelúcia e camurça, tecido mais forte que é veludo e pelúcia, e veludo é o amarelo e branco. A pelúcia é essa outra do desenho.
Cores:	Branco, amarelo e vermelho
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	06
Registro Oral	
Nome:	Toin
É o invasor da terra desse aqui. (...) É a história de um querendo tomar conta da fazenda do outro. Da aldeia do outro, pessoal chama de aldeia. Um querendo tomar a aldeia do outro. Esse dai, já a tribo da outra, ai o que vai matar, olhar, tá vendo? Esse daí mata tudinho depois vai plantar na casa do guerreiro e o guerreiro mata ele. Toma conta da tribo todinha, mata o guerreiro e por último ele vai em cima do cacique aí tenta conseguir, mas não consegue, o cacique pega a atacar os dois, aí é a hora que o feiticeiro chega para ressuscitar o cacique que morreu. Esse daqui foi o que matou todos. Era pra ter quatro desse daí, um pra lá e outra pra cá assim beirando.	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca:

Categoria: Orquestra

Catalogação: TI.07.06



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca:		Categoria: Orquestra	Catalogação: TI.07.06
			
		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
		Data: 05/02/2018	Objeto em preparação
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 05/02/2018		Objeto em preparação	Data: 05/02/2018
		Objeto em preparação	

Outras denominações:	Músicos
Uso/ Função:	Executar as músicas durante a apresentação
Peças do objeto:	Cocar; tanga; perneira e instrumentos musicais
Material:	Cocar: emborrachado com brilho cola papel, tecido e penas; tanga: e pelúcia; perneira: pelúcia e penas; instrumentos musicais: zabumba de madeira, sisal e couro, gaita de alumínio, ganzá de latão chumbo e sementes e triângulo de ferro.
Cores:	Amarelo, branco e vermelho
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso II
Quantidade média de reproduções do objeto:	06
Registro Oral	
Nome:	Toin
Os músicos é o toque. O gingado da dança, eles que fazem o toque para fazer o gingado da dança. Os batedor de Toré. [A gaita ela tem uma função especial?] Tem... é a chamada da apresentação da tribo, ela acompanha o apito. (...) É, se não tiver nem o apito nem a gaita o pessoal não vai fazer o que fazer não. (...) Ela é o ritmo do começo da dança do toré, ela que traz o ritmo.	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca:

Categoria: Cordão

Catalogação: TI.07.07



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 10/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca:		Categoria: Cordão	Catalogação: TI.07.07
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 06/02/2018	Objeto em preparação	Data: 06/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	
Uso/ Função:	Representar o povo da tribo
Peças do objeto:	Cocar, tanga, perneira e (mulheres) bustiê.
Material:	Cocar: emborrachado com brilho cola papel, tecido, penas e pelúcia; tanga: emborrachado com brilho, fio de saco de nylon e tecido; perneira: tecido de fio de saco de nylon e (mulheres) bustiê de cetim.
Cores:	Amarelo, laranja vermelho e branco
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	20
Registro Oral	
Nome:	Toin
Primeiro tem que ser cinco cocar grande. Tem que sair do maior ao pequeno. Atrás dos pequenos vêm as ocas. Depois das ocas vêm a ala do componente maior, aqueles conjuntos, de lá já vem o menor. Atrás deles vem os dançantes de cordão. Depois dos cordão vem a orquestra.	
Data: Março/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

1. Identificação	
Nome: Tribo Indígena Africanos	Cores oficiais: Preto e Branco
Outras denominações: Índios Africanos, os Africanos	Catalogação: TI.08

2. Pessoas (Pessoa de referência que colaborou com o inventário):	
Nome:	Geraldo Alves Santiago
Como é conhecido (apelido):	Pindoba
Função no grupo:	Presidente da Agremiação até o carnaval de 2018
Nome:	Sandra Pinto Santiago dos Santos
Como é conhecido (apelido):	Sandra
Função no grupo:	Presidente da Agremiação após o carnaval de 2018

2.1. Biografia

Seu Pindoba conta sua trajetória de vida, bem como sua relação com a Tribo Indígena:

Eu nasci em Jaguaribe, me criei em Jaguaribe e quando me casei, eu tive de qualquer maneira procurar meu local. Aí... fui embora pra... morei no Varjão, morei... lá no Cristo, morei agora aqui no Samaritano.

Eu antes... [repete as palavras] Antes de tudo, eu brinquei nos Africanos, brinquei oito anos e [titubeia] e o dono lá, achou que eu merecia alguma coisa e foi me botou eu como vice-presidente. Eu era vice-presidente e era porta bandeira dos Africanos. Então, no decorrer do tempo, aí foi indo, foi indo, foi indo eu me aborreci, aí brinquei no Ubirajara, brinquei no Papo Amarelo [titubeia] brinquei no Guanabara e brinquei no Tubixaba [confirmar esse nome 02:24] justamente era lá do Jaguaribe. E antes de tudo isso, brinquei em escola de samba, brinquei em clube de orquestra, brinquei na escola de samba de Sotéro. Como era o nome?

... Beija-flor, lá no bairro do Novais. De lá pra cá aí... aí quando fui brincar nesse Guanabara, quando a ultima vez agora, faz uns vinte anos mais ou menos que eu to com esse Africanos.

[após relatar um desentendimento com a tribo que participou como porta estandarte, provavelmente a tribo Africanos]...*“Olhe, eu vou dizer uma coisa a você com toda a sinceridade, enquanto vida eu tiver, eu for vivo, em clube mais nenhum eu brinco, eu só brinco no ano que eu for responsável pelo clube”. “Só você mesmo, você não tem capacidade pra isso”. Eu digo: “Não tem problema não, vamos pra frente, né?”. Aí eu passei... passei... Aí eu to me casa, aí chegou um rapaz muito bacana que a mãe dele trabalhou comigo lá na repartição lá. Aí... “Pindoba”. “Opa!”. Aí lá... eu tinha lá, o apelido meu nome de telefonista, porque eu naquela época, eu trabalhava no auditório do pronto-socorro como telefonista. Aí lá botaram, me chamaram lá como telefonista. “Eu tenho uma novidade”. Eu digo: “Diga”. “Eu tive lá com seu João, falei com seu João”. Justamente os dois ‘é finado’. “E falei sobre a sua finalidade, sobre o seu nome. E realmente, porque o clube dez anos sem sair, doze anos sem sair e um clube desses não pode de maneira nenhuma ta paralisado. Aí, eu fui e lembrei o seu nome. E ele disse: “A ele eu entrego. Porque antes com antecedência eu já havia lhe [titubeia] levantou o Xavante lá no bairro dos Novais. E eu fui assistir lá o carnaval e achei muito, muito, muito bonito. Porque não é todo mundo que pega um clube e faz o que ele fez não. A ele eu entrego”. Aí quando eu pensei que não, sai daqui com ele... ‘pá, pá’ fui lá... “Ô senhor, boa tarde, tudo bem? Entra aí, entra”. Aí olhou pra mim assim e disse: “Muito tempo você brincou, muito anos comigo”. “Brinquei oito anos e eu saio daqui até como vice-presidente dos Africanos”. Aí ele foi e disse: “Eu disse aqui ao Tarcisio, que não entregava esse clube a ninguém, mas como eu realmente avistei você quando levantou o Xavante lá do bairro do Novais, eu achei que você tinha capacidade, era capacitado pra realmente agir a direção de qualquer clube. Então, eu fui e disse pra Tarcisio que entregava a você e entrego de mão beijada muito bem aceito, porque vai pra você”. Aí eu fui o Tarcisio olhou pra um lado, olhou pra outro. Ele disse pra mim: “*

Eu aluguei um carro". Aí os tambores tava tudo velho, tudo enferrujado, não tinha mais couro, não tinha nada. Aí ele foi e disse pra mim, disse: "É mas se você quiser, tiver coragem e peito o clube está nas suas mãos". E aí, eu fui e aluguei um carro. Aí o rapaz disse: "Pindoba". Eu digo: "Opa!"[nome incompreensível 08:45] eu mesmo não vou como você não". "Por quê?". "Rapaz, não ta vendo que eu não vou sujar o carro do rapaz com essas porcarias tudo enferrujadas... isso é uma porcária". E aí, ele antes com antecedência ele tinha cem penas de pavão que ele fazia o cocarzinho dele lá, o mestre. Aí ele foi e disse: "Isso aqui, ta aqui essas cem penas pra você iniciar". E que cem penas não dava pra nada, não dava pra nada. Aí eu fui e assumi a responsabilidade. Aí trouxe, quando cheguei aqui aí nesse ano a prefeitura não fez carnaval, não deu recurso pra se botar o carnaval [incompreensível 09:30] Mas eu batalhei assim mesmo. Aí os 'cocar' estava tudo aí sem, sem pena de pavão sem nada, porque eu não tive condições de levantar. Peguei as 'zabumba', encorei tudo direitinho, gastei dinheiro, gastei muito dinheiro pra ajeitar e tudo direitinho.

...

Aí fui pra Cardivando de Oliveira, quando eu cheguei lá pra Cardivando de Oliveira, que eu me apresentei lá, menino! O pessoal tudo: "Graças a Deus, os Africanos Voltou!" e lá vai..

....

Teve umas reuniões na liga... aí eu assisti, fui assistir, tal e coisa, mas não me liguei que realmente a apresentaram lá, que quem tinha sido o primeiro clube que saiu na avenida se chamava-se o Tupy Guarani, eu não tomei nem conhecimento. Aí depois de tudo que, quando eu cheguei em casa, fio aí que eu me liguei, eu digo "que conversa é essa? O primeiro clube que realmente saiu a avenida se chamava-se Papo Amarelo e Africanos", eu me lembro perfeitamente que naquela época, ainda me lembro que tinha um negócio de furar a bandeira, tinha que passar um pelo outro... naquela época era, era ignorância... era ignorância! Naquela época era cada homem é tudo cada lapa de braço era isso, um mocotó... tudo ignorante. ...Quando era negócio de campeã, ave Maria! Esse negócio de campeão.. aí o Isael... aí o pai dele achou por bem fazer esse carnaval lá em Jaguaribe, na conceição... e eu acompanhei, aí que quando a gente vem passando, vem passando do outro ano... quando eu penso que não... Naquela época, a feira de quarta feira era ali, onde hoje é a escola técnica, ali industrial... na Trincheiras, na Trincheiras! Aí, quando a gente vinha, vinha o Papo Amarelo, assim "lá vem os pretinho!", aí o pau cantou! Batata, inhame, macaxeira, laranja, banana... tudo foi espedaçado no meio da avenida. Correu todo mundo e aqueles matuto correram porque foi na terça-feira, que na quarta-feira, era a feira, aí o pessoal chegava lá, [deixava] tudo organizado tudo direitinho... e o problema foi esse! Eu sei que foi uma luta medonha! Aí, quando foi no outro ano, aí disseram, "nem vai sair um, nem vai sair outro". Mas com muita, muita precaução e tal... aí abriram mão, aí, começou o tirinete e até a data de hoje. E eu assumi essa responsabilidade e eu completei agora esse ano completei oitenta e um anos, não tenho mais condições de maneira nenhuma levar... Agora eu sou, eu sou fanático! Sou um elemento fanático! Eu sou um cara fanático! E eu achava por bem não encontra.. entregar a outra pessoa que eu ia ficar muito mal satisfeito e... talvez eu até eu morresse.. em ver meu clube, que eu sou doido pelo clube, entregar a uma pessoa irresponsável. Eu preferia parar! Aí ela devido a minha filha, ela é menina interessada pelas coisas, aí eu olhei assim e disse "se é pela vontade dela", aí eu passei, passei a diretoria pra ela e ela quem é responsável, é quem vai responder, é quem vai segurar a peteca e eu tô somente... eu tô só de olhar, somente. Muitas vezes ela vai pra o ensaio... "pai, pai vai?" "não", porque eu não tenho mais aquela.. aquela invocação que eu tinha anteriormente, eu não tenho mais.

Pindoba explicou que além da vivência com as Tribos também brincou muito de quadrilha, disse que sua fazenda era "Sítio do Picapau Amarelo do coronel Pindoba" por quarenta e cinco anos.

Sandra conta um pouco da sua história junto a brincadeira:

Eu, pequeninha assim, eu acompanhava ele, porque as minhas histórias não é tão longa como a dele, né? porque, como homem a vida dele era diferente, né? e eu como

menina, fui criada recatadinha... nasci aqui no cristo, depois foi pro bairro dos Novais, que o Xavantes, e eu pequenininha, já dançava lá no Xavantes... pequenininha, aí a gente foi embora pra Campina, de Campina, voltamos pra cá. Quando a gente voltou ele já tinha entregado o Xavantes e pegou o Africanos e sempre alí, eu dançando aí fui pegando amor. Fui pegando amor, fui gostando... fui ajudando ele numa coisa, em outra... fui enfrentando mais ele a luta e fui crescendo assim, dentro. A história é mais curtinha do que a dele né, porque menina, você sabe como é, mais quietinha, mais guardada...

...

Aí, ele disse pra ficar satisfeito, “vai ficar com você mesmo”. Só que na caminhada eu ia com ele, ele ia pra o cantos e eu ficava sempre alí olhando... e mesmo com ele, e... mas muita coisa assim, como no ano passado, ele ficou doente, que resolvi foi eu,,, muita coisa, assim, era tudo eu em frente. Resolvia uma coisa resolvia outra, procurava daqui, procurava dali. Sempre tinha aquele carinho de gostar como ele, não era aquela coisa de “ah, vou só botar por botar”, não! Era com aquele amor, com aquela coisa ali que o coração... quando diz assim, quando tá na avenida lá e diz, quando eles começam chamar: “[pausadamente]Africanos!”, pronto! Me arrepiava... do mesmo jeito que ele sente, eu sentia. E ficava aquela coisa.. “hum isso daí é forte mesmo!” aí nisso fui crescendo dentro e fui gostando, gostando... é tanto que quando ele... a gente teve um desentendimento, aí eu peguei e saí e disse “não, não vou dançar esse ano” mas daí, “eu não vou estar alí no meio, mas vou estar na arquibancada aplaudindo.”

3. Descrição da prática Cultural:

Ao ser questionada sobre a apresentação da Tribo, se a narrativa encenada na avenida é a de uma invasão de uma tribo em outra, Sandra explica:

Porque assim cada Tribo tem a sua história, então hoje em dia são tudo renovado. Nas antiguidade era tudo assim, todo mundo era igual... dançava normal alí, então tinha a matança, depois tinha a macumba... hoje em dia, não é tudo diferente.

... exige a matança, só que cada um vem com uma história diferente.

Seu Pindoba complementa:

Que naquela época... naquela época, tudo quem fez a remodelação em tudo por tudo... que todos dizem, não é eu que tô dizendo, não, mas é que, pode procurar saber, a remodelação... Porque naquela época, a escola de samba tinha cordão, naquela época... e as Tribos Indígenas também tinham cordão, depois que eu entrei na escola de samba, aí eu achei por bem fazer uma modificação, acabar com esse negócio de cordão e botar ‘ala’, aí fiz isso! Fiz isso lá nas escolas de samba e fiz nas Tribo Indígenas. Tanto que hoje não tem mais cordão, hoje tem ala, que era primeiro guia, segundo guia, terceiro guia e daí por diante. O mestre dava um apito era no meio, dois apito era se virando e três apito era circulando o clube sozinho, aí só ficava aquele pessoal na frente dançando, e aquele cordão, com um atrás do outro. Aí eu achei por bem, que ficava bem pro clube sem se... organização porque se saia aqueles dois cordão, daí ficava aquele negócio feio, muito mal feio... eu achei por bem organizar e hoje em dia, todos eles me acompanharam. Tudinho saia de pés naquela época... Tudo saiu daqui de dentro.

Sandra complementa que na tradição da brincadeira, o que provoca a matança varia de Tribo pra Tribo:

É.. de Tribo pra Tribo... Tem a matança, vem a guerra indigna... vem com o tema...

Que antigamente, não tinha esse negócio de tema. Antigamente não era tema, era lá.. todo mundo era igual, dançava os paços todo mundo igual, aí tinha a hora da morte, aí dizia a sua loa... Pronto! Acabou! Hoje em dia, renovou, então cada um vem com a sua história, com o seu tema e faz lá o teatro, faz o show lá. De acordo com o seu tema. A matança é tipo assim, uma coisa obrigatória. Todo mundo tem só que é diferente as coisas. Uns vem com o tema da guerra indígena, as vezes uma tribo invade a outra... como seu tema. Depois dessa história de tema, aí ficou um pouco diferente. Porque agora é assim... você vem com um tema, aí você vai elaborar a morte de acordo com seu tema. Mudou um pouco, a questão.

Pindoba conta que a loa do Africanos tem a ver com a Loa:

Na época do finado era “Orocombê, orocombá! Somos os índios Africanos, pronto pra guerrear!”, Sandra explica que hoje o começo da loa é diferente “sou índio, sou guerreiro pé descalço, braço nú...” mas que a cada ano a loa modifica.

A loa hoje está completamente diferente, aí vai.. cada qual faz a sua modificação e todo mundo dá certo, na hora da matança.. aí o mestre vai e diz... diz a loa dele aí faz a matança e vem a macumba, aí na macumba ele apita e tudo fica normal e pronto.. é a coca, tem tesoura, é o tobo... é tudo.. é muito interessante! Então hoje tá tudo modificado, muito bacana. Agora não há possibilidade.. o pessoal fala de tirar a morte... se tirar a morte dos Índios, acabou com os Índios porque o principal da Tribo Idígena é a morte! Se.. não houve a morte, acabou-se.

4. Localização:

Sede: Rua dois Irmãos, Jardim Samaritano - Cristo

Outros locais importantes: Avenida Duarte da Silveira

5. Histórico (Origens e transformações do grupo ao longo do tempo)

Seu Pindoba explica que a Tribo Africanos é a tribo mais antiga em atividade:

Essa Tribo foi fundada no ano de 1918, então ela completou ano, ano passado, completou cem anos, quer dizer, para o próximo ano agora vai completar cento e um anos.

De acordo com seu Pindoba, quem antes de ser o responsável pela Tribo era da diretoria era o senhor João José dos Anjos e Zé bolinho “os responsáveis era ele e Zé bolinho”. Ele explica que a tribo na época de sua fundação era sediada na Torre, rua Manoel Deodato, depois a sede se mudou para o Cristo, desde então, se manteve no bairro.

Sandra explica a paixão do pai em ver a Tribo na avenida, e da responsabilidade e honra que é estar à frente da agremiação:

Ele faz isso por amor, porque ele quer ver mesmo ali bonito! Quer ver na avenida bonito... e os aplausos, as pessoas, a admiração do povo, o povo dizendo “lá vem o Africanos”, o nome do Africanos, é um nome forte que o africanos já ganhou até um prêmio “cucu” que é um prêmio assim de super campeão, que ele já passou na avenida, três anos sem precisar de.. de... se julgado, por conta que todo ano ele era campeão, campeão, campeão!.. ah.. no caso, a prefeitura decidiu assim, que não precisava julgar o Africanos. Então ele tem esse nome a zelar. Ele foi a única tribo que já foi à Alemanha... Já foi à Alemanha, a única Tribo. E ele tem esse nome a zelar, e ele ganhou esse prêmio “Cuco” é um prêmio que... também é a única Tribo que já ganhou foi essa, então ele tem um nome a zelar...

Sandra também comenta que antigamente a tradição da Tribo Africanos, era se pintar a pele com cor preta e que neste ano de 2018, eles recuperaram esta tradição.

6. Alegorias / categorias de objetos

Estandarte	Feiticeiro	Componentes	
Mestre e Contramestre	Matadores	Comissão de Frente	
Espião	Baliza	Orquestra	

7. Confecção

Confecção dos materiais é realizada na sede, que é a residência de Sandra e Seu Pindoba, apenas o serviço de costura é feito fora da sede.

[A criação de um modo geral é bem coletiva?] É coletiva, nossa criação é coletiva. Principalmente com a diretoria, quando eles vêm com uma opinião a gente sempre quer saber o que, pra gente saber que aquilo ali vai de acordo com o nosso tema. A gente faz a reunião porque tem que ser um ali, ajudando o outro.

[Sobre a produção desses objetos a maioria deles vocês produzem aqui atrás?] A maioria aqui a trás.

(...) Tem outras coisas que é no sigilo na casa do vice-presidente. Quando a gente quer fazer uma surpresa, porque aqui é assim, a gente é uma guerra. Enquanto ta no carnaval todo mundo é amigo, quando você chega na avenida todo mundo tem que ser inimigo do outro. Aí é tanto que quando as pessoas assim, como a gente somos tudo amigos durante o ensaio são amigos, aí eles vem frequenta sua casa a gente deixa ver né? É tanto que as surpresas têm muita coisa que a gente aprendeu a fazer fora na casa do vice-presidente por conta disso, é tanto que esse ano foi produzida aqui essa oca quando

a gente chega na avenida uma oca de quatro partes, chega na avenida tava lá o Tupi Guarani com um oca de quatro partes. Pessoas daqui e aí vai conversando e vai dizendo o povo fazendo as coisas, eles não sabem criar, eles querem copiar. Aí a gente inventou agora de a casa do vice-presidente que lá uma parte a gente vamos agora fazer lá, nossas explosão, nossas coisas diferentes vão pra lá, porque aqui tá muito visto.

(...) A costura é tudo fora. [Ai nesse caso o cocar também, né?] Só o original por conta do tema, aí a gente teve que procurar fora, mas a gente faz tudo aqui, tudo. Só esse aí que foi fora, por conta do tema, né? E ela que era a costureira, ela que fazia minha mãe. Era tudo aqui, geral, tudo, só que o tempo passou...

[Vocês conseguem aproveitar bastante do material do ano anterior?] Muito não, por causa dos temas. Porque agora é tema não conseguem muito não. O que a gente consegue aproveitar são as penas, pena de pavão, né? Que muitas quebram quando dá uma agitadinha, outras não prestam, a gente já bota nos menores, porque elas quebram. Mas material em si, os 'cocar' grande, o espião, do jeito que ele tá aí, a gente pega e rasga e vai tudo pro lixo.

(...) Só fica o esqueleto. [A estrutura da pra usar vários anos?] A estrutura dá, é tanto que tanto usar, esse ano vai ser desmanchado e fazer uma nova porque ele tá todo mole. O menino que dança como ele sentiu muito na avenida lá, que tava muito tombando. [E aí a criação como eu já tinha perguntado não é só uma pessoa?]

Não, a gente tem uma diretoria que essa diretoria a gente vai pensar e bota em prática. "O tema é esse, vamos fazer isso. E aí vocês tão de acordo?". Aí cada um vai ter a sua opinião até chegar na finalidade certa. (...) É coletivo. Mas a principal ideia no caso da gente aqui. "Aí vamos ver vocês tem a opinião melhor, vamos colocar isso aí, vamos pegar um pouquinho de cada". Um pouquinho de cada pra elaborar.

8. Observações

Mestre Pindoba relata da dificuldade de se produzir a Tribo com o recurso disponibilizado pela prefeitura, que é muito pouco para suprir os gastos com a agremiação.

É uma porcaria, porque a gente sai assim com cento e vinte tantos... pessoas, pra pagar transporte, comprar pena de pavão que uma pena de pavão é dois reais e cinquenta, uma pena de pavão, agora, ultimamente, agora, aumentou. Quer dizer, meu capacete aí cada qual cada capacete aí tem um capacete aí que ele pega na base de mais de cinco mil penas...

Sandra explica que para o carnaval de 2018 o grupo preparou uma apresentação especial, que o tema foi o aniversário de cem anos da Tribo. E que foi preparada várias alas homenageando pessoas que participam ou que já participaram do carnaval.

Fontes:	Entrevista: Pindoba, Entrevista <i>in loco</i> . Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Africanos. João Pessoa, 15 dez. 2018. E Sandra, Entrevista <i>in loco</i> . Sede da Tribo Indígena Carnavalesca Africanos. João Pessoa, 15 dez. 2018. Imagens: fotos do acervo de Marcela
---------	--

Data preenchimento: janeiro/2019

Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos

Categoria: Estandarte

Catalogação: TI.08.01



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos		Categoria: Estandarte	Catalogação: : TI.08.01
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 08/02/2018	Objeto em preparação	Data: 08/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Bandeira
Uso/ Função:	Identificar a Tribo, bem como a data do desfile
Peças do objeto:	Estandarte, cocar, calça e tanga
Material:	Estandarte: pelúcia, franjão, estopa, palha da índia, pelúcia estampada, fita de para viés decoração ; Cocar: penas e linhas ; Calça: pelúcia preta e estampada ;Tanga: pelúcia branca, estopa, pena, pelúcia preta e estampada.
Cores:	Predominantemente preto e branco
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso IV.
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Sandra
O estandarte é o coração da tribo. Ele é o coração, se não vier acabou. Porque ele tá representando o nome, ele vem com o nome. Ele vem representando o nome e o nome é o coração da tribo. É o ponto principal o estandarte. [O estandarte sempre tem que ter o nome, a data né?] O nome, o ano, ele tem que existir, ele tem que ter, ele é coração da tribo. ... Aqui tem pelúcia, aqui tem franjão, estopa, palha da índia, aqui tem a pelúcia de como se fosse de tigre, pele de tigre de onça que é pra decoração. E aqui esse índio que a gente coloca sempre no estandarte ele representa, esse índio aqui, ele tem que vir o que? O cocar, que é a apresentação, você tá ali trazendo o ao todo aqui ó, o nome Africanos, o que você vai representar o índio aqui que você apresentar que é o estandarte aqui né? O principal, o seu tema tem que vir nele no estandarte também, né? No caso o nosso era cem anos. Ele é o coração da tribo ele tem que vir lá, você vendo lá, você tá vendo tudo, você tá vendo o que o Africanos vai apresentar o nome da tribo. [Isso é pintura ou é impressão?] Pintura. A gente pesquisa o que a gente quer, como aí era a nova geração que era os três ...até chegar no idoso. Aí a gente mandou fazer. ... O que tem é nesses negócios aqui do lado, a gente colocou umas peninhas de pato, pra representar porque índio tem pena e sempre tem que colocar algo no estandarte de índio, né? Pra venha alguma coisa pra se sentir que é de índio mesmo.	
Data:	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos

Categoria: Espião

Catalogação: : TI.08.02



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos		Categoria: Espião	Catalogação: : TI.08.02
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	Data: 08/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Koká
Uso/ Função:	Abrir o caminho
Peças do objeto:	Capacete, calça e tanga
Material:	Capacete: pena de pavão, pena de bua, pelúcia, espuma, ferragem, papel de cimento, brilho, espuma, espelho e pena ;Calça: pelúcia preta e estampada ;Tanga: pelúcia branca, estopa, pena, pelúcia preta e estampada
Cores:	Predominantemente preto, branco e vermelho
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso III.
Quantidade média de reproduções do objeto:	03
Registro Oral	
Nome:	Sandra
A função dele é tipo o estandarte também, ele tem que ter na avenida lá. No caso ele tanto que antigamente não tinha nem pontuação pra ele nem existia, hoje em dia tem, ele é um item principal é o cocar. Você vai ter que dar nota a ele e antigamente não tinha isso. Você poderia sair até sem. Só que era muito chato. É tanto que eles acharam tão importantes que eles colocaram a pontuação. [Esse nome espião que leva, né? Ele tem a ver com...] Porque ele tá na frente mesmo, ele tá espiando tudo e colocaram esse nome por conta disso. Porque ele é o primeiro da frente é tipo que ele tá vendo tudo, o espião. ...É tá vigiando tudo na tribo. Tipo na aldeia ele tá lá. Ele é o primeiro que tá lá vendo tudo pra falar pra trás. O espião. ...Tem pena de pavão, tem a pena de bua, que bua é essa preta, aí tem pelúcia, tem espuma. ...Tem a ferragem, aí pega aqueles papel de cimento e fora ele todinho pra depois começar a decoração, usamos muito brilho. (...) espuma. Espelho. E a pena porque é originado do índio tem que ter a pena. (...) os da frente eles todos estão de calça e tanga. Porque ele é o espião e tá ali enganando né? Tipo assim, ele não tá vindo com a roupa de índio né? Tá com a calça pra espiar pra dizer o que tá atrás. ... Rapaz, um cocar desse... Porque tem nele duas camadas de pena de pavão, ele é tipo um tapete, tem a primeira camada e tem a segunda, aí tem umas quatro mil penas. Uma pena só é um real e cinquenta, eu acho que agora deve ser uns dois reais, independente do tamanho. Pra encher ele como nós fizemos aqui você não vê o outro lado do cocar não. Aqui eu posso dizer que a gente gasta uns dois ou três mil nele. Porque é espelho que a gente coloca, o bua é vinte reais, o bua que a gente compra vinte, vinte e cinco reais, o bua não dá nem um pedacinho aqui ó. O cocar pra colocar nele todo, cada pedacinho desses é um valor. A pena de bua é muito cara.	
Nome:	Pindoba
É quem puxa... O capacete é feito de arame. Depois dele pronto dá uns dois mil reais.	
Data: Janeiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos

Categoria: Mestre

Catalogação: : T1.08.03



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos		Categoria: Mestre
		Catalogação: : TI.08.03
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	

Outras denominações:	Cacique
Uso/ Função:	Organização do Grupo, falar a loa no final da matança
Peças do objeto:	Cocara, calça tanga e arco e flecha.
Material:	Cocara: penas e linha ; tanga: estopa, pelúcia e pena; calça: pelúcia; e Arco e Flecha: madeira.
Cores:	Predominantemente preto, branco, vermelho e bege.
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	Aproximadamente 02 (mestre e contramestre)
Registro Oral	
Nome:	Sandra
[E o apito, qual a função do mestre?] É tipo pra... é a língua dele ali, no caso ele não fala. Ele vai apitar, é tipo num jogo, um juiz ele vai apitar ali a língua do índio. Ele apitando ali, o pessoal vai seguir o que ele quer. [Então o apito se comunica com a dança e se comunica com a orquestra?] É com a orquestra, com o batuque.	
Nome:	Pindoba
...na hora da matança... aí o mestre vai e diz... diz a loa dele aí faz a matança e vem a macumba, aí na macumba ele apita e tudo fica normal e pronto.. é a coca, tem tesoura, é o tombo...	
Data: Janeiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos

Categoria: comissão de Frente e matadores

Catalogação: : TI.08.04



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos		Categoria: comissão de Frente e matadores	
		Catalogação: : TI.08.04	
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	Data: 11/02/2018	Objeto em uso
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 08/02/2018	Objeto em preparação	Data: 08/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Ala de frente
Uso/ Função:	Desenvolver a coreografia e encenação
Peças do objeto:	Cocara, tanga, punho, perneira, maracá e lança.
Material:	Cocar: penas e linha ; tanga: estopa, pelúcia e pena ; punho: estopa e pelúcia e pena; perneira: estopa e pelúcia e pena; maracá: cabaça, sementes e madeira; e lança: madeira.
Cores:	Predominantemente preto, branco, vermelho e bege.
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	Aproximadamente 14
Registro Oral	
Nome:	Sandra
Essa daí é a nossa Comissão de Frente... Esses cocares, a gente foi buscar em Recife, os índios originais que fizeram, mão a mão, coisa indígena mesmo. [eles são os responsáveis por fazer a matança?...]...também são, eles são os matadores. Eles que são os matadores, eles matam toda a tribo. Só fica ele no final com o mestre. Aí o mestre sai matando eles... só que como eu lhe falei, dependendo do tema aí a gente elabora como é que faz a matança. Que mata toda a Tribo. ... esses maracá são tudo original.. (...) Como eu te falei antigamente a comissão de frente não tinha nenhum significado, porque no índio não existia. É tanto que não tem pontuação pra ela, nós aqui os Africanos que começamos inventar isso e todas as tribos estão fazendo. Não existia isso. As roupas são mais bonitas e mais originais do que o pessoal que vem atrás é aonde a gente gasta mais. [E são os matadores?] É são os matadores da tribo. No caso a gente pegou os matadores que era no meio e colocou pra frente, na comissão de frente... Eles que fazem a coreografia e a morte total do índio.	
Data:	Janeiro/2019
Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos

Categoria: Feiticeiro

Catalogação: : T1.08.05



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos		Categoria: Feiticeiro	Catalogação: : T1.08.05
			
Frame de vídeo: Marcela de Oliveira Muccillo		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	Data: 11/02/2018	Objeto em uso

Outras denominações:	Pajé
Uso/ Função:	Ressuscitar a tribo
Peças do objeto:	Cocar, gola, guias, punho, blusa de malha, saia, tanga e maracá.
Material:	Cocar: tecido, pelúcia e penas; gola: tecido e penas de buá; guias: sementes, cordão e dente; punho: palha da índia, tecido e búzios; blusa de manga comprida: de malha; saia: palha da índia ;tanga: pelúcia, preta e estampada, semente e búzios e maracá: cabaça, madeira e sementes.
Cores:	Predominantemente preto e bege
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	01
Registro Oral	
Nome:	Sandra
...ele é tipo o pajé da tribo. Ele tá ali, tanto é que ele não morre, ele é tipo o pajé velho da tribo. É no caso o curandeiro da tribo. Ele fica lá pra soltar no caso o cachimbo dele, pra fazer a cura, ele tipo na magia, a feitiçaria é com ele. Na tribo tem que ter o pajé original, o feiticeiro, toda tribo, índio é o tema original. Não é obrigatório, porque ele não tem julgamento pra feiticeiro, mas todas têm. Só não é obrigado. (...) O material também, muito bua, muita palha da índia. E gastamos estopa, muita estopa, palha e muito bua e a pena de peru. É muita pena no feiticeiro. Muitos búzios, cabaça. (...)Ele que faz, mas a gente dá o material. Ele pesquisa o modelo que ele quer, no caso no tema, né? O tema é tal... aí ele pesquisa, traz pra gente elaborar pra ver se a gente aceita ou não. Aí, todos nós vamos dizer, acrescenta isso, arruma aquilo. Aí a gente dá o material e ele já vem pronto. [E sobre essa coisa da Jurema? O feiticeiro tem alguma relação com a Jurema] É com a Jurema. Isso ai tem a ver, é tanto que ele é... geralmente os feiticeiros que a gente conhece.	
Data: Janeiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos

Categoria: Ala especial – Proteção da Tribo

Catalogação: : TI.08.06



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto		
Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos	Categoria: Alas especiais	Catalogação: : TI.08.06
		
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		
Data: 11/02/2018	Objeto em uso	

Outras denominações:	Não há outra denominação
Uso/ Função:	Fazer a defesa com escudos e lanças
Peças do objeto:	Cocar, tanga, bustiê, punho, perneira, lança e escudo
Material:	Cocar: penas e linha; tanga: pelúcia estopa; bustiê: pelúcia e estopa; punho: pelúcia e palha; perneira: pelúcia palha; lança: madeira; e escudo: palha.
Cores:	Predominantemente preto, bege e branco.
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	06
Registro Oral	
Nome:	Sandra
[Esse pessoal que tá com o escudo é a comissão de frente?] É não, aqui é as meninas. É a proteção indígenas delas. (...) A roupa delas é pelúcia, estopa e tem pena de buá. E os 'cocar' é tudo original indígena mesmo. A gente só colocou do povo de trás, no caso o pessoal da primeira geração.	
Data: Janeiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos

Categoria: Alas comemorativas

Catalogação: : T1.08.07



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos		Categoria: Alas comemorativas	Catalogação: : T1.08.07
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 04/02/2018	Objeto em preparação	Data: 04/02/2018	Objeto em preparação

Outras denominações:	Não há outra denominação
Uso/ Função:	Homenagear
Peças do objeto:	Homens: calça, camiseta e cocar; Mulheres: tanga, bustiê, perneira e punho
Material:	Homens: calça, camiseta e cocar; Mulheres: tanga, bustiê, perneira e punho
Cores:	Predominantemente preto, bege e branco
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	Ala 'velha guarda': 04; ala 'Futuros guerreiros': 08
Registro Oral	
Nome:	Sandra
[Esses que vieram na velha guarda?] São pessoas que já dançaram antigamente, ai eles vieram com essas roupas porque antigamente o índio saia assim com blusa, calça, tinha até a blusa de manga, só que a gente nem botou porque ta muito quente. [Aqui os futuros guerreiros, as crianças, é comemorativo?] As crianças, é.	
Data: Janeiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos

Categoria: cacique original

Catalogação: : TI.08.08



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca: Africanos		Categoria: Cacique original	Catalogação: : Tl.08.08
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 04/02/2018	Objeto em preparação	Data: 04/02/2018	Objeto em preparação
Outras denominações: Não há outras denominação			
Uso/ Função: Encenar e recitar o texto da história da Tribo africanos			
Peças do objeto: Tablado, calça, Cocar, guias e punho			
Material: Tablado: madeira e TNT; calça: pelúcia ; Cocar: tecido, papelão e penas ; guias: semente e linha; e punho: pelúcia e penas.			
Cores: Predominantemente preto			
Regulamentação (se houver): ---			
Quantidade média de reproduções do objeto: 01			
Registro Oral			
Nome: Sandra			
E no caso ele tem algum nome, pra ele, ele é um destaque? Sandra: Ele era o índio africano, o original africano, o cacique. O cacique da tribo africana. 'Tamo' homenageando			
Data: Janeiro/2019		Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca:

Categoria: Orquestra

Catalogação: : TI.08.09



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca:		Categoria: Orquestra	Catalogação: : T1.08.09
			
		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
		Data: 08/02/2018	Objeto em preparação
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 08/02/2018		Objeto em preparação	Data: 08/02/2018
		Objeto em preparação	

Outras denominações:	Batuque, músicos
Uso/ Função:	Produzir a música da brincadeira
Peças do objeto:	Bata, calça, cocar e instrumento (zabumba, ou ganzá, ou triângulo, ou gaita)
Material:	Bata: tecido e franjão; calça: tecido e franjão; cocar: pelúcia, penas, papelão, tecido e palha e instrumento musical (zabumba: lata ferragens e couro; ou ganzá: lata, semente e chumbo; triângulo: ferro, ou gaita cilindro de alumínio)
Cores:	Preto branco e bege
Regulamentação (se houver):	Regulamento Oficial Tribos Indígenas – Carnaval Tradição 2018: Art. 26, inciso II
Quantidade média de reproduções do objeto:	06
Registro Oral	
Nome:	Sandra
[E os músicos, a gaita? A gaita tem uma função específica na tribo?] Tem a gaita, é ele aqui... é importante, é exigente que ele tenha essa gaita. A função é tocar as músicas do índio, ele toca aí as músicas todos os toques, os tons do índio, aí pra fazer a coreografia é de acordo com o toque da gaita... A zabumba, triângulo e ganzá	
Data: Janeiro/2019	Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo

Ficha de Catalogação de Objeto

Tribo Indígena Carnavalesca:

Categoria: Objetos cênicos

Catalogação: : TI.08.10



Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)

Data: 11/02/2018

Objeto em uso

Ficha de Catalogação de Objeto			
Tribo Indígena Carnavalesca:		Categoria: Objetos cênicos	
		Catalogação: : TI.08.10	
			
		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018		Objeto em uso	
			
Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)		Fotógrafo: Willer de Lima Fernandes (Kio Lima)	
Data: 11/02/2018		Objeto em uso	

Outras denominações:	cenário
Uso/ Função:	Criar o ambiente para a apresentação
Peças do objeto:	Oca, placa, bolo, carranca, vegetação
Material:	Oca; ferro e TNT; Bolo: ferro e emborrachado com brilho; carranca: madeira esculpida; vegetação: muda de plante em vaso.
Cores:	Predominantemente preto e branco
Regulamentação (se houver):	---
Quantidade média de reproduções do objeto:	
Registro Oral	
Nome:	Sandra
[A oca que vocês levam ela tem um função de cenário é isso?] É de cenário. A casa dos índios não é a oca? Ai a gente sempre coloca lá tipo um cenário, né?... Só que por conta de que a gente tem que alugar mais caminhão, por conta da verba que não dá. [Aqui é a oca surpresa?] É foi a oca surpresa foi o bolo de cem anos. [Ai os objetos também né? São comemorativos...] É isso aí ninguém usa mais não esse daí foi só pra comemoração mesmo.	
Data:	Janeiro/2019
Responsável pela pesquisa: Marcela de Oliveira Muccillo	

CARNAVAL TRADIÇÃO 2018

REGULAMENTO OFICIAL – TRIBOS INDÍGENAS

CARNAVAL TRADIÇÃO 2018 **REGULAMENTO – TRIBOS INDÍGENAS**

CAPÍTULO I **DA ORGANIZAÇÃO DOS DESFILES**

Art. 1º – Os desfiles das Tribos Indígenas no ano de 2018 obedecerão às normas contidas no presente regulamento.

CAPÍTULO II **DAS OBRIGAÇÕES DA FUNJOPE**

Art. 2º – A FUNJOPE se responsabilizará pela adoção de medidas relativas ao funcionamento da Avenida onde acontecerão os desfiles, nos termos do disposto neste regulamento.

Art. 3º – Além das atribuições que confere o artigo anterior, a FUNJOPE se responsabilizará, com exclusividade, por tudo que se relacione a direção artística dos desfiles.

CAPÍTULO III **DO LOCAL, DAS DATAS E HORÁRIOS DOS DESFILES**

Art. 4º – Os desfiles de que trata este regulamento serão realizados na Avenida Duarte da Silveira, situada na Av. José Américo de Almeida Filho, nesta cidade, nos dias 10 e 11 de fevereiro de 2018, respectivamente, sábado e domingo de Carnaval.

Parágrafo Único - Cada Tribo Indígena terá um tempo de 30 (trinta) minutos de apresentação com intervalo de 05 (cinco) minutos entre uma agremiação e outra.

CAPÍTULO IV **DAS AGREMIÇÕES PARTICIPANTES**

Art. 5º – A Categoria Tribo Indígena 2018 será composta por 08 (oito) agremiações, obedecendo à ordem de desfile em anexo a este regulamento, com a seguinte composição:

I- Dia 10/02/2018 (Sábado)

1. TUPY GUANABARA
2. XAVANTES
3. PAPO AMARELO
4. TUPY GUARANY
5. GUANABARA

II- Dia 11/02/2018 (Domingo)

1. TUPINAMBÁS
2. TABAJARAS
3. AFRICANOS

Art. 6º- A agremiação que descumprir o compromisso de desfilar no Carnaval Tradição 2018 será imediatamente desclassificada pela FUNJOPE, obrigando-se ainda a devolver ao FMC.

devidamente atualizada, toda e qualquer importância recebida a título de subvenção, relativamente ao ciclo de Desfile do Carnaval Tradição 2018.

Parágrafo Único - Além das penalidades impostas no caput deste artigo, a referida agremiação estará suspensa por um 01(um) ano, não podendo participar do próximo desfile.

CAPITULO V

DA COORDENAÇÃO DOS DESFILES

SEÇÃO I

DA DIREÇÃO ARTÍSTICA DOS DESFILES

Art. 7º – A Direção Artística dos Desfiles será composta por representantes da FUNJOPE e por um Diretor ou representante da Licarjope e a ela estarão subordinadas as seguintes Comissões:

- I. Concentração;
- II. Cronometragem;
- III. Verificação das Obrigações Regulamentares
- IV. Dispersão
- V. Comissão Julgadora

Art. 8º – Caberá ao Presidente da FUNJOPE a aplicação das penalidades de conformidade com o estabelecido neste regulamento.

SEÇÃO II

DA COMISSÃO DE CONCENTRAÇÃO

Art. 9º – A Comissão de Concentração deverá ser composta por 02 (dois) membros indicados pela Direção Artística dos Desfiles e com apoio operacional do pessoal colocado à sua disposição, sendo de sua competência apresentar relatório discriminando cada agremiação concentrada de acordo com as necessidades de alterações físicas a serem feitas nas Áreas de Concentração.

Parágrafo Único - A eventual ausência de membros previamente escolhidos será suprida por indicação da Direção Artística dos Desfiles.

SEÇÃO III

DA COMISSÃO DE CRONOMETRAGEM

Art. 10 – A Comissão de Cronometragem deverá ser composta por 02 (dois) membros, todos indicados pela Direção Artística dos Desfiles.

Parágrafo Único - A eventual ausência de membros previamente escolhidos será suprida, até o momento do início dos Desfiles, por indicação da Direção Artística dos Desfiles.

Art. 11 – A Comissão de Cronometragem competirá:

- I. Acompanhar o acionamento do cronômetro, no início do Desfile de cada agremiação, assim como a sua respectiva parada, no término de cada Desfile;
- II. Apontar, em mapa específico, o tempo de Desfile de cada agremiação;
- III. Propor a aplicação de penalidades previstas no art. 17.

Art. 12 – A Liga Carnavalesca de João Pessoa, a seu critério, poderá indicar um observador para acompanhar o trabalho das Comissões de Cronometragem e Julgadora, podendo este manifestar-se exclusivamente em caso de suspeita de descumprimento do presente regulamento ou mediante ato que coloque sob suspeita a conduta da Comissão Julgadora.

SECÃO IV

DA COMISSÃO DE DISPERSÃO

Art. 13 – A Comissão de Dispersão deverá ser composta por 02 (dois) membros indicados pela Direção Artística dos Desfiles e com o apoio operacional do pessoal colocado à sua disposição.

Parágrafo Único - A eventual ausência de membros previamente escolhidos será suprida, até o momento do início dos Desfiles, por indicação da Direção Artística dos Desfiles.

CAPITULO VI

DA CONCENTRAÇÃO

Art. 14 – As concentrações das Tribos Indígenas acontecerão na Avenida Duarte da Silveira.

Parágrafo Único - As Tribos Indígenas que não se apresentarem com seus brincantes na Área de Concentração, dentro dos horários e de acordo com relatos previstos pela comissão de concentração de que trata dispositivos deste Regulamento, poderão ser penalizadas com a perda de 03 (três) pontos na somatória final.

CAPITULO VII

DO TEMPO DOS DESFILES

Art. 15 – O tempo de duração do desfile de cada Tribo Indígena é de 30 (trinta) minutos.

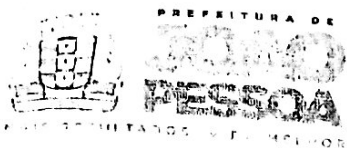
Art. 16 – Cada Tribo Indígena iniciará o seu respectivo desfile ao sinal verde autorizado pela Direção Artística dos Desfiles, obedecendo ao seguinte procedimento:

I. Para a primeira Tribo Indígena a desfilar, no dia do desfile, o procedimento será o seguinte:

- a) o primeiro chamamento do locutor do evento alertará que seu desfile deverá ter início no prazo máximo de 10 (dez) minutos;
- b) o segundo chamamento do locutor do evento alertará que o seu desfile deverá ter início no prazo máximo de 5 (cinco) minutos e a partir deste chamamento poderá ser iniciada a apresentação do seu Batuque, com a emissão do som para toda a Avenida, sem valer pontos;
- c) o terceiro chamamento do locutor do evento determinará o início de seu desfile, ocasião em que se dará o imediato acionamento do cronômetro.

Art. 17 – O desfile de cada Tribo Indígena se iniciará no momento em que, por ordem da Direção Artística dos Desfiles, for acionado o cronômetro, e terminará no momento em que o último componente ou alegoria da agremiação desfilou ultrapassando a faixa demarcatória do final do desfile.

Parágrafo Único - Em caso de falta de energia e/ou som, parcial ou total, na pista de desfiles em que a agremiação já tenha iniciado o seu desfile, este será suspenso sem perda de pontos.



Art. 18 – A Tribo Indígena que não desfilar no tempo estabelecido neste regulamento poderá sofrer, segundo o mapa específico da comissão de cronometragem, a penalidade a seguir:

- I. Perda de 1,0 (um ponto) para cada minuto excedente, quando o tempo de desfile for superior à 30min59s (trinta minutos e cinquenta e nove segundos).

CAPITULO VIII DA DISPERSÃO

Art. 19 – A área de dispersão compreende o trecho entre a faixa demarcatória de final de desfile, passando pela Avenida Maximiano de Figueiredo, em até 1.000 metros da passarela oficial.

Art. 20 – Cada Tribo Indígena é obrigada a dispersão de suas alegorias, no tempo máximo de 02h00min, para evitar engarrafamento nas proximidades da passarela oficial.

Art. 21 – As Tribos Indígenas que não retirarem suas alegorias da área de dispersão, dentro do prazo máximo fixado no art. 20, poderão ser penalizadas com a perda de 01 (um) ponto na somatória final.

CAPITULO IX DAS OBRIGAÇÕES DAS TRIBOS INDÍGENAS E DEMAIS RECOMENDAÇÕES

Art. 22 - Além de outros deveres expressos no presente regulamento, cada Tribo Indígena tem a obrigatoriedade de:

- I. Não apresentar animais vivos, de quaisquer espécies, inclusive para tração de alegorias;
- II. Impedir a apresentação de pessoas que estejam com a genitália à mostra, decorada e/ou pintada;
- III. Não utilizar, distribuir ou apresentar-se com qualquer tipo de "merchandising" (implícito ou explícito) em enredo, alegorias, adereços, alas, destaques, ou quaisquer outros meios, exceto:
 - a) nas vestimentas dos empurradores de alegorias;
 - b) nos instrumentos musicais do batuque, desde que sejam as de seus respectivos fabricantes.
- IV. Não é permitido que qualquer integrante da Tribo Indígena participe em mais de uma agremiação usando a fantasia da sua tribo de origem; o não cumprimento acarretará na perda de 2 (dois) pontos na somatória final.
- V. Não será permitida a utilização de fogos durante o desfile.
- VI. Desfilar com no mínimo 50 (cinquenta) componentes.
- VII. Ao término da apresentação de casa clube de orquestra, será convidado um representante da agremiação para assinar, junto com a Comissão Julgadora, a planilha de votação em duas vias de igual teor que serão envelopadas, lacradas, ficando uma via com o representante da agremiação e a outra via com a Funjope; em caso de tentativa de violação do lacre do envelope, confirmado pela Comissão antes da apuração dos votos, será desclassificada a agremiação responsável pelo ato.

Art. 23 – É importante que cada Tribo Indígena, em até meia hora antes do seu desfile, deverá entregar à comissão de concentração a sinopse do Tema para o Carnaval 2018.

CAPITULO X DO JULGAMENTO DOS DESFILES

Art. 24 – A Comissão Julgadora será composta por 05 (cinco) membros, sendo um para cada quesito e um deles julgará 02 (dois) quesitos

Art. 25 – A indicação dos membros da Comissão Julgadora é atribuição exclusiva da FUNJOPE.

CAPITULO XI DOS QUESITOS EM JULGAMENTOS

Art. 26 – Os quesitos em julgamento são os seguintes:

- I. Fantasia;
- II. Batuque;
- III. Koká;
- IV. Estandarte;
- V. Conjunto;
- VI. Coreografia;

Parágrafo Único - A FUNJOPE estabelecerá, junto com a Comissão Julgadora, os critérios de julgamento relativos a cada quesito.

CAPITULO XII DO SISTEMA DE CONCESSÃO DE NOTAS

Art. 27 – Cada Julgador concederá a cada Tribo Indígena notas de 5,0 (cinco) a 10,0 (dez) pontos, esclarecendo que:

- I. Serão admitidas notas fracionadas em decimais, tais como, por exemplo: 5,0; 5,1; 5,2; 6,1; 7,1; 8,2; 9,3; 9,9; 10,0 e assim sucessivamente, até a nota máxima 10 pontos;
- II. Em caso de rasura no mapa de notas, o julgador deverá esclarecer e confirmar, no espaço denominado "Observações", a nota concedida; se persistirem dúvidas, a nota desse jurado será anulada, não valendo para nenhuma Tribo Indígena participante.

Art. 28 – A apuração ocorrerá em data, horário e local público a ser definido pela Funjope, que adotará todas as medidas necessárias à realização dos trabalhos.

Art. 29 – A apuração será feita por uma comissão integrada por 03 (três) membros indicados pela Funjope e 01 (um) pela Licarjope.

Art. 30 – À comissão de apuração compete:

- I. A abertura e conferência dos envelopes contendo os mapas preenchidos pela Direção Artística dos Desfiles;
- II. A conferência dos envelopes contendo as folhas de julgamento preenchidas pelos 05 (cinco) julgadores dos 06 (seis) quesitos;
- III. A leitura e divulgação das penalidades que tenha sido aplicada de acordo com este regulamento, observando-se a ordem proferida pela:

- a) Direção Artística dos Desfiles;
- b) Cronometragem;
- c) Obrigatoriedade Regulamentares;
- d) Concentração;
- e) Dispersão.

- IV. A leitura e divulgação das notas conferidas pela comissão de apuração serão na presença de um representante de cada categoria;
- V. Aplicar a nota 5 (cinco) na hipótese de uma ou mais agremiação deixarem de apresentar qualquer dos quesitos em julgamento
- VI. Decidir as dúvidas quanto ao preenchimento das fichas de votação dos julgamentos e dos mapas específicos da Direção Artística dos Desfiles e das comissões a ela subordinadas;
- VII. Totalizar os mapas de apuração;
- VIII. Aplicar os critérios de desempate e classificação estabelecidos neste regulamento;
- IX. Divulgar o resultado dos desfiles;
- X. Lavrar e assinar as Atas de apuração.

CAPITULO XIII

DOS EMPATES E CRITÉRIOS TÉCNICOS

Art. 31 – Não são admitidos empates entre duas ou mais agremiações.

Art. 32 – Ocorrendo empate, a Comissão de Apuração deverá adotar o procedimento a seguir:

- I. Recorrer-se-á, sucessivamente, ao somatório das notas concedidas no quesito Batuque;
- II. Persistindo o empate, recorrer-se-á novamente à nota de Fantasia;
- III. Persistindo, ainda, o empate, recorrer-se-á novamente à Coreografia;
- IV. Persistindo, ainda o empate, a classificação será definida por sorteio.

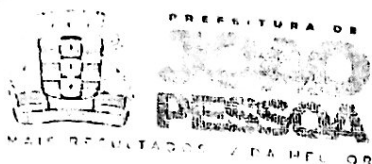
CAPITULO XIV

DAS IMPUGNAÇÕES

Art. 33 – As impugnações promovidas em razão de eventuais infringências a este regulamento e a outras normas estabelecidas em atos editados pela FUNJOPE deverão ser apresentadas, por escrito, pelo presidente da agremiação ou representante credenciado, junto à FUNJOPE, diretamente ao presidente da FUNJOPE, mediante protocolo, até as 09h00min do dia da apuração dos resultados dos desfiles, para serem analisados e decididos antes da abertura dos envelopes contendo as notas de cada agremiação.

Art. 34 – É de competência exclusiva da diretoria da FUNJOPE a apreciação e julgamento de qualquer recurso contra o resultado oficial dos desfiles, no que concerne às penalidades propostas pelas comissões previstas nos incisos I à V do artigo 7º e que forem aplicadas pela FUNJOPE.

§1º- O Recurso, que não terá efeito suspensivo, acompanhado das suas razões e dos documentos pertinentes, deverá ser apresentado diretamente ao Presidente da FUNJOPE, no prazo máximo de 24 (vinte e quatro) horas, contados a partir da Apuração do resultado,



devendo a FUNJOPE dar ciência às Tribos Indígenas, que terão prazo idêntico para se pronunciar, se for o caso.

§2º- Serão indeferidos de plano, pela Direção da Funjope, os recursos meramente protelatórios, intempestivos e os desacompanhados de qualquer meio de provas.

§3º- As Tribos Indígenas participantes dos desfiles do Carnaval Tradição 2018 se obrigam por seus representantes, subordinados, componentes e prepostos a respeitar e cumprir fielmente todos os termos do presente regulamento.

§4º- A inobservância ou falta de cumprimento do disposto no parágrafo anterior implicará na suspensão imediata de todos os direitos da agremiação infratora, bem como o bloqueio de qualquer receita que, por ventura, venha a ter direitos junto à FUNJOPE, até decisão final do procedimento judicial que tenha sido tornado, independentemente das demais sanções e cominações estatutárias.

Art. 35 – Da decisão da Diretoria da FUNJOPE, que deverá se dar no prazo máximo de 10 (dez) dias, contados da interposição dos recursos, caberá recurso ao seu conselho deliberativo do FMC no que for de sua competência no prazo de 05 (cinco) dias, contados da ciência da decisão, e idêntico prazo terão os eventuais terceiros interessados para se pronunciar.

Parágrafo Único - As decisões da FUNJOPE serão precedidas de pareceres a serem emitidos pela assessoria jurídica da FUNJOPE.

CAPITULO XV DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 36 – As omissões e contradições porventura contidas nesse regulamento serão resolvidas pela Direção Executiva da FUNJOPE, dando-se conhecimento imediato às Tribos Indígenas.

Art. 37 – Todos os Títulos, Capítulos, Seções, Artigos, Incisos, Alíneas e Parágrafos deste Regulamento foram analisados e aprovados em Reunião Plenária com maioria absoluta dos participantes das agremiações que constituem as Tribos Indígenas para o Carnaval Tradição de João Pessoa 2018.

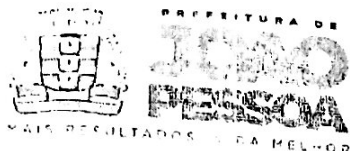
Art. 38 – Ao se inscreverem, todos e qualquer componente/brincante/músicos e responsáveis das agremiações carnavalescas, estarão automaticamente cedendo à PREFEITURA DE JOÃO PESSOA/FUNJOPE, todos os direitos relativos à utilização de imagem e som, a qualquer tempo, pelas empresas de Televisão, Rádios e Jornais que cobrirão os desfiles das Tribos Indígenas de João Pessoa.

João Pessoa, 16 de janeiro de 2018.

MAURICIO NAVARRO BURITY

Diretor Executivo

Fundação Cultural de João Pessoa - FUNJOPE



CARNAVAL TRADIÇÃO 2018

ORDEM DO DESFILE OFICIAL

Dia 10/02/2018 – SÁBADO

18h:30min a 18h:55min	Clube de Frevo Adolescente e Criança Feliz
19h:00min a 19h:30min	Tribo Indígena Tupy Guanabara
19h:35min a 20h:00min	Clube A Corda do Frevo
20h:05min a 20h:35min	Tribo Indígena Xavantes
20h:40min a 21h:05min	Clube de Frevo Piratas de Jaguaribe
21h:10min a 21h:40min	Tribo Indígena Papo Amarelo
21h:45min a 22h:10min	Clube de Frevo Os 25 Bichos
22h:15min a 22h:45min	Tribo Indígena Tupinambás
22h:50min a 23h:15min	Clube de Frevo São Rafael
23h:20min a 23h:50min	Tribo Indígena Guanabara
23h:55min a 00h:20min	Clube Alegria do Frevo

Dia 11/02/2018 – DOMINGO

17h:30min a 17h:55min	Clube de Frevo Dona Emília
18h:00min a 18h:30min	Tribo Indígena Tupy Guarany
18h:35min a 19h:00min	Clube de Frevo Bandeirante da Torre
19h:05min a 19h:35min	Tribo Indígena Tabajaras
19h:40min a 20h:05min	Clube de Frevo Ciganos do Esplanada
20h:10min a 20h:40min	Tribo Indígena Africanos
20h:45min a 21h:25min	Escola de Samba Pavão de Ouro
21h:35min a 22h:15min	Escola de Samba Independentes de Mandacaru
22h:25min a 23h:05min	Escola de Samba Império do Samba
23h:15min a 23h:55min	Escola de Samba Malandros do Morro
00h:05min a 00h:45min	Escola de Samba Unidos do Róger